Unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

THAUANA PAIVA DE SOUZA GOMES

DO SONHO À REALIDADE:

um estudo da trajetória de mulheres assentadas na constituição agroecológica através do resgate de saberes tradicionais

ARARAQUARA – S.P.
2018

THAUANA PAIVA DE SOUZA GOMES

DO SONHO À REALIDADE:

um estudo da trajetória de mulheres assentadas na constituição agroecológica através do resgate de saberes tradicionais.

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Gestão Escolar

Orientadora: Dulce Consuelo Andreatta Whitaker

Co-orientador: Sebastião de Souza Lemes

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2018

G633s

Gomes, Thauana Paiva de Souza
DO SONHO À REALIDADE: : um estudo da trajetória de mulheres assentadas na constituição agroecológica através do resgate de saberes tradicionais. / Thauana Paiva de Souza Gomes. -- Araraquara, 2018
210 p. : tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Dulce Consuelo Andreatta Whitaker
Coorientador: Sebastião de Souza Lemes

1. Ervas medicinais. 2. assentamento. 3. mulheres. 4. patrimônio. 5. relações de poder. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

THAUANA PAIVA DE SOUZA GOMES

DO SONHO À REALIDADE: um estudo da trajetória de mulheres assentadas na constituição agroecológica através do resgate de saberes tradicionais.

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Gestão Escolar
Orientador: Dulce Consuelo Andreatta Whitaker
Co-orientador: Sebastião de Souza Lemes
Bolsa: CAPES

Data de defesa: 28/02/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador:

Dra. Dulce Consuelo Andreatta Whitaker
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Membro Titular:

Dr. José Maria Gusman Ferraz
Universidade de São Paulo- USP

Membro Titular:

Dra. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante
Universidade de Araraquara- UNIARA

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus amores desta vida,

Fazer uma breve dedicatória deste trabalho às pessoas que mais fazem sentido em minha vida é o mesmo que pedir a um padre não fazer homilia. Mas, diante de todas as dificuldades que enfrentei e enfrento, agradeço primeiramente à Mãe Terra, às forças divinas e aos Xamãs da natureza.... por poder estar ao lado de uma família presente e companheira, nos problemas, nas alegrias e na tristeza. À minha mãe, Nilce, e ao meu Pai, Osmar, meu eterno agradecimento por me ensinarem a sensibilidade e a força, sem vocês não sou nada! Às minhas queridas companheiras irmãs, Thaine e Thaila, que me ensinaram a compartilhar e a respeitar o outro, sou fã de vocês! Aos meus cunhados, Daniel e Marcelo, parte da família e da felicidade que tenho. Finalmente, ao meu querido Marido, Daniel, companheiro de todas e para todas as horas, em você me inspiro, me vejo, respiro, sem você não sou nada. E à maior felicidade que a vida pôde me proporcionar: meus filhos, Ayla, Aruan, e agora o prestes a nascer, Airú. À generosidade que a vida me proporcionou por vocês serem meus filhos nada pode ser pago, nada pode substituir e se comparar ao amor que conheci com vocês!

Obrigada vida!

AGRADECIMENTOS

À minha família, por me encorajar neste processo tão longo e tão difícil.

Agradeço a todos os idealistas que acreditam em um mundo melhor e mais justo, apesar da luta longa, difícil, injusta, a crença faz com que não desanimemos e continuemos nesta caminhada.

Agradeço imensamente à professora Dulce Whitaker, que não só me ofereceu um caminho de conhecimento, mas de sensibilidade e crença em um mundo melhor! Você sempre será minha grande inspiração!

A meu grande amigo Cuca, que acreditou no meu trabalho e em meu potencial, aceitando me receber em momentos duros e complicados.

Aos meus colegas de trabalho do NUPEDOR e do NEEA, que têm, durante tanto tempo, compartilhado conhecimentos e possibilidade de mudança real, mesmo que em pequena escala.

À minha grande amiga, generosa, querida, forte e parceira de todos os momentos: Vera Botta. Você tem tornado possível tantas coisas, entre elas o sonho de uma outra agricultura, mais humana e saudável. Eta mulher arretada!

Agradeço à UNESP e a tudo que me possibilitou, nestes 16 anos de estrada na instituição, parte da minha vida está aqui.

À CAPES:
O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

Finalmente, agradeço a todos os assentados e assentadas, indígenas, povos tradicionais que pessoas envolvidas vivem na terra, pois têm garantido que nossa memória, nossa origem e nossa vida seja mantida neste mundo!

PAZ E BEM!

"Educar é educar-se na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isso sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais." (FREIRE, 1983, p.15).

RESUMO

O presente trabalho é parte de estudos e parcerias desenvolvidas desde 2014 entre pesquisadores do NUPEDOR/NEEA, órgãos de fomento, assentados e instituições públicas privadas. Um processo de pesquisa/ação/extensão que se transformou em pesquisa de doutorado e em um produto material de ação social. O trabalho basicamente qualitativo buscou construir uma estrutura de pensamento que oferecesse elementos não numéricos para a pesquisa, mas o aprofundamento de temas como patrimônio, memória, valorização de saberes e práticas, trajetórias de vida e receitas de determinados usos das ervas, ou ainda depoimentos das mulheres. Desta maneira, foram escolhidas 25 mulheres pela relação com uma cooperativa e sua proximidade com o interesse por plantas medicinais e/ou ainda pelo conhecimento em a produção destas ervas. Foram realizadas entrevistas e visitas aos lotes com o intuito de elaborar um rol de informações que oferecessem elementos para mapear os quintais e os tipos de ervas produzidos por estas mulheres No que se refere propriamente a fundamentação teórica buscou-se discutir questões estabelecidas de gênero no universo da Reforma Agrária, de maneira a transcrever o importante papel de um grupo de mulheres em atividade destinada à geração de trabalho e renda, a partir da valorização de saberes tradicionais próprios do domínio feminino. Pensar nestes tipos de conhecimentos e nas suas resistências é, de certa forma, entender as brechas de um sistema econômico balizado no progresso, na economia monetária, no pragmatismo, na tecnologia e no global. O que revela um universo de tensões, constrangimentos, obrigações e violências que se impõem sobre as vidas dessas mulheres rurais e que, no processo de se formarem como sujeitas condutoras, mudam a realidade e constroem uma nova perspectiva sobre o que está estabelecido. Embora as práticas tradicionais ligadas à agroecologia sejam ainda embrionárias neste trabalho, é possível perceber, nos dados e na articulação das mulheres e dos grupos de universidades e demais instituições ligadas ao universo da agricultura familiar, um momento favorável à reelaboração de propostas de transição agroecológica, o que, por sua vez, encontra amparo em agentes, assentadas e assentados, que se dispõem a acreditar em uma realidade melhor, que, através do resgate de práticas e do processo de mudança paradigmática na forma de se produzir no campo, encontram um caminho possível para esta transformação. Por fim o trabalho buscou reforçar a concepção de que o processo de equilíbrio nas relações entre homem X mulher, na agricultura e na sociedade capitalista, que se realiza ao longo do tempo em formas mais complexas de se ver e enxergar o mundo inicia-se sob o ponto de vista de conservação e manejo dos recursos naturais, na valorização dos saberes próprios do grupo ou na ponderação igualitária das relações de poder da sociedade androcêntrica; sendo este um processo social em que se podem vislumbrar índices mais equilibrados, de equidade e qualidade de vida.

Palavras-chave: Ervas medicinais, assentamento, mulheres, patrimônio, relações de poder.

ABSTRACT

The present work is part of studies and partnerships developed since 2014 between NUPEDOR / NEEA researchers, development agencies, settlers and public private institutions. A research / action / extension process that has become doctoral research and a material product of social action. The basically qualitative work sought to build a thought structure that offered non-numerical elements for research, but the deepening of themes such as heritage, memory, valuing knowledge and practices, life trajectories and recipes for certain uses of herbs, or even statements from women. In this way, 25 women were chosen for their relationship with a cooperative and their proximity to the interest in medicinal plants and / or even for their knowledge in the production of these herbs. Interviews and visits to the lots were carried out in order to elaborate a list of information that would offer elements to map the backyards and the types of herbs produced by these women. Agrarian Reform, in order to transcribe the important role of a group of women in activity aimed at generating work and income, based on the valorization of traditional knowledge typical of the female domain. To think about these types of knowledge and their resistance is, in a way, to understand the loopholes of an economic system based on progress, on the monetary economy, on pragmatism, on technology and on the global. What reveals a universe of tensions, constraints, obligations and violence that are imposed on the lives of these rural women and that, in the process of forming themselves as conductive subjects, change reality and build a new perspective on what is established. Although traditional practices linked to agroecology are still embryonic in this work, it is possible to perceive, in the data and in the articulation of women and groups of universities and other institutions linked to the universe of family farming, a moment favorable to the re-elaboration of agroecological transition proposals, which, in turn, finds support in agents, settled and settled, who are willing to believe in a better reality, which, through the rescue of practices and the process of paradigmatic change in the way of producing in the field, find a way possible for this transformation. Finally, the work sought to reinforce the concept that the process of balancing relations between men and women, in agriculture and in capitalist society, which takes place over time in more complex ways of seeing and seeing the world, begins under the point of view of conservation and management of natural resources, in the valorization of the group's own knowledge or in the equal consideration of the power relations of the androcentric society; this being a social process in which more balanced rates of equity and quality of life can be seen.

Keywords: Medicinal herbs, settlement, women

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Escola Ermínio Pagôtto	**25**
Imagem 2	Vista área do assentamento Monte Alegre e seus limites margeados por cana	**49**
Imagem 3	Assentamento Monte Alegre mosaico de cores.	**49**
Imagem 4	Reunião de apresentação do projeto de ervas às interessadas	**62**
Imagem 5	Produção de ervas medicinais reguladas pela ANVISA- Capim	**62**
Imagem 6	Produção de ervas nos quintas	**63**
Imagem 7	Diversificação das espécies em pequenos espaços	**101**
Imagem 8	Árvore de canela - *Cinnamomum – verum*	**102**
Imagem 9	Associação de plantas em áreas de hortaliças	**109**
Imagem 10	Plantio de flores em ambientes ao redor da casa e pomar	**105**
Imagem 11	Integrantes do curso de secagem e processamento de ervas	**116**
Imagem 12	Mulheres trocando formas de produção, secagem e uso das ervas durante o curso	**117**
Imagem 13	Ata de divisão e organização das atividades do grupo Mega Cheiro	**119**
Imagem 14	Segunda parte da ata de divisão e organização das atividades do grupo Mega Cheiro	**120**

Imagem 15	Projeto de prateleiras para exposição das ervas e temperos processados	**123**
Imagem 16	Prateleiras de exposição das ervas e temperos processados pelo grupo	**124**
Imagem 17	Modelo 1 de etiqueta.	**125**
Imagem 18	Modelo 2 das etiquetas piloto	**126**
Imagem 19	Aprendendo a trabalhar com os novos equipamentos	**128**
Imagem 20	Embalagens dos produtos com a seladora adquirida	**129**
Imagem 21	Produtos expostos na Mostra do SESC	**130**
Imagem 22	Contrato de parceria de atividades entre os membros da equipe	**131**

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Distribuição do número de trabalhos acadêmicos por ano - 1979/ 2009	**42**
Quadro 2	Trabalhos relacionados com temas no intervalo de 1979 a 2009.	**43**
Quadro 3	Número de trabalhos sobre a temática ervas medicinais de 2011-2016	**44**
Quadro 4	Pesquisa bibliográfica de teses e dissertações de 2011 a 2016-CAPES	**46**
Quadro 5	Associações de mulheres ou com papel principal da figura feminina nos assentamentos da região de Araraquara.	**55**
Quadro 6	Nome das mulheres visitadas para participação de projeto.	**57**
Quadro 7	Atividades realizadas com as mulheres para formação do grupo de processamento de ervas	**58**
Quadro 8	Espécies vegetais para preparo de chás segundo informe técnico nº45/10	**60**
Quadro 9	Listagem das ervas da ANVISA segundo RDC nº10 encontradas nos lotes inventariados	**63**
Quadro 10	Outras ervas produzidas nos lotes inventariados na pesquisa	**65**
Quadro 11	Usos das ervas medicinais ligadas à produção	**104**
Quadro 12	Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.	**107**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
NUPEDOR	Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural
NEEA	Núcleo de Estudos e Extensão em Agroecologia
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
COOPAM	Cooperativa de assentados de Motuca e Matão
UNICAMP	Universidade de Campinas
LUPA	Levantamento de Unidades Produtivas Agrícolas
INCRA	Instituto de Colonização e Reforma Agrária
FEPASA	Ferrovia Paulista S/A
SEAF	Secretaria Estadual de Assuntos Fundiários
CAIC	Companhia Agrícola, Imobiliária e Colonizadora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: OS DIFÍCEIS CAMINHOS DA PESQUISA.....16

1.1 A chegada ao tema: uma trajetória de distintos tempos 17
1.2 O tempo e a relação com o ambiente de estudos: as relações entre saberes, patrimônio, assentamentos e gênero 20
1.3 A aventura sociológica não tem caminhos lineares: idas e vindas para definição do tema 22
1.4 A chegada ao tema atual: relações entre sujeito e objeto 25

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS: SUPERAÇÃO DAS ESTRUTURAS DUAIS 28

2.1 Introdução 28
2.2 Caminhos metodológicos da pesquisa: em busca do entendimento sobre o fazer pesquisa 29
2.3 Metodologia como prática de superação das estruturas monoculares duais de pensamento: homem x mulher/ rural x urbano/ agricultura moderna x tradicional/agroecologia 35
2.4 Por que a escolha do método dialético e a pesquisa-ação?.....37
2.5 Da duração da pesquisa aos sujeitos integrantes 38
2.5 O que há de disponível sobre o tema e sua relevância 40
2.6 O assentamento em questão na região Central do Estado: entre a "chama verde dos canaviais" e as cores dos assentamentos 45
2.7 As mulheres do assentamento: o ser e estar em terras de Reforma Agrária.....51
2.8 Perfil das mulheres do projeto de Processamento de Ervas Medicinais.....55
Ervas regulamentadas pela ANVISA.....61

3 PATRIARCADO E AGRICULTURA: PARA ALÉM DE UMA HISTÓRIA DA SUBMISSÃO DA MULHER.....65

3.1 Introdução.....65
3.2 Notas sobre o conceito de gênero o seu uso nesta pesquisa 66
3.2.1. Mulher, matriarcado e subsistência: dois mil anos de história.....68
3.2.2 Da Grande Mãe à ascensão do falo: da sensitividade natural à agricultura.....73
3.2.3 Do nascimento do Criador Rei à civilização: o poder da propriedade privada e da agricultura.....75
3.3 O Capitalismo como domínio das relações androcêntricas e a exploração da natureza.82
3.4 O distanciamento entre natureza e conhecimento: o desenraizamento da memória 84

4 PATRIARCADO, MEMÓRIA E REELABORAÇÃO NOS PROCESSOS COM A NATUREZA.....88

4.1 Introdução.....88
4.2 Racionalidade econômica, degradação ambiental e a Agroecologia.....89
4.3 Memória, desenraizamento e reelaboração nos processos da natureza 92
4.4 Patrimônio no processo de valorização dos saberes tradicionais ligados às ervas medicinais.....94
4.5 A descoberta do patrimônio imaterial esquecido e a valorização do saber não formal..97

5. COOPERAÇÃO E PODER FEMININO.....111

5.1 Introdução.....111
5.3 A cooperação por meio da força feminina: O perfil das mulheres em dois tempos.....119
5.4 Conhecimento patrimonial e novas reelaborações a partir do compartilhamento.....129

6.1 Introdução 133
6.2 A agroecologia nestes saberes: para se pensar outra agricultura 133
6.3 Avaliando o processo de mediação e envolvimento social no projeto de processamento: uma possível conclusão? 137

REFERÊNCIAS 139

APÊNDICES 146

APÊNDICE A – Quadro das políticas Educacionais 146
APÊNDICE B – Inventário do uso tradicional das ervas medicinais 152

ANEXOS 181

ANEXO A- Arguição da orientadora Dulce Anderatta Whitaker 181
ANEXO B- Apostila compilada dos usos das ervas segundo a anvisa 184

1 INTRODUÇÃO: OS DIFÍCEIS CAMINHOS DA PESQUISA

O presente trabalho buscou ao longo de seu desenvolvimento trazer parte de uma trajetória oficializada em 2014 com doutorado, mas com o trabalho de campo iniciado muito antes, no processo de fazer-se e torna-se parte do objeto e a busca por compreendê-lo e fazê-lo na prática como pesquisadora e facilitadora social. Assim a busca em estudar reforma agrária, mulheres e ervas medicinais, ocorrera mais de uma década antes com o processo de pesquisa e envolvimento com assentamentos da região de Araraquara. O que resultou não diferentemente nos resultados deste trabalho.

O trabalho busca de maneira geral mostrar e evidenciar o papel das mulheres na história e especificamente nos assentamentos, a importância de suas práticas e conhecimentos especialmente para manutenção da biodiversidade e dos conhecimentos voltados à cura por meio das ervas medicinais, representado no processo de formação de um grupo para venda e processamento de ervas de cheiro, tempero e voltados para saúde. Para tanto, organizamos o trabalho em 6 seções nos quais, estão descritas a seguir.

Nesta seção procurou-se delimitar os caminhos de construção da metodologia que ora se mantiveram estruturados em teorias clássicas, ora em linhas mais interdisciplinares, dada a trajetória multifacetada deste trabalho. Tratando-se de um trabalho qualitativo, na qual, buscou uma estrutura de pensamento que oferecesse elementos não numéricos para a pesquisa, mas o aprofundamento de temas como patrimônio, memória, valorização de saberes e práticas, trajetórias de vida e receitas de determinados usos das ervas. Com base em depoimentos das mulheres.

Na segunda seção preocupou-se em descrever o cenário da pesquisa, as pessoas que se inseriram no trabalho, a trajetória histórica e o objeto de estudo.

O encaminhamento da terceira seção discutiu-se o conceito de gênero e sua ampla utilização, com destaque a categoria teórica utilizada de análise para situações encontradas durante o processo de pesquisa. Com Destacando-se também a categoria conceitual de patriarcado, que oferece parâmetros para explicar e entender profundamente as relações de hierarquia e poder necessárias para análise do presente trabalho.

Na quarta seção apresenta de que maneira o capitalismo contribuiu para o domínio das relações androcêntricas no que se refere à diversidade, à natureza e às relações de poder dos homens sobre a mulher.

Na seção quinta, pretendeu-se discutir como a racionalidade econômica e a estrutura de pensamento baseada em relações duais como desenvolvimento econômico X conservação

da natureza, dominação masculina X emancipação feminina, medicina convencional X medicina tradicional, tem levado a sociedade a um colapso tanto ambiental, como social.

Por fim, na última seção discutiu-se como o conceito de patrimonialidade e sua execução nas ações imateriais e materiais têm favorecido a proteção e conservação, não apenas de conhecimentos milenares, mas também de áreas ambientalmente relevantes.

E por último as conclusões do trabalho, não com um direcionamento definitivo sobre a o trabalho, mas apresentando uma reflexão sobre o vivenciado coletivamente e analisado pelo ponto de vista das mulheres envolvidas no grupo de processamento, trazendo muitos questionamentos, dúvidas e encaminhamentos sobre a análise da trajetória do trabalho.

1.1 A chegada ao tema: uma trajetória de distintos tempos

Chegar ao Doutorado, após um longo processo de relação e intimidade com o objeto de estudo, faz-nos refletir se o fazer ciência e manter-se acadêmico, ao envolver sujeitos pensantes e pessoas em vulnerabilidade social, seria algo “mais importante” que intervir na realidade e tornar-se agente facilitador. Este questionamento é importante e deve ser colocado aos leitores desta tese justamente pelo fato de a pesquisa apresentada nestas páginas indicar um revés no tema e na proposta do projeto inicial da entrada no doutorado.

A trajetória da pesquisa desenvolvida neste trabalho relaciona-se também a um amadurecimento individual da pesquisadora que o executou. Inicialmente duas casas do saber foram importantes para fortalecer o conhecimento e ajudar a traçar, ora as convicções acadêmicas, ora as ações de facilitadora. Destaco a UNESP-FCLar como formadora principal do conhecimento nos cursos de Ciências Sociais, Pedagogia e no Mestrado em Educação Escolar. Estar nesta casa durante tantos anos de formação permitiu-me, de maneira bastante eclética, traçar as bases teóricas do conhecimento de maneira bastante sólida. É preciso destacar ainda que a formação não teria sido a mesma sem a realização da Residência Agrária "Educação do Campo e Agroecologia na Agricultura Familiar e Camponesa”, da Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp, na qual dois anos de intenso “vivenciamento” com pessoas de movimentos sociais, técnicos rurais, profissionais e assentados foram algo indescritível para o reconhecimento e fortalecimento dos caminhos traçados pelo trabalho desenvolvido nestas páginas.

Além disso, desde 2004, tornar-se pesquisadora pelo NUPEDOR - Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural - na UNIARA, coordenado pela figura tão importante da professora

Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante, foi o grande alavancador de toda trajetória de pesquisa e extensão traçada até aqui.

Tornar-se pesquisadora em um núcleo que, desde a década de 80, dedica-se a estudar assentamentos de Reforma Agrária na região de Araraquara sob o enfoque multidisciplinar foi e é uma oportunidade única para educar o olhar e aprender a ser sujeito-pesquisador.

Além deste núcleo, em 2014, através de um projeto submetido e aprovado ao CNPq, foi criado um NEEA - Núcleo de Estudos e Extensão em Agroecologia – que, na pessoa do professor Manual Batista Baltasar, ofereceu novos e muito significativos caminhos para o NUPEDOR. A relação com a agroecologia passou efetivamente a estar presente nos projetos e trabalhos desenvolvidos por cada integrante do grupo.

Ao longo destes 12 anos de formação, estudos e pesquisas, foi possível, junto aos pesquisadores do NUPEDOR e do NEAA, inúmeros projetos desenvolvidos nos Assentamentos Bela Vista do Chibarro e Monte Alegre, os quais têm relação direta com este trabalho e merecem ser destacados.

O primeiro desses estudos foi o projeto financiado pelo CNPq "Poder Local e assentamentos Rurais: expressões de conflito acomodação e resistência". Nele desenvolvemos uma relação íntima com as questões de sociabilidade ligadas à festa junina do assentamento Bela Vista, que ofereceu subsídios à análise das relações cotidianas e simbólicas dos assentamentos de Araraquara. Naquele primeiro trabalho, acompanhamos o processo da realização da festa junina que era promovida pelos assentados do Bela Vista do Chibarro, que reconheciam na festa um período de esquecimento dos conflitos e recomposição dos laços afetivos. Com as observações continuadas de campo e o desenrolar da pesquisa, foi possível perceber a lacuna existente com relação ao lazer e à importância da festa como um lugar (no sentido mais afetivo do termo), onde se dá uma espécie de ritual em que se recompõe e se eleva o espírito comunitário.

O segundo projeto, também financiado pelo CNPq, foi "Assentamentos Rurais e Desenvolvimento: tensões, bloqueios e perspectivas (Uma análise comparativa em duas regiões do Estado de São Paulo)". A sociabilidade ainda se fez presente nas pesquisas, mas a partir de uma ótica mais abrangente. Procurou-se analisar os espaços em que ocorriam trocas simbólicas e a transferência nas ações coletivas, bem como as estratégias de fortalecimento dos laços afetivos e sua relação com a permanência e melhoria dos assentamentos, em meio a constrangimentos que ganham força pelo assédio dos complexos agroindustriais aos assentamentos.

No terceiro projeto, que contou com o financiamento da FAPESP, realizou-se uma pesquisa na área de segurança alimentar intitulada “Políticas Públicas e Segurança Alimentar nos Municípios Paulistas: desenvolvimento de metodologia de investigação de aplicabilidade e eficácias”, na qual levantamos a eficácia das políticas de segurança alimentar e a qualidade da alimentação dos assentados no município. Das informações obtidas, percebemos a necessidade de uma análise aprofundada dos aspectos subjetivos em torno da produção, do consumo, ou mesmo da falta do alimento.

Nesse projeto, priorizou-se o estudo da segurança alimentar sob uma perspectiva diferenciada que se associa aos aspectos subjetivos, seguindo o trabalho anterior. Focou-se a importância da sociabilidade no desenvolvimento dos processos produtivos, reprodutivos e alimentares dos assentados e como essa cadeia simbólica poderia alterar as situações políticas, sociais e econômicas nos assentamentos. Percebemos, assim, que estas organizações simbólicas, pouco valorizadas nos estudos sobre ruralidades voltados a abordagens econômicas, tinham papel fundamental no modo de vida destas comunidades.

Também foi possível participar e desenvolver um acompanhamento da pesquisa voltado às questões de Gênero em três projetos: dois deles financiados pelo CNPq, e o outro, pela Secretaria Especial de Política para Mulheres do Governo Federal. Em 2008, no projeto “Relações de Gênero e Iniciativas de Outro Modelo de Desenvolvimento: análise da participação das mulheres em assentamentos rurais”, realizou-se um levantamento das associações de mulheres nos assentamentos pesquisados e desenvolveu-se uma assessoria a grupos de produtoras de pães, para análise nutricional dos produtos e desenvolvimento de etiquetas para a sua venda.

No projeto “Os assentamentos rurais sob a perspectiva de gênero: divisão sexual do trabalho e políticas públicas em análise”, financiado pela Secretaria de Política para Mulheres, produziu-se um diagnóstico das clivagens de gênero, promovendo capacitação para geração de trabalho e renda em assentamentos da região de Araraquara. O tema sempre presente das diferenças de gênero colocava-me dentro de um universo de possibilidades de aprofundamento teórico acerca da figura feminina no meio rural.

Finalmente, no projeto “Capacitação em Gênero e Inserção no Atendimento em Rede às Mulheres em Situação de Violência”, fez-se uma pesquisa com mulheres em situação de violência, objetivando preparar um curso de capacitação com a finalidade de auxiliá-las no enfrentamento à violência, incentivando o fortalecimento da cidadania, do trabalho e da renda. A participação neste projeto possibilitou-me adentrar em universo de questões de

gênero nos mais diversos sentidos, conduzindo-me às escolhas dos temas de extensão e pesquisa diretamente ligados a essas questões.

Outro projeto que também merece destaque foi o "Pesquisa e Extensão em Modalidades Diferenciadas de Assentamentos: contrapontos e complementaridades em duas regiões do Estado de São Paulo". Financiado pelo CNPq, foi um projeto de continuidade a uma pesquisa qualitativa, voltada a uma continuada experiência de investigação de mais de 30 anos do NUPEDOR, orientada à análise multidimensional dos assentamentos rurais do Estado de São Paulo. Neste projeto, junto a outras pesquisadoras do grupo, as discussões sobre o papel da mulher e sua situação nas políticas públicas se fizeram constantes na temática.

Além destes, o projeto, também financiado pelo CNPq, "30 anos de assentamentos rurais em São Paulo: um balanço das contradições, bloqueios e perspectivas", através de um balanço da trajetória dos assentamentos rurais em São Paulo, busca discutir a situação dos assentamentos do Estado, apontando seus entraves e dificuldades, dando continuidade aos aprofundamentos socioeconômicos das questões de gênero iniciados nos projetos anteriores.

Finalmente, o projeto "Pesquisa-ação e construção de proposta agroecológica para a agricultura familiar da região central do Estado de São Paulo", financiado pelo CNPq, deu origem ao NEEA, ligado ao programa de pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente e grande impulsionador das ações de extensão do NUPEDOR, por ser um projeto destinado aos agricultores familiares tradicionais e assentados da região central do Estado. O objetivo geral deste projeto é contribuir para a difusão e a consolidação da agroecologia, através de iniciativas próprias e em articulação com outros atores sociais direta ou indiretamente envolvidos com a problemática da agricultura familiar e de assentamentos rurais da região.

Participar dos mais diversos projetos de pesquisa e extensão, ao longo de 12 anos, deu-me a chave dos caminhos a serem percorridos na pesquisa e na relação desenvolvida com os assentados, aprendizagem que extrapolou os limites da relação pesquisa-objeto, transformando-se em uma relação de confiança e parceria.

1.2 O tempo e a relação com o ambiente de estudos: as relações entre saberes, patrimônio, assentamentos e gênero

O desenvolvimento de um doutorado envolve, sem dúvidas, entre outros elementos, a relação do pesquisador, ambiente e "objeto" de estudos. Descrever esta relação permite ao

leitor entender a construção do direcionamento da pesquisa, bem como as contradições entre mudanças ocorridas ao longo do projeto sugerido incialmente.

Desde 2004, a relação dos trabalhos desenvolvidos em assentamentos de Araraquara ligados ao interesse pelas relações de sociabilidade, saberes patrimoniais, benzeduras, receitas tradicionais e práticas agrícolas típicas nos conduziam sempre à figura feminina. Assim, a relação com a questão de gênero, apesar de aparecer em outros trabalhados executados pela autora deste, sempre foram parte integrante de seus interesses e trajetória acadêmica, mas nunca como tema central.

Efetivamente dois trabalhos foram os mais evidentes com relação ao amadurecimento do tema descrito nestas páginas. O trabalho desenvolvido no mestrado “De saberes não oficiais a lugares da patrimonialidade imaterial: um estudo da transmissão de conhecimentos tradicionais em assentamento rural”, resultado do envolvimento direto da autora com as práticas, fazeres e saberes das populações assentadas, no qual se realizou um inventário de técnicas e formas de vivenciar o cotidiano, que, em sua maior parte, identifica as mulheres como o grande laço na permanência do patrimônio imaterial. Além de identificar uma ampla utilização de ervas nas mais diversas práticas do cotidiano.

Igualmente, no trabalho de conclusão da Residência Agrária Educação do Campo e Agroecologia Agricultura Familiar Camponesa da UNICAMP intitulado “Do veneno às borboletas do campo: um estudo dos saberes tradicionais em assentamentos rurais”, a curiosidade anteriormente elencada da relação direta entre conservação da natureza e saberes levou a um estudo sobre o conhecimento agroecológico de um grupo da Cooperativa C. que participa das atividades oferecidas pelo NUPEDOR/NEEA. Foi deste estudo que se identificou uma demanda, por parte das mulheres, da necessidade de um projeto de geração de trabalho e renda voltado especificamente para práticas femininas ligadas ao cultivo de ervas medicinais, temperos e cheiros.

Neste levantamento, identificamos relações diferenciadas entre homens e mulheres na produção, na gerência do lote, associações e cooperativas, além dos lugares de representatividade, assim como na capacidade da mulher em resistir, resgatar e conservar práticas e conhecimentos agrícolas e de saúde que não identificados no meio masculino.

A secundarização da figura feminina como algo naturalizado, também em áreas rurais, onde há violência de todos os tipos e a exclusão ocorre de maneira velada, a resistência da mulher é dada através da criatividade em se contrapor aos processos de dominação e nas formas de usos dos espaços em disputa. Ao analisarmos as práticas e os conhecimentos diários em relação ao meio ambiente e sustentabilidade, percebe-se a resistência de mulheres

às práticas convencionais de plantio impostos pela Revolução verde e pelas práticas capitalistas de uso da terra.

Essa relação de anos de estudos e envolvimento com as pessoas e com o local de trabalho resultou no encaminhamento da proposta atual de mostrar que, apesar das relações patriarcais existentes em todas as esferas de poder, o conhecimento garantido pelas mulheres com relação à natureza e aos usos das ervas tem permitido estratégias de conservação do patrimônio e um protagonismo em questões de sustentabilidade, garantindo, em muitos casos, segurança alimentar e geração de renda.

1.3 A aventura sociológica não tem caminhos lineares: idas e vindas para definição do tema

O longo processo de estudo e pesquisa abordado até aqui levou à definição do tema, - assim como às questões práticas que se impuseram ao longo do trabalho de campo. Inicialmente, o projeto proposto para desenvolvimento no doutorado era consequência de estudos desenvolvidos durante o Mestrado, que indicavam para uma análise mais aprofundada da questão de gênero na escola do Assentamento Bela Vista do Chibarro. Inicialmente se propunha analisar se a formulação do Projeto Político Pedagógico da escola do campo, de fato, comtemplava as orientações da Educação do Campo, das questões de gênero e da valorização da cultura e patrimônio imaterial.

Tal acompanhamento se desenvolveria com o levantamento dos saberes tradicionais de algumas mulheres que tinham relação com crianças que estudavam na escola para entender se havia uma semelhança direta ou indireta com a participação e/ou valorização dos saberes delas dentro da escola.

No entanto, durante o encaminhamento do trabalho, ocorreram alguns fatos que alteraram o curso da pesquisa. Dentre os mais significativos, destaca-se a alteração da Gestão da Escola Municipal Hermínio Pagôtto. Será necessário um breve histórico desta escola para compreensão da importância de tal fato no curso da alteração dos caminhos da pesquisa.

A Escola teve uma trajetória política de construção da pedagogia da Terra voltada para formação de um projeto Político Pedagógico de Educação do Campo há mais de 15 anos. A luta se iniciou com seminários e debates com o movimento social – MST -, com agentes municipais, lideranças locais do assentamento e a diretora na época da escola. A seguir, há uma foto da escola.

Imagem 1: Escola Ermínio Pagôtto

Fonte: Acervo da pesquisadora.

O primeiro passo foi municipalizar a escola, o que ocorreu em dezembro de 2001. E uma das principais propostas de alteração estrutural para Educação do Campo foram os ciclos de formação e desenvolvimento dos currículos de acordo com complexos temáticos, ou temas geradores, obtidos junto às discussões coletivas com a comunidade escolar. A segunda iniciativa correspondeu a um projeto de lei municipal para que os professores das Escolas do Campo passassem a receber um adicional de 10% nos salários.

O tornar-se escola do campo foi um longo processo. A figura da diretora idealizadora do projeto, adotando o lema "paz e bem", foi desenhando um ambiente de luta, resistência e tomada de consciência. A escola passou então a expressar, de fato, os ideais da escola do campo: a superação do antagonismo entre a cidade e o campo; o respeito à existência de tempos e modos diferentes de ser, viver e produzir; a busca pela sustentabilidade ambiental, agrícola, agrária, econômica, social, política e cultural, bem como a equidade de gênero, étnico-racial, intergeracional e a diversidade sexual.

O ambiente escolar representava um convite à vida. Para onde se olhava, havia-se vida em forma de jardim e flores. As paredes da escola eram sinônimos de símbolos de luta, resistência e vontade de um futuro melhor. Os alunos se reconheciam na mística[1], no

[1] A mística é uma forma de acolhimento, que, segundo Ademar Bogo, "é a motivação que nos faz viver a causa até o fim. É aquela energia que temos e que não nos deixa dizer não, quando nos solicitam ajuda. É

acolhimento e na vida, que pulsava em todos os pontos da escola. O ambiente escolar era lugar de encontro, de debates, de disputas e comemorações.

Por todos esses fatores não materiais mais simbólicos, a escola do assentamento Bela Vista tornava-se símbolo das escolas do Campo, representado inclusive em forma de prêmio de melhor escola municipal do Brasil. A bela estrutura física tornava-se consequência do envolvimento de toda comunidade escolar no PPP - Projeto Político Pedagógico - e na gestão democrática neste período.

Foram 12 anos para conquista e constituição do projeto e dois anos de desarticulação completa dos ideais de luta estabelecidos na escola. É justamente nesse ponto que se inicia o revés dos caminhos trilhados nesta pesquisa ou os impasses que levaram a tomar a atitude de mudança do tema do presente trabalho[2].

No ano de 2012, a prefeitura de Araraquara onde se localiza o Assentamento Bela Vista, e, portanto, a escola Hermínio Pagôtto -, o sistema municipal de educação e os projetos de educação do campo da cidade passaram a seguir a linha de projetos e materiais[3] homogeneizados para todas as escolas. A partir dos novos projetos e materiais didáticos, muitas das atividades desenvolvidas nas escolas do campo passaram a engessar as atividades autônomas da escola. Além disso, as pressões internas do próprio assentamento, decorrentes de disputas políticas, chegaram à escola, e a consequência foi à mudança na gestão escolar.

Uma nova diretora foi então destinada ao cargo de gestora, e o processo de desarticulação da escola do campo iniciou-se (sem piedade). A falta de relação com a política de educação do Campo e os cortes nas verbas destinadas à educação em geral foram mimando todo processo de luta, que se expressava nas paredes em forma de pinturas e palavras de ordem, nos cartazes, nos detalhes de girassóis dos vasos do refeitório e nos jardins tão bem cultivados na área externa da escola.

Quem conheceu a escola antes e quem a vê agora não consegue reconhecer o local como centro de lutas, resistências e conquistas. Hoje se trata apenas de uma escola municipal, que, nas ações de alguns professores, ainda encontra uma luz de resistência. Descrever tal

---

a vontade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, de querer ajudar e realizar coisas que façam a luta ser vitoriosa" Fonte: http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8237.html.

[2] Para mais informações e estudos sobre a Escola Hermínio Pagôtto e seu projeto político-pedagógico ver: FLORES, A.F et al http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/500/200 FENG, L. Y. http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=98795

[3] Sobre a mudança do método de trabalho desta escola e desarticulação da proposta pedagógica, ver: PAVINI, G.C. http://www.uniara.com.br/arquivos/file/cursos/mestrado/desenvolvimento_regional_meio_ambiente/dissertacoes/2012/gislaine-cristina-pavini.pdf

histórico da situação da escola do assentamento foi necessário para enquadrar a proposta atual de pesquisa.

Desta forma, com esta trajetória de idas e vindas, o impasse de centrar a pesquisa nas questões de educação, a relação com o programa no qual foi aceito o antigo projeto, resultou em um redesenho na realização do trabalho, o qual será apresentado nas próximas páginas.

1.4 A chegada ao tema atual: relações entre sujeito e objeto

O tema desenvolvido é parte de estudos e parcerias desenvolvidas desde 2014 entre pesquisadores do NUPEDOR/NEEA, órgãos de fomento, assentados e instituições públicas privadas; e parte, é também fruto da desarticulação do projeto da educação do campo da escola Hermínio Pagôtto. Durante o levantamento dos saberes tradicionais das mulheres que tinham relação direta com a escola, verificou-se uma demanda de pesquisa-ação referente aos cuidados ligados à saúde[4]. Constatou-se, assim, que o produzido nos quintais, como as ervas medicinais, necessitava de um estudo mais aprofundado, justamente pela riqueza do conhecimento e das práticas expressas através do patrimônio imaterial e material nas diversas espécies conservadas nestes lugares multibiodiversos.

Neste ponto, a pesquisa passou a tomar forma, e os contornos trilhados passaram a escrever um caminho que exigiu, por parte da pesquisadora, a aprendizagem da ação social como sujeita facilitadora[5] de projetos sociais.

A pesquisa, que deveria ser realizada no assentamento Bela Vista do Chibarro, foi, aos poucos, deslocando-se para o Assentamento Monte Alegre, local do qual serão dadas as informações na seção 1. Tal transferência ocorreu pela relação do NUPEDOR/NEEA com as atividades desenvolvidas com a Cooperativa C. As atividades de cooperação para fomento e formação dos assentados para ações ligadas à agroecologia favoreceram a constituição de várias atividades, entre elas um projeto de processamento de ervas medicinais.

A força com que os processos de utilização dos agroquímicos chegam aos assentamentos, promovendo constrangimentos às formas tradicionais de usos da terra, leva os assentados e assentadas a esquecerem da relação anterior e quase simbiótica com o meio ambiente (GOMES, 2015), posto que a maneira "eficiente" de como o pacote tecno-agroquímico, composto por sementes melhoradas, mecanização, insumos químicos e biológicos, viabilizando a modernização agropecuária, aumentando a produção por meio da

[4] Dentre alguns exemplos da relação entre os saberes das mulheres e dos alunos, foi realizado um levantamento das ervas e cuidados a partir das práticas tradicionais e como se usava estes sabres em casa.
[5] A opção pelo sujeito no feminino, refere-se à questão de postura feminista.

padronização em bases industriais, com discurso da produtividade e lucratividade[6], faz os pequenos produtores buscarem tal eficiência produtiva, embora, perceba o ônus que acarretará à vida (GOMES, 2015). “Vida” aqui é entendida com proporções ainda maiores do que apenas a saúde individual, significando uma relação universal de efeitos tão abrangentes que afetam não unicamente o corpo humano, mas as diferentes espécies, o clima e a própria relação da natureza com as culturas tradicionais e agrícolas.

A partir desta orientação, os saberes tradicionais e os conhecimentos adquiridos de forma geracional com o vivenciamento instintivo com a natureza, predominante nas atividades femininas, são substituídos por práticas artificializadas e sintéticas. Vale ponderar que parte destes pequenos produtores não percebe os impactos e males dos usos destas práticas, ou mesmo os desconhece, por falta de informação, mas uma outra parcela, consciente de todos os problemas trazidos pelo uso de pesticidas e inseticidas, continua a executar tais práticas, iludidos pelas promessas de produtividade.

Neste aspecto, o papel feminino no processo histórico é duplamente importante: primeiro, por ser, em grande medida, responsável pela permanência da resistência de práticas alternativas frente ao sistema da agricultura convencional, e segundo, pelo fato de as mulheres manterem vivo e repassarem um conhecimento sobre saúde, criação e meio ambiente mais sustentável às novas gerações.

Muitas das práticas naturais que a ciência tem chamado de Agroecologia têm se conservado e sido praticadas em quintais, áreas da agrovila, pomares, sítios, hortinhas, lugares nos quais a figura feminina prevalece como ponto central na organização e cuidado, no sentido mais afetivo desta palavra (GOMES, 2015).

Neste levantamento, foram identificadas práticas variadas de utilização e cuidados com a saúde animal e humana, através das ervas plantadas nos quintais pelas mulheres dos assentamentos Bela Vista e Monte Alegre.

Juntamente com este levantamento, houve a procura, por parte da cooperativa, para fomentar o trabalho com as mulheres. Neste processo, iniciamos uma parceria para constituição do projeto de produção agroecológica de ervas medicinais para processamento e escoamento destes produtos.

A partir de então, iniciou-se um processo de constituição de dados para formalização da parceria entre a cooperativa e o NEEA/NUPEDOR. Foram realizadas visitas em todos os lotes das mulheres interessadas em participar do projeto para levantamento do perfil produtivo

[6] Não nos cabe julgar aqueles que, pressionados pelo sistema, aderem aos processos destrutivos do Capital. Nosso objetivo é estudar as resistências ao processo.

das ervas, formas de manejo e acervo visual, com o objetivo posterior de capacitá-las em formas de manejo agroecológico, colheita, processamento e embalamento.

Esse processo de pesquisa/ação/extensão transformou a pesquisa de doutorado em um produto material de ação social que envolveu muitas parcerias e relações de poder que serão discutidas no processo de análise dos dados. Vale destacar, a princípio, alguns parceiros que auxiliaram no resultado material deste projeto: o primeiro foi o NUPEDOR e CNPq, que, através do projeto financiado Casadinho/PROCAD edital 2011, forneceu o capital para compra de uma desidratadora de ervas, frutas e hortaliças que foi o alavancador das atividades. Ainda houve uma parceria com o SESC, que financiou parte dos equipamentos de embalagem e, finalmente, o NEEA, da UNIARA, que auxiliou, através dos embates, a força necessária para transformação de um sonho em realidade. Feita esta contextualização é possível iniciar a descrição efetivamente do trabalho de pesquisa.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS: SUPERAÇÃO DAS ESTRUTURAS DUAIS

2.1 Introdução

Nesta seção procurou-se delimitar os caminhos de construção da metodologia de construção que ora se mantiveram estruturados em teorias clássicas, ora em linhas mais interdisciplinares, dada a trajetória multifacetada deste trabalho.

Para ajudar a organizar a leitura e direcionamento teórico realizado neste trabalho está articulado no mapa conceitual abaixo:

Fonte: realizado pela autora.

O trabalho, basicamente qualitativo, buscou construir uma estrutura de pensamento que oferecesse elementos não numéricos para a pesquisa, mas o aprofundamento de temas como patrimônio, memória, valorização de saberes e práticas, trajetórias de vida e receitas de determinados usos das ervas. Com base em depoimentos das mulheres.

Esta seção também se dedica a descrever algumas notas sobre o conceito de gênero devido sua ampla utilização e diferentes compreensões do tema. Procuramos aqui descrever a maneira pela qual o entendemos e acreditamos ser uma categoria útil de análise para situações encontradas durante o processo de pesquisa. Destaca-se ainda que o trabalho não retrata exatamente apenas o que cabe na categoria conceitual de gênero, mas também aborda o patriarcado, que nos oferece parâmetros para explicar e entender profundamente as relações de hierarquia e poder, para trazer para este entendimento, o papel essencial da mulher nesta história não contada pela perspectiva tradicional.

Finalmente, procurou-se ainda descrever o cenário da pesquisa, as pessoas que se inseriram neste trabalho e a trajetória histórica do elemento essencial deste trabalho, objeto de estudo - palavra que a pesquisadora prefere não utilizar, dado o processo de construção deste trabalho não utilitarista, mas de formação conjunta entre o que se pesquisou e o fazer-se pesquisa.

2.2 Caminhos metodológicos da pesquisa: em busca do entendimento sobre o fazer pesquisa

Para realização desta pesquisa, muitos caminhos foram pensados, dada a situação de construção e reconstrução temática deste trabalho. No entanto, com relação à metodologia, baseou-se na pesquisa qualitativa, privilegiando-se a análise de microprocessos: foi realizado um exame intensivo dos dados do estudo, das ações sociais individuais e/ou grupais, ação "caracterizada pela heterodoxia no momento da análise" (MARTINS, 2004, p.289).

Descrever a escolha de um método tradicional de pesquisa é parte essencial do desenvolvimento de um trabalho científico, ainda mais se tratando de uma tese de doutoramento. No entanto, escolher um método para uma pesquisa que trilhou um rumo quase autônomo, se é que pode ser dito desta forma, levou a autora da pesquisa a rever os tipos de métodos para qualificar o *modus operandi* da realização formal do trabalho.

Mesmo com a consciência de que os métodos científicos andam com seu prestígio abalado, justamente pelo indeterminismo, pela incerteza e pela consciência de que, para se fazer ciência, hoje não há apenas uma maneira de raciocínio capaz de dar conta das investigações científicas, é importante salientar a relevância do método. Por outro lado, também se percebe que a ciência não é fruto de um *script* de criação integralmente previsível. Logo, o ideal, neste processo de construção da pesquisa, é salientar que ela é fruto de diversos métodos, e não de um método específico, maneira pela qual encontramos possibilidades mais amplas para a análise e alcance de respostas mais claras para o problema proposto nesta pesquisa.

De tal modo, pode-se dizer que se trata de uma pesquisa socioantropológica, estruturada em metodologia participativa com técnica descritiva/etnográfica baseada na descrição densa da realidade tal como proposta por Geertz (1978).

É útil também dizer que se entende metodologia aqui como um conhecimento crítico dos percursos do procedimento científico, averiguando e questionando seus limites e probabilidades, não se tratando, portanto, de um debate acerca de técnicas qualitativas de

pesquisa, mas essencialmente sobre modos de se fazer ciência (MARTINS, 2010). Além disso, no trabalho de pesquisa sociológica, as questões que envolvem a neutralidade não existem e, no caso, a objetividade é relativa. Martins (2010, p.292), sobre tal aspecto destaca:

> Tem-se aqui, portanto, uma posição mais próxima à de Max Weber (1864-1920) do que à de Émile Durkheim (1858-1917). A sociologia weberiana parte do reconhecimento de que todo conhecimento sociológico tem, como fundamento, um compromisso com valores. A objetividade, portanto, provém de critérios que serão definidos pelo pesquisador em relação aos problemas que ele está investigando. Assim, diante da diversidade de perspectivas, o "fazer ciência" não segue um único modelo ou padrão de trabalho científico.

Sobre a não existência dessa neutralidade, cabe acrescentar que, se tratando da questão de gênero, especialmente da categoria mulher, "o próprio interesse pela temática já revela um compromisso político-ideológico com ela" (SAFFIOTI, 2015, p.45). Esse compromisso/relação com determinado tema/problema de pesquisa se insere em um campo "aparentemente" neutro, segue um interesse mesmo escondido do pesquisador, como ainda aprofundado pela mesma autora: "na verdade, a história de vida de cada pessoa encontra-se com fenômenos a elas exteriores, fenômeno denominado sincronicidade por Jung, e que permite afirmar: ninguém escolhe seu tema de pesquisa; é escolhido por ele" (SAFFIOTI, 2015, p.45).

Além disso, no que tange ao plano de construção da ciência, passa necessariamente pelo processo de observação, que não é puramente passivo, mas produto de certa organização da visão. No entanto, é importante dizer que, na observação realizada, utilizo uma série de noções que possuía antes, e, estas se referem a uma representação teórica, o que significa dizer que, ao realizar uma observação científica, ela acontece com um conjunto de regras e leis que permitem organizá-la. Em suma, "para empreender uma observação científica é preciso sempre relacionar aquilo que se vê com a noção que já se possuía anteriormente" (FOUREZ 1995, p.40).

Thomas Kunh (1987), em *A estrutura das Revoluções Científicas*, aponta que a teoria científica muda, não com o refinamento metodológico e com seus problemas, mas a partir de um paradigma. Ou seja, segundo ele, um paradigma é substituído quando já não consegue dar conta de responder a novos problemas. O que abre um precedente para o surgimento de uma nova rede explicativa, que gera um novo paradigma, ou melhor, surge uma rede explicativa - modelo teórico - que é reconhecido por uma comunidade científica e dá conta de responder às perguntas colocadas. Este novo paradigma disputará "espaço" com o velho. Esta disputa,

segundo o autor, está muito ligada a como o cientista acredita no paradigma. Muitas vezes, a escolha está ligada mais a uma crença do que propriamente a uma escolha científica (GOMES, 2015).

Assim temos que as inúmeras contradições encontradas ao longo da execução e determinação do projeto levaram a síntese da pesquisa aqui exposta à utilização do método dialético, o qual parte da dialética proposta por Hegel, em que as "contradições se transcendem dando origem a novas contradições", que passam a solicitar um resultado. Empregado na pesquisa qualitativa, trata-se, então, de um método de explicação ativo e totalizante da realidade. E o mais importante, nesta perspectiva, é que os fatos não podem ser analisados fora de uma conjuntura social, econômica ou política (GIL, 1999; LAKATOS; MARCONI, 1993; SILVA, 2005).

Por tal fato, no que se refere ao nível dos métodos e técnicas qualitativos, para "fazer ciência", é necessário explicar que as metodologias qualitativas privilegiam, em sua maior parte, a análise de microprocessos, o que significa dizer que, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realiza-se um exame intenso das informações de maneira ampla e profunda, no qual a preocupação é uma aproximação estreita dos dados, de forma a exibi-los de maneira mais íntegra e completa para a melhor compreensão possível. (MARTINS, 2010).

A escolha pelo estudo de tais aspectos associa-se também ao entendimento desses microprocessos aos quais Mafessoli (1985) se refere ao discutir as relações do cotidiano. Para ele, a vida cotidiana se compõe de microatitudes, de criações minúsculas, de situações pontuais e totalmente efêmeras, *stricto sensu*, tramas constituídas e ligações minúsculas tecidas, sendo que cada fio individualmente é insignificante, mas é justamente nesta insignificância que se constitui a força e se garante a permanência da vida cotidiana (MAFESSOLI, 1985; GOMES, 2011). Além disso, outros aspectos importantes do cotidiano, segundo Mafessoli (1985), são a concretude, os aspectos gestuais, as formas e o simbólico. As representações não devem ser consideradas como aspectos secundários e residuais da sociedade, mas sim como potencial social, já que é nessas representações que encontramos a vida cotidiana em miniatura. "Em suma, o que Mafessoli propõe é que a partir de uma pluralidade de abordagens, relativize-se a verdade científica, valorizando-se, assim, as verdades locais e pontuais" (TEIXEIRA, 1990, p.107).

Essa consideração é importantíssima quando o estudado se refere a grupo de pessoas e a realidades sociais. Neste sentido, a característica marcante dos métodos qualitativos é a flexibilidade para a coleta de dados pelo autor da pesquisa, o que inclui também a observação que está sendo realizada de maneira direta, participante, através de entrevistas, biografias,

documentação de arquivo, entre outros, permitindo um conjunto múltiplo de coleta de dados, o que permitirá uma análise mais rica dos processos estudados.

Sob tais aspectos, Martins (2010, p.292) lembra que a heterodoxia no momento da análise dos dados é uma característica importante na pesquisa qualitativa. Isto significa dizer, segundo a mesma autora, que:

> a variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva. A maior dificuldade da disciplina de métodos e técnicas de pesquisa está na dificuldade de ensinar como se analisa os dados — isto é, como se atribui a eles significados — sendo mais fácil ensinar a coletá-los ou a realizar trabalho de campo. A intuição aqui mencionada não é um dom, mas uma resultante da formação teórica e dos exercícios práticos do pesquisador (2010, p.292).

Essa intuição não é apenas resultado do campo de formação teórica, mas também da escolha do tema de pesquisa. Desta forma, entendido o trabalho, ele exigirá de quem o executa, no caso, o sociólogo, assegurar a sua responsabilidade intelectual para o aprofundamento da análise, o que é um trabalho detalhado e praticamente artesanal (MARTINS, 2010).

Ao contrário do que, para certos autores, pode parecer uma fragilidade do trabalho qualitativo, essa intuição, ecleticidade e subjetividade na execução e coleta de trabalhos constituem, na realidade, um ponto de aprofundamento e análise do trabalho de pesquisa.

No que se refere, particularmente, à subjetividade, o ponto de crítica resulta da aproximação entre “sujeito e objeto (empírico) do conhecimento, pesquisador e pesquisado”. A antropologia, principalmente, utiliza-se do método da observação participante, que mais levanta questões sobre tal aproximação, mas é o que tem dado mais resultados no que se refere à aceitação do pesquisador pelo outro, por um grupo, pela comunidade, para que se coloque na condição ora de participante, ora de observador, fato que deve ocorrer em qualquer pesquisa.

Apesar disso, o motivo para dúvidas a respeito do caráter científico do conhecimento produzido é a crítica realizada pelos positivistas com relação à aproximação e à referência aos sentimentos. Neste caso, segundo eles, não haveria neutralidade, partindo-se de um relacionamento preestabelecido.

Mas, tratando-se de grupo de mulheres em vulnerabilidade social, em situação de violência, em áreas rurais, lutando contra estruturas preestabelecidas de situação de trabalho e

subjugação, a relação de aproximação e respeito entre sujeito e "objeto" é essencial para interação e confiabilidade. Neste sentido, o presente trabalho, mediado pela subjetividade, tornou-se pesquisa no processo de constituição de projeto de geração de trabalho e renda para mulheres assentadas no percurso, havendo a transformação da agente facilitadora social em pesquisadora e vice-versa. E o envolvimento entre pesquisadora e pesquisadas tornou-se inevitável. Martins (2004, p.292), com relação a esta relação pesquisa/pesquisado, acrescenta:

> e o que Malinowski (1984) chamava de "a necessidade de mergulhar na vida do outro", para que essa vida possa, em alguma medida, ser reconstituída. Esse mergulho na vida do grupo e em culturas às quais o pesquisador não pertence depende de que ele convença o outro da necessidade de sua presença e da importância de sua pesquisa. Para que a pesquisa se realize é necessário que o pesquisado aceite o pesquisador, disponha-se a falar sobre a sua vida, introduza o pesquisador no seu grupo e dê-lhe liberdade de observação. Esse mergulho na vida de grupos e culturas ao qual o pesquisador não pertence, exige uma aproximação baseada na simpatia, confiança, afeto, amizade, empatia, etc.

Whitaker (2002), em *Sociologia Rural*, e Whitaker e Ferrante, em textos da coleção *Retratos de Assentamentos,* destacam a metodologia de trabalho em áreas rurais, voltada para o interesse que o pesquisador deve ter em acompanhar o raciocínio do entrevistado, de forma a deixá-lo mais à vontade, para que os aspectos subjetivos ganhem relevância nos diálogos e para que, através dos gestos e aspectos sutis, demonstrem estar havendo uma comunicação plena entre o entrevistador e o entrevistado (GOMES, 2011).

Outra metodologia interessante para constituição dos dados é a exploração etnográfica, que, além de garantir a observação e registro, permite entrelaçá-la à observação participante, em que o envolvimento com a fala, a realidade e o momento em que se desenvolve a pesquisa são muito úteis na coleta de informações. Assim, temos que a coleta:

> Processar-se-á com a conjunção entre o escutar e o registrar de forma a superar conceitos pré-estabelecidos anteriormente, pois a relação do entrevistador com o entrevistado permitirá um adentramento, mesmo que instantâneo, à realidade local, possibilitando uma riqueza de detalhes e a compreensão de razões e motivações locais (GOMES, 2011, p.30).

Gomes (2011) lembra que, para Geertz (1978), a Antropologia, ao balizar-se no trabalho etnográfico, tem algo de imaginário, não necessariamente a tornando um romance ou literatura. O objetivo é apontar que a antropologia se constrói via interpretações dos antropólogos, para dar as explicações sobre os nativos; justamente porque a etnografia parte

das anotações daquele que observa e decodifica a realidade de um grupo. Devido a isso, o autor propõe a necessidade de uma hermenêutica.

Esta proposição parece tomar sentido, segundo as hipóteses de Ferrante e Whitaker (2004), quando o pesquisador ao mesmo tempo em que se desloca, sente-se parte do outro, realiza seu trabalho de campo e descreve suas sensações, passando a minimizar a ficção, elaborando uma realidade detalhada e próxima do pesquisado. Exatamente próximo do que Geertz (1978), em *Interpretação das Culturas,* descreve como uma forma de realizar etnografia com o intuito de atingir uma "descrição densa da realidade".

A Interpretação, que deriva desta descrição densa, só é possível devido ao entendimento do conceito de cultura como conjunto de "teias de significados", dadas as ações emaranhadas, costuradas e tecidas pelos homens que as decodificam. E a Etnografia torna-se essencial para interpretar os significados dispostos por elas. Nas palavras do autor apresentado:

> O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado (GEERTZ, 1978, p. 15).

Assim, teríamos que a etnografia seria um elemento utilíssimo para compreender a cultura, pois, ao analisar os acontecimentos, é preciso avaliar, explicar e procurar os significados estabelecidos nas ações, performances, rituais, e não apenas descrevê-los.

Vale dizer que o registro que Geertz (1978) propõe que o etnógrafo faça constitui uma realidade composta por uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, sobrepostas e costuradas, estranhas, aleatórias e inexplícitas. O etnógrafo, por sua vez, tem que apreender estas estruturas de alguma forma, para depois expor o conteúdo observado. Todavia, não significa tornar-se um nativo, mas "tentar ler", no sentido de "construir uma leitura de 'um manuscrito estranho', desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não como os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado" (p.20).

Geertz (1978) destaca que registro etnográfico não deve buscar leis que ultrapassem a cultura, já que as dinâmicas sociais e seus significados estão dentro de um conjunto determinado do universo imaginativo simbólico de um grupo determinado. E só quem está dentro daquela realidade e participa da cultura faz sentido por completo. Assim, ele afirma

que: "as formas culturais podem ser tratadas como textos", no sentido da busca de "produtos imaginativos construídos de material social" (GEERTZ, 1978, p.449), como material de interpretação e análise do etnógrafo.

Sendo assim, a pesquisa etnográfica aliada à postura do pesquisador estrutura-se como a coluna dorsal do trabalho de pesquisa para a análise do campo em áreas rurais e ajuda a pensar e a superar as ciências constituídas a partir de um ponto de vista positivista.

2.3 Metodologia como prática de superação das estruturas monoculares duais de pensamento: homem x mulher/ rural x urbano/ agricultura moderna x tradicional/agroecologia

Realizar um trabalho de pesquisa tentando superar as estruturas positivistas cartesianas da ciência é o mesmo que admitir a saturação dos grandes sistemas de interpretação que restringem o objeto de investigação às análises meramente políticas e/ou economicistas. Mafessoli (1985), a este respeito, propõe um novo modo de análise, ligada às formas contrárias às visões monoculares. Segundo ele, deve-se olhar para o que a ciência convencional tem designada como o "lado da sombra" social e levar em consideração as múltiplas e minúsculas situações e práticas da vida cotidiana, que enfatizem uma compreensão poético-científica da realidade, que são apenas observadas através da utilização dos elementos de tipos de pesquisa empírica (TEIXEIRA, 1990; GOMES, 2011).

Esta postura exige uma mudança radical por parte do pesquisador, já que a "experiência do pensamento deve responder à experiência do mundo vivido coletivamente, ressaltando determinados traços, comparando com outros, metaforizando-os" (MAFESSOLI, 1985, p.216). Por isso, não existe uma realidade única, mas diferentes maneiras de se concebê-la. Assim, temos que a compreensão do real, segundo ele, faz-se a partir de um conhecimento plural, o qual oferece elementos para uma estrutura de pensamento e visão "estereoscópica", oposta à visão tradicional e monocular das especializações urbanas, nas quais se estabeleceu o conhecimento científico (GOMES, 2011, 2015).

Whitaker (2008), a este aspecto, adentrando a visão monocular e as especializações urbanas, discute, ao falar do rural e urbano hoje, que muitas realidades acadêmicas recaem em pensamentos dualistas, especialmente ao se tratar da perspectiva rural. As dualidades são permanentes, segundo a autora, e o preconceito com este meio está inclusive arraigado no senso popular e reafirmado por dados oficiais.

Há uma tendência de se achar que o campo vai acabar devido ao processo de modernização. Visão esta que se desfaz facilmente quando tomados como ponto de referência

países pioneiros na industrialização, que, ao contrário do discurso propagado no Brasil, passam por uma onda de valorização de produtos sem agrotóxicos, agroecológicos, orgânicos ou *in natura*, o que naturalmente remete ao campo (Whitaker 2008) e valoriza o campo.

Infelizmente, o resultado desta visão monolítica é perigoso e aprofunda dualidades que se refletem nos contextos escolares, especialmente no campo, em que a escola pública geralmente é apresentada na forma de dicotomia rural X urbano. E, mais que isso, aqueles que se encontram no campo e não dispõem de políticas educacionais específicas acabam por receber uma educação de perfil urbanocêntrico, sociocêntrico e etnocêntrico.

Em outras palavras, a autora lembra que a escola se faz urbanocêntrica porque está voltada apenas para conteúdos que informam e são informados no processo de urbanização. Além disso, é sociocêntrica porque está voltada a interesses de certas classes sociais; e finalmente, etnocêntrica, pois privilegia a cultura do mundo ocidental (WHITAKER, 2008). Seria possível ainda acrescentar, nesta classificação, uma escola patriarcalista, no sentido proposto por Saffioti (2015), de preconizar, cuidar para propagação das relações de poder do homem sobre a mulher. Tais princípios estão fundamentados na ciência cartesiana e na macroestrutura científica.

É importante destacar ainda que a ciência acaba por estar imersa em um campo de disputa de poder, o qual revela campos de força. Foucault (2001), em *O que é um autor*, aponta que as autorias consagradas passam a justificar práticas, conteúdos e discursos científicos muitas vezes deslocados. E isso vai, aos poucos, provocando a morte e o engessamento do próprio autor, impossibilitando-o, muitas vezes, de apresentar novas perspectivas sobre o que está sendo escrito, dito, lido ou visto. Em suas palavras, a

> relação da escrita com a morte também se manifesta no desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve. (...) o sujeito que escreve despista todos os signos de sua individualidade particular; a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência. (...) Mais precisamente, parece-me que um certo número de noções que hoje são destinadas a substituir o privilégio do autor o bloqueiam, de fato, e escamoteiam o que deveria ser destacado (FOUCAULT, 2001, p.269).

A relação vista até aqui nos mostra que há certa tendência hoje, por parte da macroestrutura acadêmica, em privilegiar certos paradigmas a partir de referências teóricas de grupos dominantes, os quais estabelecem visões dualistas, privilegiando certos grupos científicos, estabelecendo sua centralidade na estrutura capitalista, dominante e

patriarcalizada. Essa sociedade homogeneíza ou descontrói visões múltiplas, diversas e formas diferenciadas de ver e viver no planeta, desarticulando as relações de paridade entre homens e mulheres, entre medicina popular/ alternativa e medicina centrada no diagnóstico; entre inúmeras outras combinações que a ciência moderna tem colocado em oposição.

Para Whitaker (2009), ainda sobre as construções das dualidades de pensamento, tratando-se do campo, as dificuldades de se reconhecer a importância do rural e da produção de alimentos estão no fato de que o urbano exerce um poder sobre o rural, estrutura histórica, que data da Renascença, produzindo uma enorme quantidade de preconceitos, que foram atuando como obstáculos epistemológicos para compreensão do rural. Tal posicionamento hoje se estrutura na forma de negação ou exclusão destas áreas, levando até a afirmação de que se trata de ambientes em desaparecimento. Assim, o pensamento dualista dominante e patriarcal cria conceitos distorcidos sobre a realidade. Cabe, neste sentido, reavaliar a posição da própria forma de olhar o fazer científico para superação destas dualidades de pensamento e propor novos paradigmas, capazes de recompor as partes fragmentadas.

2.4 Por que a escolha do método dialético e a pesquisa-ação?

Descrever todos os aspectos acima para definição metodológica deste trabalho foi necessário devido aos caminhos trilhados e às inúmeras contradições que o próprio processo de constituição da pesquisa impôs.

De tal fato, para traduzir ou identificar as contradições mais profundas e obscuras estabelecidas no cotidiano das relações entre homens e mulheres, e para superação dos obstáculos epistemológicos para compreensão do rural, acredita-se na necessidade de aproximação com os integrantes do processo para que tais objetivos possam ser acessados. Situação apenas possível quando estabelecidas relações diárias, que, muitas vezes, podem ser “anuladas” pela falta de reconhecimento ou naturalização dada nas relações estabelecidas pela sociedade patriarcal.

Desta maneira, como um dos focos centrais da pesquisa é entender as relações, valorização dos saberes e reconhecimento estabelecidos entre homens e mulheres na constituição do grupo de processamento de ervas medicinais, o método dialético é inevitável neste processo.

Além disso, a escolha pela Pesquisa-Ação (PA) define-se pelo caráter da pesquisa, que se atrela a uma ação coletiva, já que houve interesse e participação tanto do pesquisador

quanto do pesquisado. Com relação a esta concepção, é válido dizer que Thiollent (1988, p.84) aponta:

> O fato dos pesquisadores participarem nas situações observadas não é uma condição suficiente para se falar em Pesquisa-ação. Pois, além da participação dos investigadores, a Pesquisa-ação supõe uma participação dos interessados na própria pesquisa organizada em torno de uma determinada ação (...) em geral, trata-se de uma ação planejada, de uma intervenção com mudanças dentro da situação investigada. O fato da pesquisa estar ligada à ação não corresponde apenas ao simples objetivo de melhorar a qualidade da observação.

Além disso, uma das características da PA consiste da sua dimensão social, estabelecendo uma rede de comunicação que faz parte de um projeto de ação social ou de resolução de problemas coletivos, e, nos dois casos, os investigadores precisam de um certo nível de informação (THIOLLENT, 1988).

Em outras palavras, podemos dizer que se trata de um nível de envolvimento em que haja apoio, ao menos do movimento, organização social, sindical ou dos integrantes da comunidade em que se concentra a ação. Ainda nesta perspectiva é possível dizer que:

> a ideia de participação ou ação coletiva relacionada com a pesquisa evoca, para certos pesquisadores, a possibilidade de comungar, de estabelecer uma comunicação efetiva, cultural e social que é transponível com bastante facilidade nos planos simbólicos, afetivo ou até místico. Outras ideias valorizadas seriam estar do lado dos humildes (...) comprometimento com os humildes, a comunhão com o povo e outras expressões semelhantes têm a ver também com o fato de minimizar a relação dirigentes/dirigidos (THIOLLENT, 1988, p.85).

É por isso que a ação/facilitação de processos sociais, neste caso, no decorrer da ação executada pela facilitadora, tornou-se pesquisa; o que exigiu trabalhar com a compreensão de que a própria ação fosse expressão da comunidade, tornando-nos, acima de tudo, um agente facilitador que avalia e investiga aquilo em que acredita.

2.5 Da duração da pesquisa aos sujeitos integrantes

Partindo dos esclarecimentos metodológicos, é possível descrever os sujeitos integrantes da pesquisa. A pesquisa de campo foi realizada especificamente no assentamento Monte Alegre, e se estendeu do segundo semestre de 2014 até o segundo semestre de 2016. Também foi considerado o conjunto de outras informações obtidas e registradas ao longo das experiências de pesquisa com a comunidade trabalhada.

A escolha dos sujeitos partiu inicialmente da ideia da construção de um inventário do conhecimento de mulheres sobre as ervas medicinais e sua utilização no cotidiano, o qual se estruturou através de uma pirâmide de informações iniciada na cooperativa — que indicou as principais mulheres produtoras, depois alguns outros agentes envolvidos, que se inseriram no projeto de processamento de ervas medicinais.

Assim, iniciamos um trabalho de levantamento dos sujeitos da pesquisa de forma que pudéssemos adquirir o máximo de informações ligadas ao conhecimento das ervas no assentamento. Desta maneira, foram escolhidas 25 mulheres pela relação com a cooperativa e sua proximidade com o interesse pelas plantas medicinais e/ou ainda pelo conhecimento e produção. Das 25 mulheres listadas, foram entrevistadas 20, e, destas, ficaram 16 mulheres que desejaram participar do projeto de processamento de ervas medicinais.

As entrevistas foram realizadas em visitas aos lotes com o intuito de elaborar um rol de informações que nos dessem elementos para mapear os quintais e os tipos de ervas produzidos por estas mulheres. Cada entrevista realizada tornava-se uma orientação para a próxima, a partir da composição do nome previamente estabelecido e da indicação do próprio entrevistado.

Com a associação desses dados, chegamos a um grupo consistente de entrevistados ou sujeitos participantes. Atingimos, então, um grupo de 6 integrantes, os quais estão desenvolvendo o projeto, e que nos deram múltiplas informações, desde saberes técnicos a religiosos. Além disso, foi possível realizar um inventário “amostral” do tipo de produção realizada nos lotes relacionados às ervas medicinais reguladas pela ANVISA.

Para a realização desse trabalho, fizemos um questionário (em anexo) com questões relativas aos usos de ervas, chás e receitas tradicionais. Depois, tabulamos os dados com os seus principais usos para discutir com as mulheres interessadas em participar do projeto, além de apresentar o conhecimento delas sobre as receitas e usos das ervas. Ao final do levantamento, foi realizada uma reunião geral de apresentação do projeto de processamento de ervas, a forma de articulação e cursos de capacitação. Como resultado desse trabalho, foi produzido um grupo associado informalmente à cooperativa composto de 5 mulheres e um homem, que passaram a tocar o projeto de processamento de ervas.

Para captar as outras informações descritas neste trabalho, empregamos, como recurso de pesquisa, câmeras fotográficas — recurso adicional para demonstração de algumas técnicas corporais e gestos que são mais facilmente explicados com o recurso visual — e o gravador para fazer as entrevistas.

2.5 O que há de disponível sobre o tema e sua relevância

Para desenvolvimento da presente pesquisa, foram realizados dois caminhos para revisão bibliográfica, os quais nos presentearam com resultados incrivelmente interessantes e importantes com relação às pesquisas destinadas às mulheres em assentamentos de reforma agrária. Sendo assim, a primeira etapa realizada foi a busca do que se encontra disponível na plataforma da CAPES de teses e dissertações, na qual se trabalhou com o intervalo de análise do ano de 2011 a 2016. O segundo caminho desenvolvido foi a análise do "Levantamento Bibliográfico Gênero no meio rural" realizado pelo IPEA sobre a literatura disponível quanto às questões de gênero no meio rural até o ano de 2009.

É preciso salientar que, ao analisar as produções que têm como marco o ano de 1979 (com o primeiro registro de dissertação disponível encontrado) até o ano de 2016, as produções relacionadas às questões de gênero em assentamentos e relacionados às ervas medicinais foram crescentes. Com relativo salto nos governos progressistas (a partir de 2003 a 2015), fato a exigir uma análise bastante precisa do cenário político, das políticas públicas, dos avanços sociais do período e, em especial, do aumento de destinação de recursos para agências de fomento de pesquisa e ampliação de investimentos em educação para o segmento do campo.

Para se ter ideia do fluxo de trabalhos no período, podemos analisar o quadro produzido abaixo (quadro 1) a partir do relatório do estado da Arte sobre Gênero no meio rural de 1979 a 2009 realizado pelo IPEA. Se comparado com o quadro das políticas educacionais significativas aprovadas no período - no apêndice -, é possível relacionar este crescimento aos dados apresentados nas informações.

Quadro 1: Distribuição do número de trabalhos acadêmicos por ano - 1979/2009

Ano da produção	Produções EMBRAPA	Livros	Artigos em periódicos	Teses, dissertações e monografias.	Outras publicações	Total
1979-1989	__	2	1	15	__	18
1990-2000	3	15	8	75	__	101
2001-2009	7	17	42	163	8	237

Fonte: Produzido pela autora.

Pode-se dizer que houve um amadurecimento e aumento das ações educativas dos movimentos relacionados ao campo, tanto no que se refere ao foco de luta, quanto às conquistas direcionadas às políticas educacionais do campo, que favoreceram, de certa maneira, o aumento das ações nas áreas de educação do campo, o que veio a viabilizar pesquisas sobre estas novas ações. Vale destacar também que as agências de fomento também passaram a ser injetadas com mais verbas para as áreas "menos interessantes" do ponto de vista tecnocrático dominante. Entre estas políticas, destacamos algumas de maior relevância aprovadas no período em destaque - no quadro do Apêndice A, disponível para consulta.

No que se refere ainda ao primeiro quadro, destaca-se que, no intervalo de 1979-2009, foram encontradas seis pesquisas diretamente ligadas ao tema deste trabalho, com destaque para os anos de 1996, 1997, 2000 e 2003, dos quais se encontram os títulos listados a seguir:

Quadro 2: Trabalhos relacionados com o tema no intervalo de 1979 a 2009.

Ano de produção	Título	Autor
1996	As benzedeiras e os benzedores de Três Barras: a concepção do homem sagrado	Ribeiro, Maristela Guimarães
1997	Quatro grupos, quatro ONGs: um estudo sobre agricultura e organização não governamental em projetos de geração de trabalho e renda no Nordeste.	Azevedo, Maria Andrade de
1997	Levantamento das plantas de uso medicinal em Coronel Bianco - RS.	Kubo, Runi Regina
2000	Levantamento das plantas medicinais usadas no município de Cruz Alta- RS Brasil	Garlet, Tânia
2003	Educação, cultura popular e saúde.	Daron, Vanderleia Laodete
2003	Como ervas dos montes e águas da fonte: estudo de benzedeiras e benzedores da zona rural Santa Rosa do Sul	Galinha, Jaqueline Posses

Fonte: Elaborado pela autora.

Os trabalhos acima listados referem-se a estudos em assentamentos de reforma agrária, relacionados às ervas medicinais, ora ligados ao sentido sagrado, ora às práticas típicas de cuidados femininos. O ponto interessante é que todos os trabalhos estão relacionados a autoras mulheres, o que, sem dúvida, evidencia um interesse propriamente de uma questão de gênero, ou, quem sabe, do "Sagrado Feminino".

É preciso ainda destacar que, no tocante ao intervalo de 2011 a 2016, segundo o Banco de teses e dissertações da CAPES, o número de trabalhos relacionados à temática sobre ervas medicinais também teve um aumento significativo. Esse aumento, em parte, é relacionado às políticas de educação que promoveram cursos do PRONERA destinados à formação de quem está no campo, o que, sem dúvidas, aumentou enormemente o número de trabalhos publicados, como observado no quadro a seguir:

Quadro 3: Número de trabalhos sobre a temática ervas medicinais de 2011-2016

Ano	Quantidade
2011	Sem dados
2012	439
2013	482
2014	459
2015	541
2016	391

Fonte: Produzido pela autora a partir da base de dados da CAPES

Os dados acima mostram dois momentos significativos: o de 2013 e o de 2015, que se relacionam a datas significativas de aprovação de legislação referente às práticas e/ou aos usos das ervas medicinais ou chamados de fitoterápicos. Isso significa dizer que, no que se refere estritamente ao aspecto legal das práticas ligadas aos usos das ervas medicinais, houve um aumento significativo e qualitativo da normalização brasileira.

É possível dizer que, hoje, o Brasil é um dos países com legislação mais avançada do mundo referente aos fitoterápicos, processo que se iniciou em 1981, com a Portaria nº 212, de 11 de setembro de 1981. A partir de então, o país passa a adotar as plantas medicinais como prioridade, e, no ano seguinte, elas passam a ser incluídas na lista da Central de medicamentos por meio do Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais.

Em 1988, a Resolução CIPLAN-08/88 regulamenta a implantação da fitoterapia nos Serviços de Saúde, nas Unidades Federativas, e, em 1991, o Parecer nº06/91 do Conselho Medicina reconhece a atividade de fitoterapia, desenvolvida sob supervisão médica, como uma prática referendada pelo Ministério da Saúde.

Mas é efetivamente a partir de 2004 que ocorreram avanços verdadeiramente significativos. Neste ano, foram publicadas a Resolução n°90, relativa à Guia para a realização de estudos de toxicidade pré-clínica de fitoterápicos, e também a Resolução da Diretoria Coletiva nº48, que dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos.

Em 2008, foi então criada a PNPMF - Política Nacional de Plantas Fitoterápicas - (BRASIL, 2006a) e também publicada a Instrução Normativa nº 5, que regulamenta 36 espécies de plantas medicinais de registro simplificado junto à ANVISA (BRASIL, 2008).

Além deste grupo, foram ainda publicadas as RENISUS e RDC nº10: a primeira é uma Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse do SUS, a qual lista 71 espécies de interesse do SUS; e a segunda se refere à resolução da ANVISA que regulamenta a comercialização das drogas vegetais de venda isenta de prescrição médica destinada ao consumidor final. Neste mesmo ano, foram ainda aprovadas a RDC nº14, que dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos, e a RDC nº17, que dispõe sobre as Boas Práticas de Fabricação de medicamentos. Por fim, a portaria n°886, de 2009, institui a Farmácia Viva no âmbito do SUS.

No que se refere à legislação atual e ao relativo aumento de trabalhos publicados no período relacionado anteriormente (2013 e 2015), destaca-se inicialmente, em 2011, o lançamento da 5a edição da Farmacopeia Brasileira (BRASIL, 2010a, 2010b), que descreve 52 plantas medicinais, na forma de droga vegetal. Em 2012, há a publicação da 1a edição do Formulário Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira (BRASIL, 2011), apresentando 54 plantas medicinais, na forma de droga vegetal, tintura, gel, pomada, creme, xarope e sabonete.

Aqui cabe uma observação: se verificarmos o ano de 2013, não há legislação publicada este ano, mas há um número significativo de trabalhos publicados no período, muito maior do que no ano anterior (cerca de 40), fato que pode estar relacionado à produção científica voltada à valorização dos fitoterápicos, como destacado nas leis, o que provavelmente foi resultado de pesquisas que geraram a descrição de 52 plantas no ano 2011 e de outras 54 em 2012.

No que se refere ainda à legislação, podemos destacar que, no ano de 2014, com a publicação da RDC Nº 26, de 13 de maio de 2014 (BRASIL, 2014c), e da IN Nº 4, de 18 de junho de 2014 (BRASIL, 2014b), o país passou a ter “dois tipos de produtos com finalidade

medicinal derivados de plantas: o medicamento fitoterápico (MF) e o produto tradicional fitoterápico (PTF)"[7].

Na mesma perspectiva de número de produção de trabalhos relacionados às ervas medicinais, verificamos também, em 2015, um salto de cerca de 40 trabalhos a mais de produção no período. Um provável resultado de trabalhos científicos concluídos e publicados posteriormente à legislação aprovada.

Neste quadro 4 pode ser verificado os principais temas encontrados de acordo com a relação de palavras chaves relacionados ao presente trabalho.

Quadro 4. Pesquisa bibliográfica de teses e dissertações de 2011 a 2016- CAPES[8]

Filtro utilizado no banco da CAPES	**Quantidade**	**Filtro área da educação (ou áreas afins) e faculdade de educação**
Patrimônio imaterial	7839	261
Ervas medicinais	5290	3753 (outras áreas)
Conhecimento tradicional de mulheres assentadas	900690	6409
Processamento de ervas medicinais por mulheres assentadas	900712	6409
Práticas agroecológicas através do resgate de saberes tradicionais	901030	6413
Patrimônio imaterial, gênero, assentamentos rurais, ervas medicinais, agroecologia	64951	752 (área: Educação/ Linguagem e letramento)
		500 (programa: Educação)
		155 (filtro universidades públicas)
		1 com relação direta com o tema do trabalho[9]

[7] **Ibdem**

[8] **A revisão realizada refere-se ao intervalo de 2011 a 2016, disponibilizado.**

[9] **O trabalho encontrado relacionado à presente pesquisa é: DARON, VANDERLEIA LAODETE PULGA. Mulheres camponesas plantando saúde, semeando sonhos, tecendo redes de cuidado e de educação em defesa da vida' 12/12/2014. 197 f. Doutorado em educação instituição de ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - biblioteca depositária: Central da UFRGS.**

“Patrimônio imaterial, agroecologia, mulheres e ervas medicinais"	Palavras chaves usadas, especificadas com aspas: nada consta	0

Fonte: Produzido pela autora.

Finalmente, no que se refere propriamente à revisão de 2011 a 2016 do banco de teses e dissertações da CAPES, destaca-se que, para cada palavra-chave do presente trabalho, foi realizado o filtro de área de conhecimento, programa e universidades públicas. Seguindo respectivamente a ordem: área do conhecimento - Educação, Programa - Educação, Universidade: Pública.

Foram realizadas combinações diferenciadas de palavras que ajudariam a encontrar um campo de trabalhos que orientasse na construção final da pesquisa. No entanto, nas combinações de palavras-chaves: patrimônio imaterial, ervas medicinais, conhecimento tradicional de mulheres assentadas, processamento de ervas medicinais por mulheres assentadas e práticas agroecológicas através do resgate de saberes tradicionais; o número de trabalhos listados foi gigantesco. No entanto, a partir dos filtros propostos, chegou-se a 155 resumos. A partir da leitura destes, encontrou-se apenas um trabalho com relação direta com a pesquisa desenvolvida: “Mulheres camponesas plantando saúde, semeando sonhos, tecendo redes de cuidado e de educação em defesa da vida”.

2.6 O assentamento em questão na região Central do Estado: entre a “chama verde dos canaviais”[10] e as cores dos assentamentos

A região central do Estado caracteriza-se pelo alto desenvolvimento e dinamismo do agronegócio com empresas sucroalcooleiras e madeireiras. A região cobre uma vasta extensão territorial, podendo ser subdividida em microrregiões para melhor compreensão do perfil econômico e potencialidades locais. No município de Araraquara, a paisagem agrícola é tomada pelas grandes extensões de terras ocupadas por culturas de exportação, fundamentalmente cana-de-açúcar e laranja. A significativa presença de culturas ligadas ao agronegócio caracteriza a estrutura fundiária da região da alta Mogiana como concentrada, o que se confronta com o universo das pequenas propriedades (FERRANTE et al, 2012; GOMES et al, 2012).

[10] Expressão criada por Ferrante em seu trabalho de Livre Docência “A chama verde dos canaviais”.

É importante destacar que, dentro deste recorte das pequenas propriedades, encontram-se os produtores localizados nos bairros rurais e nos assentamentos, com destaque para o segundo grupo, que tem um papel importantíssimo nas estratégias de fornecimento de produtos naturais e diversificados para o município. A produção agrícola familiar abastece a maior parte de Araraquara e provém, portanto, principalmente, dos agricultores familiares assentados, em sua maioria, altamente descapitalizados e carentes de apoio institucional. Esta importância de propriedades rurais é fruto da luta pela Reforma Agrária nesta região, estabelecida a partir do contraponto com o agronegócio e protagonizada pelos trabalhadores rurais, que ora se vincularam ao movimento sindicalista (em especial a FERAESP), ora aos movimentos sociais, em especial o MST (GOMES et al, 2012).

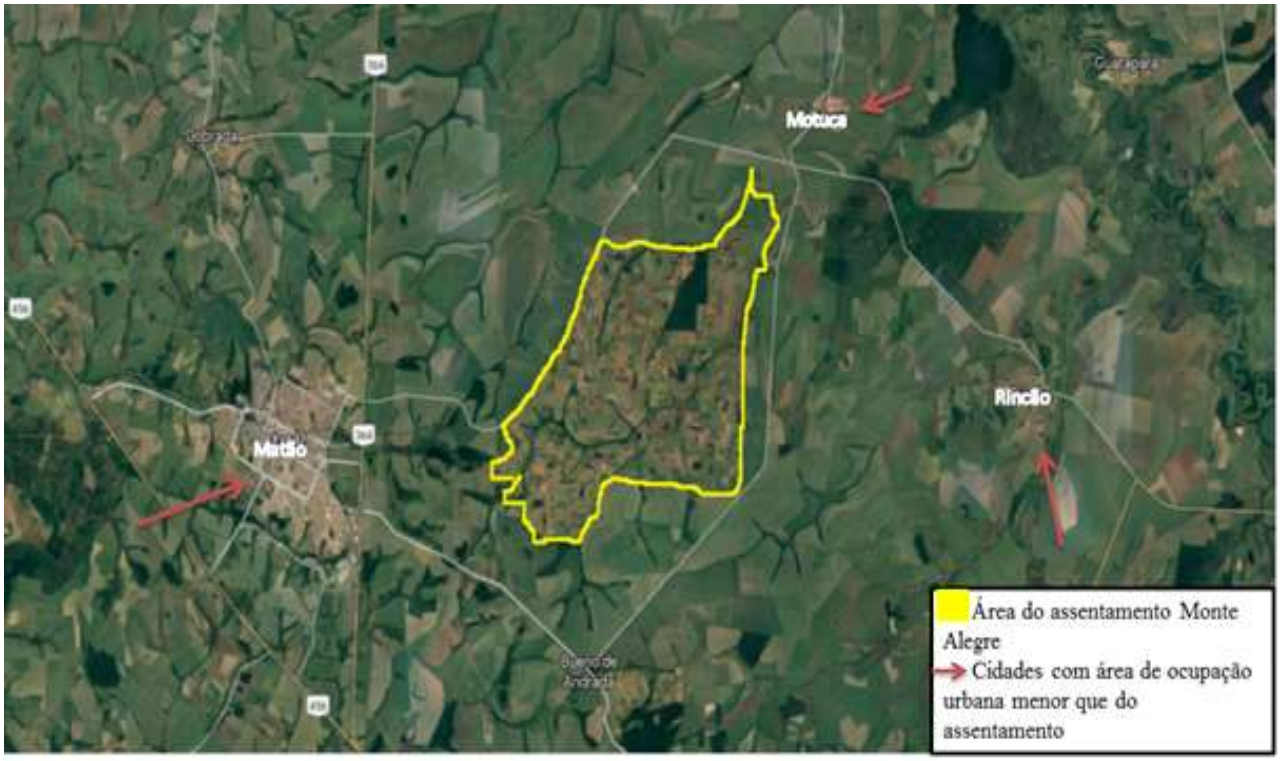
No caso do município de Araraquara, a área total ocupada pela cana-de-açúcar, segundo dados do LUPA (Levantamento de Unidades Produtivas Agrícolas), de 2008, chega a cerca de 49 mil ha, além de 6 mil ha para a laranja, dentro de uma área agrícola de cerca de 90 mil ha (GOMES et al, 2012).

A entrada de parcerias com o agronegócio exerce forte pressão sobre os assentamentos rurais, e esses programas se tornaram um forte vetor do desenvolvimento regional. Desta forma, as práticas agroecológicas e a diversificação agrícola aparecem relacionadas como contrapontos às estratégias de produção a partir de uma matriz tecnológica convencional com forte propensão às culturas altamente dependentes de recursos e insumos químicos, mecânicos e genéticos (FERRANTE, 2009).

Além da relevância política e social dos assentamentos, é preciso destacar a existência de pequenos produtores rurais, que permanecem à beira nos centros urbanos e/ou dos assentamentos, enfrentando igualmente, ou de forma mais arrasadora, os problemas de disputa de forças com as agroindústrias locais. Vale salientar que estes produtores permanecem à sombra dos assentados, muitos por não serem assistidos por linhas de créditos e fomentos que são destinados aos assentamentos rurais.

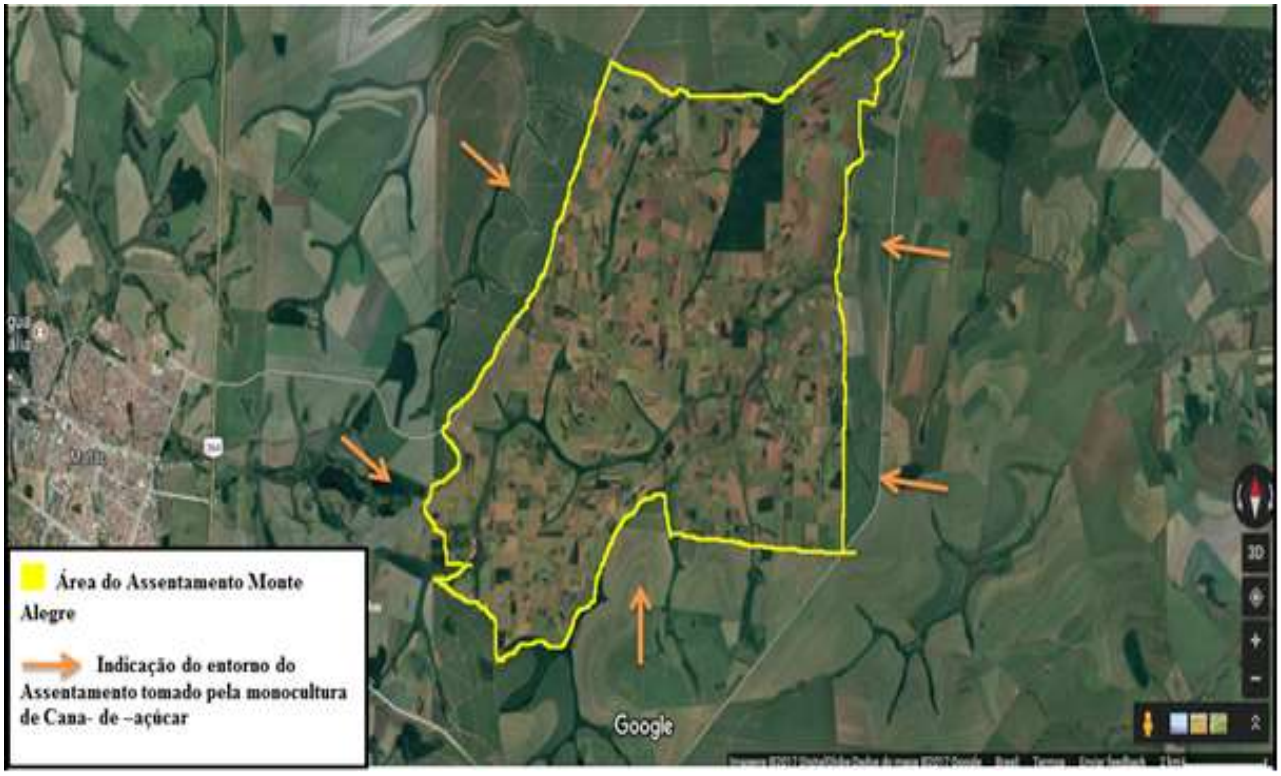
As imagens 2 e 3 abaixo, procuram demonstrar o entorno do assentamento cercado por monocultura de cana em contraste com um mosaico de cores dentro do assentamento que demonstram formas variadas de utilização do solo. Além disso, a imagem 2 demonstra uma interessante extensão superior do território do assentamento Monte Alegre em relação as áreas urbanas marcadas das cidades de Motuca, Matão e Rincão.

Imagem 2: Vista aérea do Monte Alegre e seus limites margeados por cana-de-açúcar



Fonte: Google maps

Imagem 3: Assentamento Monte Alegre mosaico de cores.



Fonte: Google maps

Nas imagens 2 e 3, como destacado, podemos visualizar a paisagem agrícola tomada pelas grandes extensões de terras ocupadas por culturas de exportação, fundamentalmente pela cana-de-açúcar.

A região caracteriza-se pela forte densidade agrícola modernizada de atuação de complexos agroindustriais. Apesar de poucos registros da luta pela terra antes da década de 1980, nesta região houve uma importante atuação política do Partido Comunista dos anos 50 a 70, atuação que visava regulamentar a legislação trabalhista e lutar pela reforma agrária (FERRANTE et al, 2012 , GOMES, 2011 e GOMES 2015).

Segundo Ferrante (2013), nos anos 80, a luta pela terra passou a ter maior visibilidade nacional e regionalmente, o que também é relacionado aos movimentos grevistas dos boias-frias, conhecidos nacionalmente como a "era das greves de Guariba". Os boias-frias já reivindicavam, desde a década de 70, a garantia de direitos trabalhistas, contestando sistemas de corte da cana geradores de exploração da força de trabalho e adoecimentos.

Sofrendo a repressão aos seus movimentos grevistas, orientados pelo Sindicato de Assalariados Rurais de Araraquara, os boias-frias dessa região e de outras passam, a partir da segunda metade da década de 80, a reivindicar terra. A partir daí, iniciaram-se as ocupações frequentes em vários pontos do Estado e do País. Por consequência, o Estado Brasileiro, em resposta às pressões dos movimentos sociais do campo, institui o Primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária, em 1985, alvo de críticas e de elogios (FERRANTE, 2013). Ainda sobre este aspecto, é importante destacar que:

> a inserção de trabalhadores bóias-frias no movimento de demanda pela terra marcou a constituição dos assentamentos na região. A possibilidade da terra constituir-se em um dos eixos de luta dos bóias-frias, categoria que tem, no seu interior, segmentos que não tiveram uma relação direta de apropriação com a terra, criou impasses e exigiu remodelagens de interpretações do processo de modernização/expropriação e proletarização rural. Esta origem e a trajetória histórica da população hoje assentada, bem como de seu principal mediador político (o movimento sindical dos assalariados rurais), repõe resistências e acomodações específicas frente à integração dos assentados no sistema produtivo sucroalcooleiro, que se relacionam com o tempo anterior de assalariamento (FERRANTE, p.19, 2013).

No caso, a região de Araraquara conta com três projetos de assentamentos rurais, sendo dois deles de responsabilidade do Instituto de Terras do Estado/Itesp (Monte Alegre e Horto Bueno de Andrade) e um do INCRA (Bela Vista do Chibarro), produtos de diferentes políticas públicas gestadas ao longo dos últimos 20 anos de luta.

O assentamento Monte Alegre, no qual a pesquisa se desenvolveu, possui 6 núcleos, com um total de 385 lotes, mais o Assentamento do Horto de Bueno de Andrade, com 31 lotes. Segundo Ferrante (2013, p.20,):

> Os primeiros núcleos do assentamento Monte Alegre I, II, III e IV foram instalados pelo Itesp nos anos de 1985 e 1986, ainda na gestão do governador Franco Montoro (1983-1986), tendo sua instalação se completado mais de dez anos depois (...) a área da Fazenda Monte Alegre era, originalmente pertencente à Fepasa (Ferrovias Paulistas S.A.), estando sob gestão da Codasp (Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo) quando os assentamentos foram conquistados.

Assim, o primeiro assentamento ou núcleo a ser inaugurado na fazenda Monte Alegre ocorreu em 1985, nas terras de propriedade da Ferrovia Paulista S/A (FEPASA), antes administrada pela Companhia Agrícola, Imobiliária e Colonizadora (CAIC). Os trabalhadores rurais, junto ao sindicato, encabeçaram a ocupação da fazenda, a pressão surtiu efeito, e, após semanas de ocupação, partes das terras foram cedidas para o movimento dos trabalhadores rurais sem-terra para o assentamento de 31 famílias (GOMES, 2011, GOMES 2015).

Na mesma data, outro grupo de trabalhadores rurais ocupava o Horto Guarani, e, ao sofrer despejo violento pela polícia, o grupo se instala na rodovia de Pradópolis-Jaboticabal, como forma de pressionar o governo do Estado para a liberação das terras. Ocorre, então, a liberação de mais uma área na Fazenda Monte Alegre, que seria o segundo núcleo, nas quais famílias acampadas na rodovia e previamente cadastradas pelo sindicato foram assentadas. Já no assentamento III, a ocupação dos lotes seria realizada por aquelas famílias que possuíssem cadastro na Secretaria Estadual de Assuntos Fundiários (SEAF).

No entanto, muitas se viram impossibilitadas de assumir os lotes, pelo fato de um grupo de famílias oriundas de Guariba ter ocupado primeiro as terras deste núcleo. O problema foi resolvido com a transferência das famílias de Guariba para outra área da fazenda, em que constituíram o núcleo IV da fazenda, com 62 famílias que haviam se instalado inicialmente no Núcleo III (GOMES, 2006; GOMES, 2015). Sobre este histórico, Ferrante (2013, p.20) ainda destaca que:

> No mesmo período em que o Itesp instalou um dos núcleos mais recentes do projeto do assentamento Monte Alegre – o de número VI, ainda na primeira gestão Mário Covas (1995-1998) – também assentou 31 famílias no Horto de Bueno de Andrade, área também anteriormente pertencente à Codasp e localizada no distrito araraquarense de Bueno de Andrade (que dá nome ao Horto). As dimensões deste projeto de assentamento, além da origem comum da mobilização das famílias ali assentadas e das que foram para o

> núcleo VI do Monte Alegre, fazem com que o Horto de Bueno seja considerado um apêndice do grande projeto de assentamento Monte Alegre.

É importante destacar ainda que o núcleo V foi cedido, em 1991, e que contemplou 32 famílias., depois de muita pressão e luta de um grupo que estava acampado no interior desta fazenda desde 1988.

Após o período de seis anos, a fazenda voltou a ser ocupada por 250 famílias em uma sexta parte da área, até então pertencente à FEPASA. Depois de algumas negociações dos trabalhadores rurais com o governo do Estado, 179 famílias foram deslocadas e assentadas para os núcleos já existentes. Não terminado o loteamento dos núcleos, mais 8 famílias ocuparam uma área de 94 ha localizada na área que se tornaria o núcleo VI. Gomes (2015, p.45) destaca que a área:

> fora cedida a um consórcio intermunicipal de 9 prefeituras, entre elas a de Araraquara, Matão e Motuca destinada ao plantio de soja para produção de leite usado na merenda escolar destas cidades. Este processo levou à suspensão do consórcio em 1999, e as terras foram devolvidas ao governo do Estado em 2002. Finalmente, em outubro deste mesmo ano, as famílias ocupantes foram assentadas.

A Fazenda Monte Alegre e o Horto de Bueno possuem em torno de 416 lotes. Das famílias acampadas originalmente, algumas deixaram os lotes, outras foram se instalando nas agrovilas com a esperança de serem realocadas nos lotes deixados por estas famílias. Igualmente, destaca-se que o número de famílias aumentou por agregação de outros parentes às famílias já assentadas, como filhos, tios, cunhados, dentre outros.

Vale destacar que atualmente existe um processo de ocupação por famílias pertencentes do MST em lotes considerados improdutivos, com o objetivo de pressionar o ITESP a lotear as áreas que seriam destinadas à recomposição ambiental, que até hoje não foi realizada.

Como destacado anteriormente, a maior parte das terras agricultáveis da região está cultivada com cana, e, no município de Araraquara, há cerca de 32 mil hectares cultivados cuja cadeia de produção constitui o maior complexo agroindustrial da região, levando uma pressão sobre estas áreas de assentamento.

Assim temos que, em função desse entorno socioeconômico, a maioria das famílias assentadas na região tem uma trajetória de trabalho imediatamente ligada a essa economia agroindustrial, o que, da mesma forma, insere tais pessoas em um processo constante e

constrangimentos ligados à forma de produzir, no que se refere às formas de plantar e cultivar suas terras, fato que será descrito posteriormente neste trabalho.

Para se ter ideia, cerca de 70% dos assentados dos núcleos II e IV do projeto de assentamento Monte Alegre foram proletários rurais nas culturas de cana e de laranja, e, ainda hoje, trabalham tanto na colheita de laranja como na de cana na modalidade de assalariamento temporário (FERRANTE, 2013). Esses o fazem para complementar ou mesmo para ser a renda completa quando há dificuldades na produção do lote.

2.7 As mulheres do assentamento: o ser e estar em terras de Reforma Agrária

Para falar da composição dos homens e mulheres do assentamento, é necessário pontuar alguns aspectos importantes.

Nos projetos desenvolvidos ao longo dos 30 anos de existência o NUPEDOR, entre suas linhas de pesquisa, tem investido expressivamente em estudos de gênero nos assentamentos da região de Araraquara, e, como temos constatado, o trabalho feminino em atividades agropecuárias é repleto de invisibilidades. Há uma tendência em se considerar que a jornada de trabalho da mulher em atividades agropecuárias seja reduzida ou secundária. E esse tipo de mentalidade é largamente reproduzido no discurso inclusive acadêmico, quando afirmam que as atividades prioritárias das mulheres são as domésticas e não necessariamente do roçado – mesmo tendo elas passado uma parte do tempo trabalhando junto aos homens.

Nesse ponto, a invisibilidade se dá pelo fato de haver um discurso naturalizado da interiorização da diferença da mulher. A dificuldade em distinguir seus trabalhos agropecuários na horta e no quintal do seu cotidiano como dona de casa subestima sua jornada de trabalho em atividades agropecuárias (FERRANTE, 2007, 2010).

Isso ocorre provavelmente pelo fato de se justificar historicamente que o papel das mulheres na agricultura está voltado essencialmente às necessidades de reprodução social das famílias, sempre em dualidade ao papel produtivo dos homens. Neste caso, vale dizer que o grande intuito deste trabalho é romper com tais dualismos e mostrar que, ao contrário do que se encontra na literatura tradicional, as mulheres possuem um domínio e uma capacidade não apenas de produção agrícola, mas também conhecimentos fitobotânicos pouco evidenciados.

Além disso, as novas práticas sociais impostas às mulheres rurais pelas mudanças urbano-industriais as colocaram também na esfera produtiva, criando novos trabalhos, em acumuladas atividades, com o intuito de obter renda monetária. Em algumas situações, as mulheres se reinventam de diferentes formas, usando seus conhecimentos como forma de

aproveitamento alimentar e, em alguns casos, ocupando atividades na agroindústria familiar. Às vezes, conseguem até inserir seus produtos em políticas públicas, fazendo-se ouvir por agentes municipais e participando de espaços urbanos de comercialização (FERRANTE, 2007, 2010).

Aqui é possível perceber a importância do trabalho agrícola da mulher voltado à reprodução familiar, já que, ao mesmo tempo em que se criam novos usos e formas de gerar renda desta atividade reprodutiva, existe ainda a esfera nutricional, que envolve não só a satisfação do gosto e das preferências alimentares, mas também a de garantir a diversidade de espécies e as práticas de manutenção agrícolas sem usos de inseticidas ou pesticidas, contraditórios àquela realizada na produção comercial.

Ferrante (2007) destaca que, desta maneira, as mulheres trazem para dentro de casa os amidos, as vitaminas, os sais minerais, as proteínas animais advindas das pequenas criações das quais tomam conta, o que, sem dúvidas, revela uma relação de afetividade com a terra, relação da qual surgem os quintais biodiversos, que, sob a ótica da conservação natural, representam lugares de riqueza biológica e cultural.

Vale dizer que as mulheres rurais dos assentamentos da região de Araraquara vêm apresentando um papel protagonista na esfera social, que se inicia na luta pela terra, com lideranças importantes, como na política atual. Basta verificarmos que, nos últimos tempos, sobressaíram-se em cargos de vereadoras, coordenadoras, delegadas, entre outras situações de destaque. Isso se deve à nova realidade que se impõe, fruto de lutas sociais entre eles mobilizados pelo movimento feminista. Por isso, encontramos as mulheres assentadas em esferas políticas e produtivas em busca não de sua autoafirmação, mas da consolidação das conquistas previstas até aqui e de outras que ainda se desejam. O destaque ainda se dá à maior escolaridade e capacitação, que conduziram a alternativas produtivas individuais, coletivas e também a empregos no rural e no urbano.

No que se refere propriamente ao trabalho realizado nos quintais e nas hortas, vale salientar que grande parte da produção é destinada ao autoconsumo, mas tem se tornado, em grande medida, parte da renda que é comercializada em programas institucionais e feiras, além da inserção em rede de trocas de alimentos no interior dos próprios assentamentos. Sobre isso, Ferrante (2007, p.22) salienta:

> além de reforçar a atuação das mulheres na esfera produtiva desses alimentos, reforça que majoritariamente são elas que os preparam para o consumo da família e realizam o processamento caseiro/artesanal, que pode ser uma alternativa de produção e comercialização. A responsabilidade

> compartilhada entre homens e mulheres na horticultura é simbólica e interessante porque esta é a produção vegetal mais intensiva em mão-de-obra e a que mais se insere no mercado institucional (...) Analisando a questão dos responsáveis pelas criações descritas acima, observamos a grande importância do papel da mulher na condução de todo processo produtivo das pequenas criações (aves e suínos) e também na produção de leite.

A participação das mulheres tem representado a maioria nas agroindústrias caseiras – em 60% dos casos- essencialmente na produção de alimentos, o que reforça o importante papel da produção e processamento diversos de alimentos (FERRANTE, 2007). Nos últimos tempos, este tipo de processamento tem ganhado ainda mais força nas inúmeras associações e organizações femininas que tem se estruturado no interior do assentamento Bela Vista e Monte Alegre, como evidenciado no quadro a seguir:

Quadro 5- Associações de mulheres ou com papel principal da figura feminina nos assentamentos da região de Araraquara

Assentamento	**Nome da associação, cooperativa, grupos organizados**	**Número em média de mulheres**
Monte Alegre		
	AMA- Associação Maria Bizencóis	10 mulheres
	Padoka (grupo de mulheres da padaria da associação AMA)	4 mulheres
	Mega Cheiro	5 mulheres/ 1 homem
	Padaria artesanal do III	3 mulheres
	Delivery Sirlei	1 mulher/ 1 homem
Bela Vista		
	Grupo da palha do milho	8 mulheres
	Nova associação artesanatos/horta	14 mulheres
	Pé Vermelho	4 mulheres/ 1 homem

Fonte: Elaborado pela autora a partir de pesquisa de campo.

Como podemos identificar, existem muitos grupos, formais ou não formalizados, mas que têm diferentes atuações nos assentamentos, com destaque para processamento e agroindustrialização de alimentos. Segundo Ferrante (2007, p.23):

> as atividades não agrícolas contam nas estratégias de reprodução social postas em prática pelos assentados. No entanto, reflexões que apontam a maior importância das atividades não agrícolas na permanência dos assentados na terra e no futuro dos assentamentos não se aplicam nesta região. Reafirmamos, tais dados reforçam as reflexões que têm apontado a importância do autoconsumo no modo de vida dos assentados, reforçando as análises que apontavam a necessidade de inserir o autoconsumo nas ponderações sobre renda, o que exige a sua abordagem igualmente pelo prisma não diretamente monetário, já que o consumo desses produtos representa tanto uma economia monetária como uma renda a mais pela comercialização do excedente. A visibilidade do autoconsumo – considerando-se todas essas produções agrícolas, a transformação caseira e atividades não agrícolas – é um caminho para a valorização da importância do trabalho feminino.

Além disso, salientam-se ainda atividades importantes das mulheres nas cooperativas, sendo elas articuladoras das ações, ou responsáveis por coordenação de atividades administrativas. Neste caso, os cargos de presidência dos homens passam por fachadas, já que a maior parte das decisões é consultada e passa pela resolução destas mulheres[11].

Um exemplo disso é a articulação do grupo de ervas aqui evidenciado, que passa pela figura da ex-secretária da cooperativa, e que, junto à pesquisadora, organizou as visitas às 20 mulheres interessadas no projeto de processamento e secagem de ervas. O papel dela na cooperativa advinha desde a organização de documentação, como articulação de projetos e compras com prefeituras e/ou parceiros comerciais.

A saída dela da cooperativa envolve problemas internos, os quais levam à outra codificação dos gestores internos, que, por sua vez, voltam a integrar uma nova secretaria com perfil também de responsabilidades administrativas essenciais, entre elas, de tesouraria, limpeza e organização.

Vale destacar ainda o caso da cooperativa do assentamento Bela Vista do Chibarro. Entre vários homens, uma personalidade feminina militante passa a ser uma consultora importante para as decisões e articulações do grupo. Esse fato demonstra ainda mais o essencial papel das mulheres nas relações estabelecidas nos assentamentos, especialmente no Bela Vista, onde a história de luta pelo território local tem, nas mulheres, um peso enorme, já que muitas delas foram protagonistas nos movimentos-chave para conquista efetiva dos lotes[12].

---

[11] Entre estas cooperativas, podemos destacar a COOPAM do assentamento Monte Alegre e a COOBELA do assentamento Bela Vista do Chibarro.

[12] Com relação a este processo, o destaque é para Dona M. R., que veio do Vale do Ribeira para ocupar o território da antiga fazenda Chibarro, que se tornaria o assentamento Bela Vista do Chibarro. Entre as

2.8 Perfil das mulheres do projeto de Processamento de Ervas Medicinais

No que se refere propriamente ao assentamento Monte Alegre, no assentamento IV, destacamos que, do total de 49 famílias existentes, há um número de mulheres de 42 titulares principais[13] o que significa algo em torno de 86%[14]. Desta porcentagem de titulares, no grupo participante do projeto de ervas medicinais, elas são 10 mulheres de um total de 16, um equivalente de 62,5% do total, fato que se deu por muitas delas serem agregadas ou filhas de titulares. Tais dados estão organizados no quadro 6 abaixo:

Quadro 6- Nome das mulheres visitadas para participação de projeto.

Nome	Lote	Núcleo	Titularidade
1. S. P.	28	1	Não
2. G. A. P.	36	4	Sim
3. J. G.	35	4	Não
4. M. de F. S.	Agrovila	1	Não
5. T. F. T.	25	5	Sim
6. J. F. M.	12	3	Não
7. S. de P. O. M.	36		Não
8. M. M.	59	2	Sim
9. C. J.	Agrovila 4	5	Sim
10. E. da S.	23	2	Sim
11. M. de L. B.	99	2	Sim
12. C. S. R.	42		Sim
13. Ap. S. R.	66	4	Sim
14. S. F. N	40	4	Sim
15. L.C. D. V.	24	1	Não
16. E. F.	31	2	Sim

Fonte: Produzido pela autora.

ações desta mulher, encontram-se o enfrentamento direto com a polícia federal em uma ação de despejo, na qual articulou mulheres e crianças para evitar que houvesse tal ato.
Outra mulher importante, para citar as relações diretas das mulheres com a luta neste assentamento, é M.A., que deixa a Capital do Estado de São Paulo, largando trabalho na rede Globo emissora e estabilidade, para entrar para a luta da Reforma Agrária, e passa a articular mulheres do Brasil todo junto ao Sindicado dos trabalhadores Rurais para luta social.
[13] Segundo a estrutura de titularidade do ITESP- Instituto de Terras do Estado de São Paulo, tanto o homem quanto a mulher são considerados titulares. Apenas há uma diferenciação em titular 1 e titular 2, sendo que o primeiro geralmente é a mulher. É exatamente por isso que as mulheres aprecem em grande parte como titulares 1.
[14] Dados disponíveis SAFRA 2014-2015 do ITESP.

Para se chegar à formação do núcleo de mulheres do grupo, foram realizadas visitas em 20 lotes e entrevistadas as mulheres indicadas pela cooperativa, primeiro, pelo interesse no projeto, e segundo, pela afinidade da produção/uso de ervas medicinais. Do grupo inicial, 16 mulheres se interessaram em participar como produtoras ou processadoras das ervas. Destas mulheres que aceitaram participar do projeto, pôde-se perceber que as mais idosas preferiram permanecer no fornecimento das ervas, enquanto as mais jovens e/ou filhas de assentados preferiram fazer o processamento e as atividades administrativas do projeto.

Outro dado importante a ser destacado, como vimos no quadro 6, é o número significativo de mulheres titulares de lote que possuem uma organização produtiva diferenciada, seja quanto à forma de produzir sem agrotóxicos, ou aos quintais altamente biodiversos, o que detalharemos na discussão dos resultados da pesquisa.

Essa diversidade foi constatada no levantamento do inventário produtivo, no qual se identificaram-se muitas espécies de ervas medicinais reguladas quanto ao uso pela ANVISA, além de uma riqueza enorme de outras ervas medicinais, aromáticas e de temperos produzidas consorciadas às outras espécies frutíferas ou hortaliças.

Para composição efetiva das integrantes do grupo, foi realizada uma série de atividades que variou de cursos a entrevistas e visitas para realização do inventário do lote, como identificado no quadro 7:

Quadro 7: Atividades realizadas com as mulheres para formação do grupo de processamento de ervas:

Atividade	**Descrição / objetivo**
• Levantamento de perfil das mulheres; • Retorno a mulheres do levantamento do perfil; • Visita aos órgãos responsáveis para encaminhamento do projeto na Vigilância Sanitária e na Secretaria de Saúde.	• Finalização das entrevistas e visitas aos lotes; • Processo organizativo da associação de mulheres.

• Cursos de capacitação: 1) Formas de manejo do solo; 2) Formas de plantação agroecológica; 3) Formas de colheita e processamento adequado das ervas; 4) Prática e uso do maquinário; 5) Formação de preço e boas práticas de venda.	• Capacitar as mulheres para práticas corretas de cultivo e processamento, embalagem dos produtos. • Especiações técnicas para venda dos produtos, embalagem e código de barra.
• Escoamento da produção	• Articulação com o grupo de mulheres para contato e venda dos produtos em varejões, restaurantes, lojas e farmácias.

Fonte: A autora.

No primeiro encontro realizado com todas as mulheres visitadas na cooperativa, compareceram 12 mulheres e 5 homens, aos quais apresentamos todo o projeto e o perfil levantado das pessoas envolvidas nele, conforme verificado na imagem 4:

Imagem 4: Reunião de apresentação do projeto de ervas às interessadas

Fonte: acervo da autora.

2.9 Perfil da produção de ervas medicinais das mulheres entrevistadas

Dentre os dados levantados no perfil produtivo das ervas medicinais, partimos das 71 ervas descritas e regulamentadas pela ANVISA-Agência Nacional de Vigilância Sanitária[15] - por meio resolução RDC Nº 10, de 9 de março de 2010. Estas são indicadas como medicamentos complementares aos alopáticos. No quadro 8, é possível identificar o nome científico das espécies e a parte utilizada para realização do chá ou medicamento.

Quadro 8- Espécies vegetais para preparo de chás segundo informe técnico nº45/1

RENISUS – Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS **Espécies vegetais**				
1	*Achillea millefolium*		*37*	*Lippia sidoides*
2	*Allium sativum*		*38*	*Malva sylvestris*
3	*Aloe* spp* (A. vera* ou *A. barbadensis)*		*39*	*Maytenus* spp* (M. aquifolium* ou *M. ilicifolia)*
4	*Alpinia* spp* (A. zerumbet* ou *A. speciosa)*		*40*	*Mentha pulegium*
5	*Anacardium occidentale*		*41*	*Mentha* spp* (M. crispa, M. piperita* ou *M. villosa)*
6	*Ananas comosus*		*42*	*Mikania* spp* (M. glomerata* ou *M. laevigata)*
7	*Apuleia ferrea = Caesalpinia ferrea* *		*43*	*Momordica charantia*
8	*Arrabidaea chica*		*44*	*Morus* sp*
9	*Artemisia absinthium*		*45*	*Ocimum gratissimum*
10	*Baccharis trimera*		*46*	*Orbignya speciosa*
11	*Bauhinia* spp* (B. affinis, B. forficata ou B. variegata)*		*47*	*Passiflora* spp* (P. alata, P. edulis* ou *P. incarnata)*
12	*Bidens pilosa*		*48*	*Persea* spp* (P. gratissima* ou *P. americana)*
13	*Calendula officinalis*		*49*	*Petroselinum sativum*
14	*Carapa guianensis*		*50*	*Phyllanthus* spp* (P. amarus, P.niruri, P. tenellus e P. urinaria)*
15	*Casearia sylvestris*		*51*	*Plantago major*
16	*Chamomilla recutita = Matricaria chamomilla = Matricaria recutita*		*52*	*Plectranthus barbatus = Coleus barbatus*
17	*Chenopodium ambrosioides*		*53*	*Polygonum* spp* (P. acre* ou *P. hydropiperoides)*
18	*Copaifera* spp*		*54*	*Portulaca pilosa*
19	*Cordia* spp* (C. curassavica* ou *C. verbenacea)**		*55*	*Psidium guajava*
20	*Costus* spp* (C. scaber* ou *C. spicatus)*		*56*	*Punica granatum*
21	*Croton* spp *(C. cajucara* ou *C. zehntneri)*		*57*	*Rhamnus purshiana*
22	*Curcuma longa*		*58*	*Ruta graveolens*
23	*Cynara scolymus*		*59*	*Salix alba*
24	*Dalbergia subcymosa*		*60*	*Schinus terebinthifolius = Schinus aroeira*
25	*Eleutherine plicata*		*61*	*Solanum paniculatum*

[15] Fonte: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/res0010_09_03_2010.html

26	*Equisetum arvense*		*62*	*Solidago microglossa*
27	*Erythrina mulungu*		*63*	*Stryphnodendron adstringens = Stryphnodendron barbatimam*
28	*Eucalyptus globulus*		*64*	*Syzygium* spp* (*S. jambolanum* ou *S. cumini)*
29	*Eugenia uniflora* ou *Myrtus brasiliana**		*65*	*Tabebuia avellanedeae*
30	*Foeniculum vulgare*		*66*	*Tagetes minuta*
31	*Glycine max*		*67*	*Trifolium pratense*
32	*Harpagophytum procumbens*		*68*	*Uncaria tomentosa*
33	*Jatropha gossypiifolia*		*69*	*Vernonia condensata*
34	*Justicia pectoralis*		*70*	*Vernonia* spp* (*V. ruficoma* ou *V. polyanthes)*
35	*Kalanchoe pinnata = Bryophyllum calycinum**		*71*	*Zingiber officinale*
36	*Lamium álbum*			

DAF/SCTIE/MS – RENISUS - fev/2009

Fonte: Adaptado de: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3474733/mod_resource/content/1/Informe%20T%C3%A9cnico%20n%C2%BA%2045%2C%20de%2028%20de%20dezembro%20de%202010%20%281%29.pdf

Segundo esta resolução, compreende-se por chá: “o produto que deve ser designado de "Chá", seguido do nome comum da espécie vegetal utilizada, podendo ser acrescido do processo de obtenção e ou característica específica. Podem ser utilizadas denominações consagradas pelo uso” (RDC Nº10/2010). É importante salientar que foram levantados outros tipos de ervas, que não estavam nesta listagem, mas dos quais há um amplo uso na prática popular e até na literatura científica, embora ainda não tenham sido acrescentados à listagem de interesse do SUS segundo a ANVISA.

No que tange propriamente ao perfil produtivo dos lotes das mulheres visitadas durante o projeto, verificou-se, *a priori*, que as ervas são produzidas no espaço próximo ao da casa, junto à horta doméstica ou em canteiros junto ao pomar. Para um olhar desatento, algumas podem ser até consideradas mato ou erva daninha, mas, para olhos atentos, são matéria-prima básica de remédios, repelentes ou pomadas, que são mais eficientes quando produzidas destas formas, como verificado nas imagens 5 e 6:

Imagem 5: Produção de ervas medicinais reguladas pela ANVISA - Capim Cidreira

Fonte: Acervo da autora.

Imagem 6: Produção de ervas nos quintas:

Fonte: Acervo da autora.

Neste sentido, partindo da listagem da ANVISA, nos lotes inventariados, foram encontrados 40 tipos do total de ervas listado, o que equivale a mais de 60% desta listagem. No quadro 9, abaixo, estão elencadas as ervas encontradas da listagem inicial:

Quadro 9: Listagem das ervas da ANVISA segundo RDC nº10 encontradas nos lotes inventariados:

Ervas regulamentadas pela ANVISA	**Número de lotes com as ervas**	**Porcentagem de lotes que produzem as ervas %**
Alecrim – *Rosmarinus officinalis*	10	62,5
Alho – *Allium sativum*	4	25
Anis estrelado – *Illicium verum*	2	12,5
Anis, Erva doce – *Pimpinela anisum*	3	18,75
Arnica – *Arnica montana*	5	31,25
Aroeira da praia – *Schinus terebinthifolia*	2	12,5
Assa peixe – *Vernonia polyanthes*	2	12,5
Barbatimão – *Stryphnoden dromadstrigens*	5	31,25
Boldo do chile – *Peumus boldus*	8	50
Boldo nacional, Hortelã homem, Falso boldo, Boldo africano – *Plectranthus barbatus*	6	37,5
Cajueiro – *Anacardium occidentale*	6	37,5
Canela – *Cinnamomum verum*	2	12,5
Capim santo, Capim limão, Capim cidreira, Cidreira – *Cymbopogon citratus*	11	68,75
Cavalinha – *Equisetum arvense*	2	12,5
Chapéu de couro – *Echinodorus macrophyllus*	2	12,5
Curcuma, Açafrão da Terra – *Curcuma longa*	4	25
Dente de leão – *Taraxacum officinale*	3	18,75
Erva cidreira, Falsa melissa – *Lippia alba*	12	75

Erva de bicho, Pimenteira dágua – *Polygonum punctatum*	1	6,25
Eucalipto – *Eucalyptus globulus*	8	50
Gengibre – *Zingiber officinale*	7	43,75
Goiabeira – *Psidium guajava*	13	81,25
Guaco – *Mikania glomerata*	2	12,5
Guaraná – *Paullinia cupana*	1	6,25
Hortelã pimenta – *Mentha x piperita*	11	68,75
Jucá, Pau ferro – *Caesalpinia férrea*	1	6,25
Jurubeba – *Solanum paniculatum*	7	43,75
Laranja amarga – *Citrus aurantium*	3	18,75
Macela, Marcela – *Achyrocline satureioides*	4	25
Maracujá – *Passiflora alata*	11	68,75
Maracujá azedo – *Passiflora edulis*	6	37,5
Melão de São Caetano – *Momordica charantia*	7	43,75
Melissa, Erva cidreira – *Melissa officinalis*	3	18,75
Mentrasto, Catinga de bode – *Ageratum conyzoides*	8	50
Picão – *Bidens pilosa*	13	81,25
Pitangueira – *Eugenia uniflora*	6	37,5
Poejo – *Mentha pulegium*	1	6,25
Quebra pedra – *Phyllanthus niruri*	10	62,5
Romã – *Punica granatum*	10	62,5
Sabugueiro – *Sambucus nigra*	2	12,5

Fonte: A autora.

Além destas ervas, foram ainda identificadas outras também usadas como temperos e ervas aromáticas muito utilizadas popularmente para alimentação, cosméticos ou remédios,

que são comercializadas em lojas especializadas. Tais ervas são mostradas no quadro 10, abaixo:

Quadro 10: Outras ervas produzidas nos lotes inventariados na pesquisa

Outras ervas e temperos	Número de lotes com as ervas	Porcentagem de lotes que produzem ervas em %
Araruta	1	6,25
Balsamo	1	6,25
Cebolinha	5	31,25
Chia	1	6,25
Citronela	2	12,5
Coentro	3	18,75
Estomalina	1	6,25
Favoca/alfavoca	1	6,25
Figo	1	6,25
Levanti	2	12,5
Louro	2	12,5
Majericão	3	18,75
Menta	1	6,25
Noni	1	6,25
Orégano	1	6,25
Pimenta do reino	1	6,25
Salsinha	4	25
Urucum	3	18,75

Fonte: Produzido pela autora.

Parte de toda esta diversidade se faz pela valorização de conhecimentos advindos hereditariamente, em que se usava um chá ou um tipo de alimento de outra região do país e no embolado de espécies se conservam como práticas cotidianas e saberes tradicionais. A valorização da vida é aqui entendida com proporções ainda maiores do que apenas a saúde individual, pois esta se faz através da relação universal de efeitos tão abrangentes que afetam não unicamente o corpo humano, mas as diferentes espécies, o clima e a própria relação com natureza e com as culturas tradicionais e agrícolas.

A partir disso, os saberes tradicionais e os conhecimentos adquiridos de forma geracional com o vivenciamento instintivo com a natureza, predominante nas atividades femininas, são substituídos por práticas artificializadas e sintéticas, no caso da produção comercial. Neste aspecto, o papel feminino, como veremos no processo histórico, é duplamente importante, primeiro por serem as mulheres, em grande medida, responsáveis

pela permanência da resistência de práticas alternativas frente ao sistema da agricultura convencional, e segundo por manterem vivos e repassarem um conhecimento sobre saúde, criação e meio ambiente mais sustentável às novas gerações.

Muitas das práticas naturais que a ciência tem chamado de Agroecologia e praticado em quintais, áreas da agrovila, pomares, sítios, hortinhas têm novamente a figura feminina como ponto central na sua organização e cuidado.

3 PATRIARCADO E AGRICULTURA: PARA ALÉM DE UMA HISTÓRIA DA SUBMISSÃO DA MULHER

> Podem os seres humanos aprender com as lições que a história ensina? Para caminhar no sentido de uma sociedade mais justa, no ideal de uma humanidade plena para todos, os homens precisam estar prontos a abdicar das rígidas ortodoxias e dos sistemas patriarcais hierárquicos que negam a vida. As mulheres, por seu turno, têm de assumir sua parcela de responsabilidade pela organização pública de suas sociedades e, na esfera privada, aprender a amar os homens como parceiros, e não mais segundo a insultuosa combinação tradicional de pai dominador com criança grande. Todo desenvolvimento futuro, de agora em diante, tem de ser avaliado pela perspectiva de ambos os sexos, já que tanto os homens quanto as mulheres são igualmente importantes na elaboração da história. A esperança para o futuro, do mesmo modo que o triunfo sobre o passado, reside na cooperação e na complementariedade de mulheres e homens (MILES, 1989, p.15).

3.1 Introdução

Esta seção apresenta algumas notas sobre o conceito de gênero, dada sua ampla utilização em teses e artigos científicos. Procuramos aqui descrever a maneira pela qual o entendemos e acreditamos ser uma categoria útil de análise para situações encontradas durante o processo de pesquisa, destacando ainda que o trabalho não retrata exatamente apenas o que cabe na categoria conceitual de gênero, mas, sobretudo, na de patriarcado, que se convencionou por oferecer parâmetros para explicar as relações de hierarquia e poder do homem sobre a mulher.

Além disso, na seção, buscou-se discutir questões estabelecidas de gênero no universo da Reforma Agrária, de maneira a transcrever o importante papel de um grupo de mulheres em atividade destinada à geração de trabalho e renda, a partir da valorização de saberes tradicionais próprios do domínio feminino. Pensar nestes tipos de conhecimentos e nas suas resistências é, de certa forma, entender as brechas de um sistema econômico balizado no progresso, na economia monetária, no pragmatismo, na tecnologia e no global. Dito de outra maneira, trata-se de revelar um universo de tensões, constrangimentos, obrigações e violências que se impõem sobre as vidas dessas mulheres rurais e que, no processo de se formarem como sujeitas condutoras, mudam a realidade e constroem uma nova perspectiva sobre o que está estabelecido.

É justamente neste ponto que pretendemos mostrar como a história e as concepções carregadas da visão patriarcalista tradicional tem impedido a construção de uma história do

mundo das mulheres, em que as "lacunas deixadas pela preocupação convencional da história com atividades masculinas" são priorizadas em detrimento da atenção e dignidade à vida das mulheres como tais (MILES, 1989, p.11).

Um patamar significativo para abordarmos o sentido dos saberes e das trajetórias das mulheres se constitui, primeiro, pelo ato da mudança e tomada de consciência por parte dessas mulheres e, segundo, por representarem poço de conservação das raízes mais puras, das ervas mais raras, das coligações mais eficientes de cura, proteção e conservação do meio ambiente.

Nesta acepção, entender a relação dos conhecimentos e práticas tradicionais guardadas e repassadas por elas como parte da Agroecologia é um convite ao desvendamento da história do patriarcado e da exploração da humanidade sobre os recursos naturais, o que significa dizer que parte do que se impõe sobre "as sujeitas" [16] desta pesquisa nos acena a entender o processo de dominação e subjugação da natureza pelo Capitalismo e do homem pela mulher, bem como o papel da mulher na história, para entender como as relações de resgate e valorização encontrados no processo de constituição do grupo de processamento de ervas[17] refletem parte de uma relação de simbiose entre mulher e natureza.

A seção ainda apresenta de que maneira o capitalismo contribuiu para o domínio das relações androcêntricas no que se refere à diversidade, à natureza e às relações de poder dos homens sobre a mulher.

Desta forma, pretende-se refletir sobre o campo teórico: patriarcado e história do mundo das mulheres, propriedade privada, capitalismo e agroecologia, como forma de construção dos caminhos norteadores da pesquisa desenvolvida.

3.2 Notas sobre o conceito de gênero o seu uso nesta pesquisa

A temática de gênero é trabalhada em diversas perspectivas e nos mais diferentes contextos. Em razão de sua complexidade, tal temática exige um olhar igualmente

[16] A escolha pelo feminino se faz por uma postura feminista da autora do trabalho.

[17] Mais do que enfatizar a questão de gênero neste trabalho, é igualmente relevante dizer que a categoria gênero não é sinônimo neste trabalho de mulher, e que, entendemos como MATOS (1998, p.2) que "a categoria gênero encontrou um terreno favorável na historiografia brasileira contemporânea, desnaturalizando as identidades sexuais e postulando a dimensão relacional. Talvez a história tenha sido uma das áreas, no campo interdisciplinar dos estudos de gênero, que mais intensamente tenha feito essa incorporação. Assim, na década de 90, os estudos se ampliaram e diversificaram em termos temáticos, de abordagens e focalizando diferentes momentos. Incorporaram, mesmo que tardiamente a questão da violência numa perspectiva histórica". É importante destacar, neste momento, sem delongas, já que esse tema será tratado com mais calma posteriormente, que a transformação de um conjunto de saberes considerados próprios do domínio feminino em projeto de geração de trabalho e renda mostrou igualmente a apropriação do homem às atividades de gestão mais altas.

contextualizado, para maior clareza e entendimento da construção que as próprias concepções do tema propõem.

Neste sentido, cabe uma atenção especial à escolha do conjunto de significados para designar as relações de poder entre homens e mulheres escolhidos neste trabalho. Seguimos como referência o termo Patriarcado, viriarcado, androcentrismo, falocracia ou ainda falologo-centrismo (SAFFIOTI, 2015) como conceito-chave para destacar essencialmente a construção histórica do processo de dominação-exploração masculina como polo e para evidenciar a participação das mulheres na história, procurando romper com uma proposta liner de dominação tal como dada na construção tradicional de historicidade.

Diferentemente do conceito de gênero, pois, como Scott (1988) aponta, que este termo pode implicar certa neutralidade, já que não inclui a concepção de desigualdade e poder como relação fundamental, para Saffioti (2015, p.74):

> Para discussão conceitual este ponto é extremamente relevante, uma vez que gênero deixa aberta a possibilidade de vetor da dominação – exploração, enquanto os demais termos marcam a presença masculina neste polo.

Assim, consideramos que o termo "gênero" abarca o conjunto de normas modeladoras dos seres humanos em homens e em mulheres, normas que, ainda segundo Saffioti (2015), são expressas nas relações destas categorias sociais do homem e mulher, mas que devem ser ampliadas para as categorias homem-homem e mulher-mulher, apesar de se privilegiar a categoria de relação homem-mulher, pelo fato de ser a realidade objetiva "com a qual todo ser humano se depara ao nascer" (SAFFIOTI, 2015, p. 74).

É igualmente importante lembrar que, longe de naturalizar esta relação, trata-se de uma tradição ideológica posta pelas estruturas dominantes de poder e agentes submergidos na malha de relações sociais. E a desigualdade de gênero não é dada com frequência nas relações entre homens e mulheres, mas pode ser construída.

O que, na realidade, pretendemos passar (ao leitor) é que o conceito de gênero não se resume a uma categoria de análise, sendo também uma categoria histórica, que tem atraído muitos estudos e análises. Para Saffioti (2015, p.47):

> enquanto categoria histórica, o gênero pode ser gerado em várias instâncias: "aparelho semiótico; símbolos culturais evocadores de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, organizações e instituições sociais; identidade subjetiva; como divisões e atribuições assimétricas de característicos e potencialidades; como, numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas as relações

> homem-mulher, mas também, relações homem-homem, mulher-mulher. Cada feminista enfatiza determinado aspecto do gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do masculino e feminino.

Neste sentido, há que se pontuar que o termo "gênero" não expõe essencialmente as desigualdades entre homens e mulheres, mas apenas as presume. Existe, no entanto, feministas que enxergam a hierarquia independentemente do período histórico com o qual estão trabalhando, o que acaba por gerar um problema teórico, ou seja, impede-se, assim, uma "interlocução adequada e esclarecedora" entre aqueles que concordam com o conceito de patriarcado, aquelas que são adeptas ao gênero e o grupo que trabalha considerando a história como processo, ou seja, concordando com a utilização do conceito de gênero para toda história, como categoria geral, e com o termo patriarcado para designar uma categoria específica de um período específico, isso significa um período de 6 a 7 milênios da história humana (SAFFIOTI, 2015).

O que acontece é que se acredita ter havido um predomínio masculino em um passado remoto, o que significa que as desigualdades entre homens e mulheres atuais são resultado de um patriarcado não mais existente amplamente. Em partes isso se concretiza na medida em que não mais existe fato *ipisis litteris,* como relatado no Velho Testamento, em Abraão, na Roma antiga, no qual a instituição do monoteísmo se torna correlata ao patriarcado, detendo o poder de vida e morte de sua família. Vale salientar que, mesmo representando uma permanência na religião mulçumana, este patriarcado mais puro não é predominante em todas as sociedades. Tal como os demais fenômenos sociais, também o patriarcado se transforma.

Por este fato, procurou-se utilizar a categoria "patriarcado", para demonstrar como as relações essencialmente de poder e de dominação sobre a mulher e a natureza continuam se estabelecendo e de maneiras aprimoradas na sociedade capitalista, embora haja uma contínua luta das mulheres em resistir. Especificamente, no caso deste trabalho, a ênfase mostra os saberes tradicionais, a relação com a Natureza e a Agroecologia, em contrapartida à dominação masculina, em seus efeitos postos socialmente.

3.2.1. Mulher, matriarcado e subsistência: dois mil anos de história

Pensar nas condições atuais que levam a refletir sobre a questão da mulher rural, ou, mais especificamente, da mulher da Reforma Agrária exige a visita a temas polêmicos tradicionais referentes ao viriarcado, patriarcado e androcentrismo, que estão latentes no campo, tanto quanto na cidade.

Sob tais aspectos, costuma-se tratar a história das civilizações como a narrativa da dominação da natureza e da mulher. O surgimento do patriarcalismo, por sua vez, coincide com a propriedade privada, com o domínio da agricultura e com o surgimento das religiões monoteístas.

O processo histórico de constituição da figura masculina e do Capitalismo tem forjado cuidadosamente a desvalorização da natureza e da figura feminina. Se analisarmos os fenômenos da atualidade, na perspectiva da natureza, percebe que há predomínio da forma de produção industrial e agrícola mundial, na qual se destacam as relações estabelecidas de degradação do meio ambiente e, do lado da mulher, costuma construir uma história enfatizada na violência, exclusões sociais, econômicas e culturais, não oportunizando o verdadeiro papel e importância da mulher para manutenção da própria vida na Terra. Fato que se buscará ponderar nestas páginas.

Para iniciar uma instrumentação teórica sobre tal acepção, Zerzan (2010), considerado um dos filósofos mais radicais da atualidade, propõe que as primeiras civilizações foram matriarcais. No entanto, tem se justificado que nem antropólogos, arqueólogos ou historiadores encontraram evidências sobre tais aspectos na história tradicional, porque, segundo Miles (1989, p.10), “os historiadores têm preferido examinar fanaticamente registros do tesouro e róis de roupa, para descobrir a roupa suja de grandes homens a investigar grandes feitos de mulheres desconhecidas”.

A história antiga das mulheres escrita oficialmente buscou esmiuçar crônicas em busca de rainhas, superioras e sábias a serem contrapostas a figuras masculinas equivalentes em autoridade e capacidade, criando heroínas à imagem de heróis. Essa história, embora valorize a competência e poder das mulheres, apresenta pontos de fraqueza, “já que sempre havia mais governantes e gênios homens do que mulheres; e deixava de considerar a realidade das femininas, sem oportunidade ou apetite para tais atividades” (MILES, 1989, p.10).

Além disso, partamos do princípio. A história humana começa com a fêmea, é ela quem carregou o cromossoma humano original, como faz até hoje. Foi a adaptação evolutiva dela que garantiu o sucesso e sobrevivência da espécie. A maternidade, como tarefa, forneceu o estímulo, a organização e a comunicação social humana. Em outras palavras: “a mulher estava silenciosamente levando à frente a tarefa de garantir o futuro para humanidade – pois

eram seu trabalho, suas habilidades e sua biologia, que seguravam a chave do destino da raça[18]" (MILES, 1989, p. 19).

Mas houve um longo período de tempo, antes que a cultura masculinamente definida se fixasse, no qual a mulher se constituía como fundamental para permanência e sobrevivência grupal. Isso, segundo Zerzan (2010, p.2), é apontado em muitos estudos:

> Desde a década de 1970, antropólogas como Adrienne Zihlman e Nancy Tanner (1978), Elizabeth Fisher (1979) e Frances Dahlberg (1981) têm redirecionado o foco para além dos estereótipos sobre a origem do mundo pré-histórico, do "Homem Caçador" para a "Mulher Coletora".

Segundo este conjunto de pensadoras e pensadores, a chave da mudança deste olhar primeiro sobre o binômio homem caçador x mulher coletora são os dados que demonstram que, nas sociedades pré-agrícolas, os bandos obtinham cerca de 80% da sua subsistência através da coleta e 20% através da caça. Neste aspecto, ao fazer a distinção entre caça/coleta e observar estes grupos, teríamos, ainda nas relações de subsistência, as mulheres caçando e os homens coletando. Saffioti (2015, p.63) lembra que "a divisão sexual do trabalho nas sociedades de caça e coleta não se aplica pela maior força física do homem, pois há sociedades nas quais cabe às mulheres a caça da foca", animal que, apesar de parecer pequeno, exige uma grande destreza, especialmente no que se refere ao ato da caça.

Saffioti (2015) também salienta que, com o movimento das águas oceânicas, as rochas e as focas ficam impressionantemente lisas, o que dificulta ainda mais a caça desses animais. Não obstante, é caçada inclusive por mulheres grávidas, o que mostra o frágil conceito de que é preciso força para caçar. Sobre tal aspecto, Engels (2006, p.1) destaca que:

> o povoamento de novos lugares e o incessante afã de novos descobrimentos, ligados à posse do fogo, que se obtinha pelo atrito, levaram ao emprego de novos alimentos, como as raízes e os tubérculos farináceos, cozidos em cinza quente ou em buracos no chão, e também a caça, que, com a invenção das primeiras armas - a clava e a lança - chegou a ser um alimento suplementar ocasional. Povos exclusivamente caçadores, como se afirma nos livros, quer dizer, povos que tenham vivido apenas da caça, jamais existiram, pois os frutos da mesma eram demasiado problemáticos.

[18] Miles (1989) lembra que todas as pessoas do planeta descenderam do mesmo hominídea primitivo, e este, por sua vez, era uma mulher. Além disso, a estrutura molecular da herança genética comum a toda raça humana permaneceu constante por milênios, sendo incontroversamente feminina.

Sem dúvidas, dos deveres das mulheres, a coleta de comida vinha em primeiro lugar, e era este trabalho que mantinha a tribo viva, já que "em nenhum momento na pré-história as mulheres, com ou sem seus filhos, dependiam da caça dos machos para sua alimentação (...) daí resulta que é a coleta das mulheres e não a caça dos homens que sustenta a tribo" (MILES, 1989, p.22).

Destaca-se, assim, que "a autonomia da mulher nas sociedades coletoras tem raízes no fato dos recursos materiais para subsistência estarem igualmente disponíveis para as mulheres e os homens em suas respectivas esferas de atividade" (ZERZAN, 2010, p.3,), bem como na construção das próprias ferramentas de pedras usadas por povos pré-agrícolas[19].

Além disso, a coleta de alimento ofereceu os primeiros experimentos com tecnologia à espécie humana, já que as primeiras ferramentas da caça haviam se desenvolvido muito posteriormente às utilizadas pelas mulheres, como ossos, pedras e pedaços de madeira, utilizados para desencravar raízes, auxiliar na coleta ou pulverizar raízes para facilitar a mastigação (MILES, 1989).

No contexto dessas sociedades caçadoras-coletoras, desenvolve-se um *ethos* igualitário entre homens e mulheres, essencialmente porque, neste cenário, a pessoa que coletava o alimento também o distribuía. Assim, se a mulher era responsável pelo provimento de 80% da subsistência, é ela também majoritariamente quem determina os movimentos e os locais de acampamento das sociedades de bando. Saffoti (2015, p. 61) chama atenção sobre este aspecto:

> enquanto a coleta é certa, acontecendo cotidianamente, a caça é incerta. Um grupo de homens pode voltar da caçada com o animal grande ou médio porte, provendo as necessidades de seu grupo, como pode voltar sem nada. Logo, a atividade dos homens, realizada uma ou duas vezes por semana, não é confiável em termos de produto. Já das mulheres permite voltar a sua comunidade sempre com algumas raízes, folhas e frutos. A rigor, então, a sobrevivência da humanidade, felizmente variando no tempo e no espaço, com esta divisão sexual do trabalho foi assegurada pelo trabalho das mulheres.

Isso demonstra a importância das mulheres não apenas para provimento e sobrevivência do bando, mas também nas decisões estruturantes do grupo, já que foi com a capacidade da coleta que se desenvolveram habilidades de avaliação, memória e seleção de variedades de sementes, cascas e capins descobertos em locais primitivos, indicando, desta

[19] Joan Gero and Margaret W. Conkey, eds., Engendering Archaeology (Blackwell: Cambridge MA, 1991); C.F.M. Bird, "Woman the Toolmaker," in Women in Archaeology (Research School of Pacific and Asian Studies: Canberra, 1993).

forma, que discriminação cuidadosa era baseada no conhecimento e não em uma catança aleatória (MILES, 1989).

Sob tais aspectos, ainda é importante dizer que o cuidado, especificamente materno, neste período, cria outras implicações no que se refere ao futuro da raça. A criança humana leva um tempo maior de crescimento, necessitando de mais tempo e cuidados. Além disso, os cuidados não se restringem apenas à atenção física, mas também a uma iniciação de complexas atividades sociais e intelectuais. O resultado aparentemente deste "simples" gesto pós-natal de abrigar, confortar e se divertir em atividades sociais com o grupo resultou claramente no estímulo ao QI, o que teve "valor crucial na separação e afastamento entre os novos e os grandes macacos, em capacidade mental e conceitual" (MILES, 1989, p.25).

No entanto, a história tradicional insiste na argumentação da importância do homem-caçador na história da raça humana, com a afirmação de que foi a caça, em conjunto com os machos, que exigiu a capacidade de comunicação e organização social, o que teria incentivado o desenvolvimento cerebral mais complexo.

Neste mito do homem-caçador e na ingênua divisão sexual do trabalho, visão segundo a qual os homens iam para caça enquanto as mulheres para o local do lar, há uma vasta quantidade de provas indicando que as primeiras famílias foram constituídas por fêmeas e seus filhos, pois, como vimos, as sociedades tribais eram centradas e organizadas na mãe. Os jovens machos partiam, enquanto as fêmeas permaneciam perto de suas mães, em lar primitivo, agregando seus machos. Nas famílias centradas na figura feminina, "os machos eram casuais ou periféricos, enquanto, tanto o núcleo, quanto quaisquer redes deles emanadas, permaneciam femininos (...). O germe da organização social foi sempre a mulher, seus filhos, e os filhos de seus filhos" (MILES, 1989, p 25).

Zerzan (2010) ainda lembra a liberdade feminina nos grupos matrilocais, como Pueblo, Iroquis, Crow e outros grupos indígenas americanos, nos quais a mulher podia terminar uma relação conjugal a qualquer hora. Havia, nos bandos, a possibilidade de os homens e mulheres se moverem livremente e pacificamente de um bando a outro, tal como de uma relação à outra. Os homens não comandavam as mulheres, como ainda não exploravam o trabalho feminino: "eles exerciam pouco ou nenhum controle sobre o corpo da mulher ou das crianças, não havia fetiches sobre a virgindade ou castidade, e não havia exigência de exclusividade sexual da mulher" (MILES, 1989, p.16).

O que ainda nos ajuda a entender este processo é, justamente, o compartilhamento de alimentos, já que este é a marca conhecida do modo de vida dos bandos coletores, gerando certa igualdade entre homens e mulheres. Além disso, outro fator determinante é a divisão das

responsabilidades do cuidado da prole, o qual é compartilhado. Isso ainda pode ser visto entre as poucas sociedades remanescentes de caçadores-coletores, em contraste com a vida familiar isolada e privatizada na civilização.

Portanto, as culturas da Idade da Pedra demostram a relevância da mulher em múltiplos papéis - conselheiras, líderes, sábias, médicas, mágicas ou legisladoras - sem jamais abrir mão de seu poder mágico excepcional da fertilidade e do nascimento. Assim:

> todas as evidências pré-históricas confirmam o *status* especial das mulheres como mulheres da tribo (...) pois a mulher, com seus ritmos lunares inexplicáveis e seu poder para criar vidas novas, era o mistério mais sagrado da tribo. Tão miraculosa, tão poderosa, ela tinha de ser mais do que homem- mais do que humana. Quando o homem primitivo começou a pensar simbolicamente, só havia uma explicação. A mulher era o símbolo primeiro, a maior entidade de todas- nada menos que uma deusa (MILES, 1989, p.36).

Como observado, a figura de deusa e sagrada pode ser identificada nas mais diferentes e remotas culturas e pendurou expressivamente. Alguns pesquisadores falam em torno de 25000 anos, outros estudos ampliam para 50 mil anos[20]. Não é à toa, como se pode verificar, que a mulher sempre assumiu a figura de divindade, fato essencialmente associado à relação entre ciclo menstrual e lunar e a capacidade de geração de uma nova vida saindo de seu corpo.

Não faremos aqui uma retomada histórica da mulher como deusa, sagrada ou figura da Grande Mãe[21], já que existem inúmeros textos consagrados sobre esta temática. O que nos importa é mostrar a relevância histórica da mulher simplesmente por ser mulher e detentora das primeiras leituras da natureza e entendimento de seus ciclos, já que é justamente essa ligação entre corpo feminino e ciclo da natureza que a coloca em um patamar tão significativo, o que, no decorrer da história, receberá um enfrentamento masculino.

3.2.2 Da Grande Mãe à ascensão do falo: da sensitividade natural à agricultura

Diante de todos os monopólios que as mulheres detinham frente à natureza, os homens tiveram de inventar os seus próprios. Havia uma necessidade não apenas de superar e imitar, mas essencialmente de usurpar o papel das mulheres e criar vidas novas. Passo a passo, o pensamento humano passa a cruzar o limiar mental entre pensamento e interpretação dos

[20] Rosalind Miles ainda lembra que não houve sequer nenhum momento da história humana no qual a mulher não fosse especial ou mágica, como na personificação da adoração à Grande Mãe.
[21] Para saber mais sobre histórico, ver Rosalin Miles "A grande Deusa" em A história do Mundo pela mulher.

acontecimentos em termos mágicos ou simbólicos e, na "compreensão nascente de causa e efeito", o papel do homem na geração de uma nova vida passa a ficar mais clara.

A partir dessa compreensão, os ritmos e ciclos femininos deixam de ser divinos e passam a ser interpretados como humanos. A compreensão da figura do homem na geração de uma vida completa fica mais clara. Por consequência, acompanharemos a revolução do Falo contra a Grande Mãe!

Em outras palavras, à medida que o homem busca significado para si frente à figura incontestada da Grande Mãe, o pênis lhe garante a convicção necessária para sua elevação como *status* de sagrado, de rei. É desse momento em diante que a superioridade masculina fica determinada a um único órgão, tornando-se, assim, o falo fonte de poder e todo significado de ordem cultural (MILES, 1989)[22].

Verifica-se que o desenvolvimento simultâneo da cultura simbólica e da vida generificada não é uma coincidência, na realidade, envolve uma mudança básica do estilo de vida. Esta não separada e não hierarquizada, que interage dando resposta às tensões e desigualdades que as mulheres encarnam, sendo a cultura e a vida dialeticamente interconectados à divisão de trabalho original e artificial.

Assim, podemos dizer que a transferência de poder da Deusa para Deus, de Rainha para Rei, de Mãe para Pai teve lugar em etapas que podem ser verificadas na mitologia mundial. De maneira mais ampla, as mudanças desse curso nascem efetivamente com o crescimento da população, resultante da sedentarização, que passa a demandar mais alimento.

Por mais que a mulheres houvessem relação direta com o cultivo e até com a invenção da agricultura pré-histórica, a explosão populacional e a exigência por mais comida foram gradativamente substituindo a horticultura das mulheres pela agricultura pesada e intensa:

> onde as mulheres vinham trabalhando em uma espécie mágica de simpatia, como suas aliadas naturais, agora os homens tinham de domar e dominar a natureza para obrigá-la a produzir o que determinavam. Os novos métodos envolvidos na agricultura encontraram eco simbólico igualmente danoso nos papéis e relacionamentos macho/fêmea" (MILES, 1989, p.72).

Desta maneira, com o deslocamento da horticultura para a agricultura e o desenvolvimento aparentemente sequencial da história, haverá o mascaro de mudanças

[22] Vale destacar, sobre essa perspectiva, que "a ascensão do falo não significou uma queda imediata a grande Deusa". Ao contrário, as histórias, mitos e rituais são adaptados para se adequarem aos ritmos do protagonismo masculino.

profundas e irreversíveis nas relações entre mulheres e homens, inclusive na maneira de se pensar.

Igualmente, à medida que as civilizações se desenvolveram, a partir dos contatos e das limitações das trocas, os sistemas de gênero foram se transformando. Desenvolvem-se as determinações de papéis e distinções dos atributos de cada sexo. E foi justamente no deslocamento da coleta/horticultura para agricultura que ocorreu o fim gradual do sistema consideravelmente igualitário nas relações entre homens e mulheres (STEARNS, 2015). A agricultura/sedentarização não apenas mudou esta relação, mas também favoreceu o domínio masculino, já que o homem era o maior responsável pelo plantio, mesmo com o grande apoio das mulheres.

Isso teve como resultado o aumento das taxas de natalidade, que, no momento histórico das sociedades nômades, era controlado pelo prolongado aleitamento materno e pela atividade de coleta desenvolvida diariamente pela mulher, o que exigia uma liberdade maior de movimentação no território.

Na agricultura, o homem torna-se responsável, em geral, pela plantação e suprimento da maior parte dos alimentos. Assim, esfacela-se o poder tradicional das mulheres, baseado na natureza, na sua força e capacidade de organização. No entanto, enquanto as mulheres ainda continuassem a ser geradora de vida, dessem à luz, continuariam a deter o *status* de associação ao divino, e a ascensão do homem estaria comprometida.

3.2.3 Do nascimento do Criador Rei à civilização: o poder da propriedade privada e da agricultura

Com a consolidação das tribos e com a prática da agricultura, inicia-se um povoamento das sociedades, cada vez mais sofisticadas, com exigências de estruturas e sistemas administrativos. Neste momento, também o excedente na produção de alimentos torna-se propriedade, despertando o homem para a glória de ser amo e rei.

Sob esta perspectiva, a propriedade privada, que antes, segundo Engels (2006, p. 13), balizava-se:

> no direito materno, isto é, enquanto a descendência só se contava por linha feminina, e segundo a primitiva lei de herança imperante na gens, os membros dessa mesma gens herdavam, no principio, do seu parente gentílico falecido. Seus gens deveriam ficar, pois, dentro da gens. Devido à sua pouca importância, esses gens passavam, na prática, desde os tempos mais remotos,

> aos parentes gentílicos mais próximos, isto é, aos consangüíneos por linha materna. Entretanto, os filhos de um homem falecido não pertenciam à gens daquele, mas à de sua mãe; ao princípio, herdavam da mãe, como os demais consangüíneos desta; depois, provavelmente, foram seus primeiros herdeiros, mas não podiam sê-lo de seu pai, porque não pertenciam à gens do mesmo, na qual deveriam ficar os seus gens. Desse modo, pela morte do proprietário de rebanhos, esses passavam em primeiro lugar aos seus irmãos e irmãs, e aos filhos destes ou aos descendentes das irmãs de sua mãe; quanto aos seus próprios filhos, viam-se eles deserdados.

Esse direito vai, aos poucos, na medida em que há acumulação de riquezas, garantindo uma posição mais importante ao homem do que a da mulher na família. Nesta perspectiva, nasce a vantagem de valer-se desse acúmulo para inversão da ordem de herança estabelecida em “favor dos filhos”. Vale dizer que, para Engels, tal mudança não seria possível enquanto a filiação fosse e permanecesse segundo o direito materno, para tanto este deveria ser abolido. E foi justamente o que aconteceu:

> tal revolução - uma das mais profundas que a humanidade já conheceu - não teve necessidade de tocar em nenhum dos membros vivos da gens. Todos os membros da gens puderam continuar sendo o que até então haviam sido. Bastou decidir simplesmente que, de futuro, os descendentes de um membro masculino permaneceriam na gens, mas os descendentes de um membro feminino sairiam dela, passando à gens de seu pai. Assim, foram abolidos a filiação feminina e o direito hereditário materno, sendo substituídos pela filiação masculina e o direito hereditário paterno (ENGELS, 2006, p.15).

O resultado foi o efeito do poder exclusivo dos homens na instauração da família patriarcal, que surgiu naquela ocasião, dando origem, portanto, à família "*id est patrimonium*", que significa herança transmitida por testamento. Tal designação surgiu entre os romanos para nomear um novo organismo social, no qual um chefe conservava sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder romano e o direito de vida e morte sobre todos eles. Notadamente, o resultado foi uma forma de família assinalada na monogamia, com a intenção de assegurar a fidelidade da mulher e, por conseguinte, a paternidade dos filhos e da propriedade.

À medida que a explosão demográfica ocorre e há demanda por mais comida, há uma condução à civilização e à domesticação, que, por sua vez, produz um sistema globalizado de dominação. Segundo Stearns (2015, s/p):

> A agricultura estabelecida, nos locais em que se espalhou, mudou isso, beneficiando o domínio masculino. À medida que os sistemas culturais, incluindo religiões politeístas, apontavam para a importância de deusas, como geradoras de forças criativas associadas com fecundidade e, portanto, vitais para a agricultura, a nova economia promovia uma hierarquia de gênero maior. Os homens agora eram responsáveis, em geral, pela plantação; a assistência feminina era vital, mas cabia aos homens suprir a maior parte dos alimentos. A taxa de natalidade subiu, em parte porque os suprimentos de alimentos se tornaram um pouco mais seguros, em parte porque havia mais condições de aproveitar o trabalho das crianças.

A partir de então, ou seja, da constituição das grandes civilizações agrícolas e consolidação da estrutura patriarcal de dominação, as mulheres, assim como a terra, passam a ter um "*status*" de propriedade. Em muitas sociedades agrícolas, as mulheres eram impedidas de possuírem propriedade de forma independente, ao mesmo tempo em que permitiam aos homens ter várias mulheres desde que fossem capazes de sustentá-las, apesar da forte presença de figuras femininas/deusas, as quais se associavam à fertilidade da terra na cultura neolítica[23].

Mas é interessante dizer que, em diversos relatos históricos, é possível identificar espaços em que as mulheres sempre gozaram, de modo geral, de um território definido como feminino "por intermédio de ritos e tradições compartilhados com outras mulheres" (MILES, 1989, p.146). Vale destaque às sociedades secretas com rituais de natureza sexual ou de fertilidade na Europa e na África, e em outras partes do mundo onde se encontravam espaços em que mulheres gozavam de liberdade enquanto grupo[24].

Sob a análise estrutural, apesar destes espaços de atuação feminina, temos que a passagem da coleta/horticultura para a produção de alimento em grande escala acarretou mudanças profundas nas sociedades de todos os lugares, consequências estas que resultaram não apenas nas formas de dominação da mulher, mas também de sua saúde:

> A domesticação é fundamentada aqui (etimologicamente, do latim domus, ou cuidados da casa): trabalho árduo, menos robustidade do que na coleta, muito mais filhos e menor expectativa de vida que os homens são

[23] Período da Pedra Polida é o período da história que se inicia com a sedentarização e surgimento da agricultura, dando lugar à Idade dos Metais.

[24] A este respeito, Rosalind Miles nos presenteia com exemplo riquíssimo sobre a relevância do papel feminino na África na Idade de Ouro de Mali: "por seu preciso trabalho como administradora da importantíssima colheita do sal, bem como em sua manipulação, promoção e comercialização, as mulheres africanas adquiriram um status privilegiado (...) os hábitos de Ashanti davam à mulher primazia sobre o homem com base no fato de julgarem que sua maior dívida era com a mãe, já que ela formava cada corpo humano com o seu próprio corpo e sangue (MILES, 1989, p.148).

> características encontradas na vida da mulher agricultora (ZERZAN, 2010, p.7).

Sem dúvidas, o trabalho feminino duplica em relação ao Neolítico. Vale como exemplo desse impacto na saúde feminina a produção horticultora, em que o *status* da mulher era de produtora e passa, na agricultura, definitivamente à submissão dos homens. Isso, no que se refere a termos comparativos de quantidade a mais de trabalho realizado, comparando o homem agricultor e a mulher agricultora em relação àqueles que caçavam e coletavam.

Além disso, alguns historiadores propõem, como uma chave de entendimento para a existência do patriarcado, que uma das suas funções era a de garantir, com o máximo de certeza possível, que os filhos de uma mulher fossem do marido. O intuito era de proteção à propriedade privada nas sociedades agrícolas, em contraste com as de caça e coleta. Havia uma necessidade dos homens de controlar a herança de gerações futuras, o que resultou na regulação da sexualidade das esposas (STEARNS, 2015).

É justamente neste ponto que o homem "para garantir a propriedade e proteger direitos de herança em uma sociedade mais complexa precisava de algo mais sutil do que a aplicação indiscriminada do instrumento mais grosseiro do homem" (MILES, 1989, p. 94). Além disso, as mulheres não podiam ser todas destruídas, então, para completar seu domínio de poder, encontra um senhor mais forte e poderoso, além do falo, um amo maior: Deus.

Assim, em um breve espaço de um milênio, o judaísmo e o islamismo e todas as primeiras religiões do mundo forjam sua própria comunidade de crentes na ascensão do Deus uno e onipotente frente à Grande Mãe geradora.

Por consequência a esta autoelevação do homem, temos redução da figura feminina ao patamar humano, além de uma subordinação a uma forma de vida inferior. Dessa forma, os cinco sistemas principais: judaísmo, budismo, cristianismo, islamismo e confucionismo instituem a inferioridade da mulher, exigindo, ainda, a sujeição a imperativos e valores arquitetados para promover a supremacia do homem (MILES, 1989). Cabe dizer que as mulheres gozavam, neste início, de certa participação e respeito nestes grandes sistemas de religião, já que estas pregavam o amor às mulheres.

No entanto, é a natureza do monoteísmo que efetivamente nos fornece a chave do entendimento para as crueldades e grosserias realizadas contra as mulheres, já que o monoteísmo não é apenas uma religião, mas a representação de relações de poder. Um deus único se refere à superioridade e primazia a todos os outros deuses e seres mortais.

Assim, as mulheres e os homens tiveram de ser levados a acreditar na inferioridade da mulher; para isso, os patriarcas do deus único precisavam forjar uma empreitada exaustiva de um “mito que justificasse e garantisse a sujeição da mulher”.

Um bem sucedido foi nada mais nada menos que a criação do pecado original, ou seja, o mito de que Adão é levado por Eva a pecar. Esse mito foi tão eficiente que foi capaz de colocar o homem em primeiro lugar “no esquema das coisas”, considerando que, em todas as religiões primeiras do deus-pai, o homem vem primeiro e a mulher vem de um traço insignificante dele. Aqui não importa sequer a inversão biológica da natureza das coisas, já que Deus assume o poder da vida e de criar sozinho “com seu hálito a vida de cada feto, usando a mulher na qual ele se instalava apenas como “envelope”, segundo a frase islâmica” (MILES, 1989, p. 108).

Se verificarmos, por exemplo, a lei judaica, surgida um pouco depois do Código de Hamurabi (segundo o qual a mulher era punida pelo não cumprimento de suas atividades como esposa, mas o marido também poderia ser deixado caso não provesse sua subsistência), é possível observar que ela era mais severa no tratamento da sexualidade das mulheres ou de seu papel público.

Stearns (2015) salienta que, em outras partes do Oriente Médio, surgiu o uso de véu exatamente quando as mulheres estivessem em público, para representar um sinal de inferioridade e pertencimento aos pais e maridos. Ainda sobre a deterioração dos papéis das mulheres, na China, aparece na dinastia Tang, o costume de enfaixar os pés. Além disso, ao final do período clássico, praticava-se a quebra dos pequenos ossos dos pés das meninas orientais para impedir que andassem com facilidade, já que o jeito desajeitado de andar era recebido como sinal de beleza e modéstia respeitável, algo apreciável pelos homens. Tais sinais se estenderão ao longo da história, e alguns desses hábitos cessam apenas recentemente:

> pressões desse tipo existiam principalmente sobre mulheres da classe alta, em que as famílias tinham condições econômicas para dispensar o trabalho produtivo feminino; essas pressões tenderam a se espalhar, e ter um impacto simbólico mais amplo. O costume chinês de enfaixar os pés terminou apenas no início do século XX (STEARNS, 2015, s/p).

Igualmente, vale salientar que a eficácia do patriarcado não se abateu apenas sobre as mulheres, mas obviamente afetou também o sentido de masculinidade. Isso significa que, independentemente da personalidade, cada homem deveria assumir seus papéis de dominante e estar pronto a assumir deveres militares ou qualquer outro tipo de liderança, bem como se

tornar responsável pela sobrevivência econômica da família[25]. Em muitos casos, os primogênitos recebiam poder sobre toda a prole e a família, ou ainda eram destinados a cargos ou papéis considerados importantes para o patriarcado:

> os filhos mais velhos eram privilegiados de maneira particular, mesmo entre os homens, pois o patriarcado poderia estabelecer uma hierarquia e lhes entregar o poder total sobre a família. Algumas sociedades autorizavam outras categorias para os homens, tolerando-lhes comportamentos ou vestimentas mais próprios de mulheres, ou mesmo orientação homossexual. Outros grupos de homens podiam ser selecionados: em algumas religiões os sacerdotes deveriam evitar o sexo, enquanto os homens que supervisionavam esposas e concubinas da corte de um governante- e que por vezes alcançavam considerável poder político em parte porque não podiam ter filhos para não confundir com a prole do rei ou imperador (STEARNS, 2015, s/d).

É importante chamar atenção para um esclarecimento sobre as condições nas quais se impôs o patriarcado no mundo. Não há uma linearidade nem uma forma única, mas sim situações que se assemelharam em partes do mundo. Aqui cabe o destaque:

> os sistemas patriarcais variaram muito, e os sistemas nunca foram de fato universais. A mesma ênfase na diversidade das instituições culturais e políticas globais que as civilizações forjaram em seus períodos de gestação aplicava-se às ideias sobre homens e mulheres e seus papéis. Aqui há dois pontos principais. Em primeiro lugar, a agricultura e a civilização não envolveram todos os grupos populacionais principais, mesmo no final do período clássico. De particular importância foi o estabelecimento de grupos pastoris nômades, ou grupos – como muitas tribos indígenas nos Estados Unidos – que combinaram caça e agricultura transitória de corte e queimada. Muitas dessas sociedades simplesmente não estabeleceram as condições que geravam o patriarcado. Podiam enfatizar algumas diferenças agudas entre homens e mulheres – por exemplo, pressupondo que os homens tinham responsabilidade particular pela guerra ou por façanhas a cavalo –, mas com frequência não instituíram o tipo de desigualdade sistemática característica das civilizações mais importantes. O confinamento doméstico das mulheres, por exemplo, foi limitado pelo fato de grupos nômades não estabelecerem moradias permanentes elaboradas. A existência de alternativas ao patriarcado pleno obviamente deu margem a um grande número de possibilidades complexas quando, por exemplo, valores de gênero de um grupo nômade se viram frente a frente com os de uma civilização patriarcal. O segundo ponto envolve uma variação significativa entre as próprias sociedades patriarcais. Nem sempre é claro por que elas diferem – assim como é difícil explicar por que a sociedade indiana clássica acabou enfatizando a religião mais do que a chinesa, ou por que a Grécia e a China diferiram em suas definições de ciência. Uma vez que as diferenças foram

> desencadeadas, na questão do gênero e em outras, elas tenderam a persistir (STEARNS, 2015, s/d).

Temos, então, que, de maneira geral, a ascensão e o aprofundamento dos sistemas patriarcais de relações de gênero se tonaram parte de um processo que originou as economias agrícolas, trocando a caça e a coleta pela agricultura e depois pela organização característica das civilizações. Em outras palavras, significa dizer que a propriedade privada, a agricultura, a monogamia e o monoteísmo intensificaram paulatinamente as desigualdades entre homens e mulheres.

Portanto as mulheres saem de um movimento de relativa autonomia e equidade dos pequenos grupos móveis e coletores, para um *status* controlado em grandes e complexos povoados ou governos. Então, a partir do monoteísmo e monogamia, baseados na propriedade privada, o patriarcado se estabelece. Mulheres passa a ser determinada como passivas, tal como a natureza, com valor para se tornar algo produtivo, à espera de fertilização e estimulação externa para se realizar. Mas, sob tais aspectos, é importante ressaltar que:

> Esse processo foi exaustivamente lento, graças à resistência das mulheres (...) o processo de instauração do patriarcado teve início no ano de 3100 a.C e só se consolidou no ano de 600 a. C. A forte resistência oposta pelas mulheres ao novo regime exigiu que os machos lutassem durante dois milênios e meio para chegar a sua consolidação. Se a contagem for realizada a partir do começo do processo de mudança, pode-se dizer que o patriarcado conta com uma idade de 5203- 4 anos. Se, todavia, se preferir fazer o cálculo a partir do fim do processo de transformação das relações homem-mulher, a idade desta estrutura hierárquica é de tão somente 2603- 4 anos. Trata-se a rigor, de um recém-nascido em face da idade da humanidade, estimada entre 250 mil e 300 mil anos. Logo, não se vivem sobrevivências de um patriarcado remoto; ao contrário, o patriarcado é muito jovem e pujante, tendo sucedido às sociedades igualitárias (SAFFIOTI, 2015, p.63).

Vale dizer, neste ponto, mesmo brevemente, que as condições que se estabelecerão posteriormente em nossa curta história da relação natureza e sobrevivência humana encontrarão nas sociedades coletoras, em especial na figura feminina, a origem da capacidade de aprendizado e memória responsáveis pela adaptação necessária à permanência da espécie humana na terra - levando em consideração a capacidade biocultural[26] de sobrevivência, entendimento este que será explanado posteriormente.

---

[26] Para estes autores, a memória biocultural "se fundamenta na noção de memória da espécie humana que supõe três dimensões: genética, linguística e cognitiva. Elas envolvem uma inter-relação entre a história da humanidade com a história da natureza, oferecendo através da terceira dimensão a possibilidade de compreender, avaliar e valorar a experiência histórica" (Fonte: http://oaji.net/articles/2014/1214-1409596894.pdf).

Antes de tomarmos a relação de dominação mulher/natureza, é saudável descrever primeiramente como se estabeleceu a posição da mulher no advento do Capitalismo. Já dissemos que a consolidação da propriedade privada, monogamia, monoteísmo, bem como o estabelecimento da agricultura levaram ao patriarcado. Com o advento do Capitalismo e da constituição das civilizações atuais, portanto, acompanhamos, de um lado, um processo de intensificação da exploração da natureza e, de outro, o aprofundamento das relações de gênero[27], em especial no que se refere à mulher.

3.3 O Capitalismo como domínio das relações androcêntricas e a exploração da natureza

No que se refere ao modo de produção capitalista, neste período, marca-se um divórcio entre o valor de uso e o valor de troca dos produtos do trabalho. É por isso que, a partir do momento em que o valor de troca adentra a maioria dos itens produzidos, torna-os mercadorias tal como a força de trabalho (SAFFIOTI, 2013). Assim, o trabalhador não mais produz para seu consumo direto, mas prioriza produtos que independem de suas necessidades enquanto produtor singular.

Neste cenário da sociedade capitalista, a economia provoca, ao mesmo tempo, uma igualdade jurídica dos homens e, por tal ponto, o fator econômico se torna distribuidor de oportunidades sociais. Isso provoca a impressão de que o *status* de igualdade jurídica é suficiente para igualdade social. A liberdade, na situação de mercado gozada por cada sujeito, leva a uma sensação de que "as realizações de cada um variam em razão direta de suas capacidades individuais" (SAFFIOTI, 2015, p.54), capacidades estas relacionadas ao trabalho produtivo ou econômico.

No entanto, no que se refere às sociedades competitivas, o *status* fomentado em cima da figura feminina arquitetou uma inferioridade produtiva, no que tange às capacidades relativas ao trabalho produtivo e econômico em relação à figura masculina, dando ao homem um "falso" domínio da maior parte da produtividade econômica, não havendo ponderação alguma de todas as atividades realizadas por uma mulher ao longo da vida, atividades que, se consideradas atividades pagas, certamente mudariam significativamente o seu *status* determinado.

---

[27] **Mesmo que não haja registro, na história recente, de um debate tão intenso sobre as questões que envolvem gênero, subjugação feminina e luta contra o machismo e preconceitos de gênero.**

Por esta porta de entrada, é importante dizer que, em todas as regiões e épocas, a mulher essencialmente tem contribuído para a subsistência familiar e produção das riquezas sociais. Saffioti (2015, p.61) salienta que:

> Nas economias pré-capitalistas, especialmente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas; nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas.

Desta maneira, nas sociedades pré-capitalistas, apesar da inferioridade da mulher ser apresentada juridicamente, socialmente e economicamente, ela compartilhava do sistema produtivo, desempenhando um papel significativo.

Já na sociedade Capitalista, as condições são extremamente adversas às mulheres. Nesta sociedade, a elaboração social da categoria natural sexo, enquanto algo comum, assume uma feição imediata e determinada pelo sistema de produção social. A figura feminina, tal como a natureza, é concebida como elemento obstruidor do desenvolvimento econômico, "quando na realidade é a própria sociedade que coloca obstáculos à realização plena da mulher" (SAFFIOTI, 2015, p.66).

Sob tais aspectos, vale destacar que, na virada do século em que se registrava a descoberta do novo mundo por Colombo, até as dominações que se seguiram na África, Ásia, Índia e China,

> as mulheres em toda parte cuidavam de seus filhos, ordenhavam vacas, lavravam os campos, lavavam, passavam, limpavam e cozinhavam, curavam os doentes, sentavam-se junto aos moribundos e preparavam os mortos- exatamente como neste momento, em algum lugar, as mulheres estão fazendo ainda hoje. A extraordinária continuidade do trabalho das mulheres, de país e de época em época, é uma das razões de sua invisibilidade; a visão de uma mulher amamentando o bebê, mexendo uma panela ou limpando o chão é tão natural quanto o ar que respiramos e, do mesmo modo que o ar, não atraiu qualquer análise científica antes dos tempos modernos. Enquanto havia trabalho a ser feito as mulheres o faziam, e por trás das vividas atividades de primeiro plano de papas e reis, guerras e descobertas, tirania e derrota, as mulheres trabalhando teciam a verdadeira tela do tipo História que ainda está por receber a atenção que merece (MILES, 1989, p.174).

Assim, as práticas de dominação e alijamento da mulher, tal como da natureza, vão, aos poucos, sendo executadas, de forma que não registre e nem se destaquem as inúmeras e diferentes formas de trabalhos executadas por elas, inclusive com peso significativamente monetário. E todo conhecimento, domínio e habilidades femininos vão sendo obscurecidos,

escondidos ou não reconhecidos. Até nas sociedades indígenas, grupos locais de relação íntima com a terra vão sendo pressionados pela lógica produtivista. E o saber diretamente ligado às mulheres, devido à sua intimidade com os elementos naturais, torna-se bruxaria, saber não científico ou impróprio.

Para Miles (1989), as mulheres tinham, na verdade, um vasto repertório de sua própria fonte de conhecimento, que incorporava elementos da religião, química, alquimia, botânica, astrologias, ciências naturais e farmacologia. O conhecimento desenvolvido e adquirido por elas sobre ervas e venenos certamente excedia o mais qualificado homem da Medicina. Além disso, no caso das bruxas, a feitiçaria era considerada um ofício e uma disciplina antiga e, por isso, deveria ser cuidadosamente estudada e memorizada.

Para Barbero (2006, p.173), eram as mulheres que transmitiam "uma moral de provérbios e partilhavam receitas medicinais que reuniam um saber sobre as plantas e os ciclos dos astros" e, justamente por representarem uma ordem tão organizada e influente, foram perseguidas como bruxas ou feiticeiras.

Isso refletiu diretamente na forma como esses saberes foram sendo tratados e, atualmente, apesar de serem parte do patrimônio imaterial e de muitas utilizações, ainda recebem desconfiança com relação à sua verdadeira efetividade.

Para Toledo e Barrera Balssols (2015, p.25): "é nessas sabedorias milenares, amplamente ignoradas, aviltadas ou mal interpretadas, que encontram as chaves para enfrentar a atual crise ecológica e social, desencadeada pela revolução industrial, pela obsessão mercantilista e pelo pensamento racionalista". Tal fato se resume com negação, como já destacado, a tudo que representa estas sabedorias. E a mulher, essencialmente fonte de relação com a natureza e com a vida, passa por um julgamento da sociedade moderna e capitalista.

3.4 O distanciamento entre natureza e conhecimento: o desenraizamento da memória

Como vimos, a mulher foi responsável em garantir, manter e repassar, inclusive geneticamente, a manutenção e sobrevivência da espécie conhecida atualmente como *homo sapiens sapiens*. No entanto, vivemos em uma sociedade do esquecimento, que, com o advento da Modernidade, tem negado, ignorado ou limitado cada vez mais essa história feminina porque se baliza no efêmero e pela incapacidade de recordar.

Esse fato se torna ainda mais agravante se considerado que o tempo natural da memória é o presente, o atual, que necessita do passado para construção de pensamento recordado; em outras palavras, significa dizer que "o tempo da memória é o presente porque é

no presente que se constrói a memória - a memória não se constrói no passado, se constrói no presente (...) são as necessidades do presente que a memória responde não as necessidades do passado nem do futuro" (MENESES, 2007, p.32).

Assim, se consideramos que o tempo da memória é o agora, é possível concluir que as tradições somente existem no presente das sociedades, o que significa dizer que, quando falamos em tradição, a palavra nos remete ao latim *traditio*, que se relaciona à noção de "dar através de", e este "dar" remete, ao mesmo tempo, a algo recebido. O recebido, por sua vez, ocorre apenas no presente, presente este que é carregado de conteúdos do passado, os quais são necessários, inclusive para que a compreensão, a identificação e o entendimento possam ocorrer. E a consciência histórica é fundamental para a compreensão da diferenciação do tempo — passado e presente —, pois é por essa diferenciação que compreendemos a dinâmica e as transformações que regem nossas vidas.

Esse fato se tornou um problema nas sociedades produtivistas, já que o tempo se transformou em um elemento relativo. E, no caso, para se definir o passado, a ruptura e a descontinuidade são fundamentais, e é justamente o que não conseguimos vivenciar na atualidade, provocando o que chamamos de crise social da memória (GOMES, 2011).

A capacidade de acumulação e a centralização de riquezas intercedida pelas mudanças técnicas e informacionais causam uma sensação de presente eterno, gerando uma amnésia coletiva e uma incapacidade de lembrar processos históricos de curto, médio e longo prazo. Essa situação, que se estrutura em uma espécie de ideologia do progresso, desenvolvimento e modernização, desqualifica, como obsoleta, arcaica, inadequada, primitiva ou inútil toda forma pré-moderna, pré-industrial, ou diferente da estabelecida pelo grande capital (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Esse movimento estrutura-se na homogeneidade, no sentido de diluir ou acabar com a diversidade existente, seja ela cultural ou biológica, o que pode, de certa forma, explicar o colapso social e ambiental que vivemos atualmente.

Para ajudar a entender esse processo, Toledo e Barrera-Balssols (2015, p.29) salientam que a diversidade exalta a variedade, a heterogeneidade e a multiplicidade, sendo esta o oposto da uniformidade; e sob o ponto de vista da termodinâmica, "a ordem, que é a complexidade que existe no universo, aumenta proporcionalmente a diversidade (...) por esta razão, a evolução cósmica postula que a variedade aumenta à medida que a ordem aumenta". Isso significa dizer que, em longo prazo (escala geológica de tempo), a diversidade é sinônimo de evolução.

Segundo estes autores, em nosso planeta, é possível identificar dois tipos principais de diversidade: o cultural e o biológico. Do ponto de vista biológico, é possível dizer que, desde o último fenômeno de extinção em massa (Paleoceno), ocorreu um processo contínuo de diversificação dos organismos em nosso planeta, e o resultado foi uma série de relações intra e interespecíficas, gerando uma grande riqueza biológica, que pode ser identificada em número de espécies existentes na Terra.

Sob perspectiva cultural, podemos destacar, apesar do curto espaço de tempo na escala geológica de existência do homem, o processo de diversificação mais expressivo nesta história. A partir da expansão geográfica, a espécie humana ocupou praticamente todo o planeta, o que levou a um aprendizado dos recursos disponíveis, levando a uma diversificação cultural expressa geneticamente, linguisticamente e cognitivamente. Sob este aspecto é importante lembrar que:

> a estrutura da diversidade cultural, tanto genética quanto linguística, operam como núcleo, como a base sobre a qual se manifesta uma grande variedade de expressões tangíveis e intangíveis: crenças, conhecimentos, instrumentos e ferramentas, arte, arquitetura, roupas e uma ampla gama de alimentos que compõem as culinárias locais e regionais (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 33).

Assim, toda diversidade existente de elementos culturais se atrela a elementos que a humanidade deifica à sua relação com a natureza, com os elementos naturais, que, sem dúvidas, ocorrem no presente, na capacidade de memorizá-los. É por isso que todas as expressões que derivam de uma dada cultura, os saberes sobre a natureza conformam uma dimensão essencialmente notável, uma vez que refletem a astúcia e a riqueza de observações sobre o entorno, realizadas, guardadas, transmitidas e aperfeiçoadas no decorrer de longos tempos, “sem os quais a sobrevivência dos seres humanos não teria sido possível” (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 33).

Isso significa dizer que se trata de conhecimentos imprescindíveis e essenciais, saberes transmitidos de geração a geração oralmente, por meio dos quais a espécie humana foi moldando suas relações com a natureza. E, como visto, essa dimensão cognitiva e sensitiva com a natureza, tão antiga quanto a própria espécie humana, que permitiu à humanidade manter relações de coexistência com a natureza, tem na figura feminina e na capacidade de memorizá-los sua grande chave de preservação.

O refinamento desta relação de coexistência entre humanidade-natureza, ao longo do tempo, pode ser encontrado nas mãos e nas mentes de homens, mas especialmente de

mulheres que compõem os povos tradicionais, indígenas e agricultores tradicionais, que evidentemente, na lógica da sociedade produtivista, encontram-se ameaçados.

Esse fato se explica, como anteriormente salientado, porque nossa sociedade considera que grande parte do que se define como tradicional deve ser superado ou esquecido:

> a Modernidade, pelo menos a que agora se expande por todos os cantos da Terra, raramente tolera outra tradição que não seja a sua, e, consequentemente, as formas modernas de uso dos recursos geralmente oprimem toda forma tradicional de manejo da natureza incluindo os conhecimentos utilizados (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 33).

Nesta perspectiva, a sociedade do esquecimento procura diluir e desapropriar esses povos tradicionais de seus conhecimentos, impondo constrangimentos e uma lógica produtivista balizada em critérios técnico-científicos geralmente não benéficos ao meio ambiente e à saúde destas populações. Por consequência, acompanhamos um processo de alijamento e exclusão dos grupos, povos, mulheres que procuram manter e resgatar práticas tradicionais.

Frente a um processo histórico de enfrentamento da relação de sensitividade e integração de mulheres, povos indígenas e tradicionais X um processo de uso e degradação da natureza mantida pela lógica capitalista, é possível encontrar ainda estudos que analisam o acúmulo destes saberes, considerados não científicos, presentes nas mentes de produtores rurais, agricultores, pescadores, pastores, coletores, caçadores e demonstram como estes conhecimentos têm servido, durante milênios, de base para a espécie humana se apropriar de bens e serviços da natureza (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Sob tais argumentações, a Agroecologia é uma das ciências que vêm contribuindo e demonstrando que os povos tradicionais, indígenas, agrícolas, bem como o olhar feminino contêm muitas chaves e respostas para retomada do conhecimento milenar e de práticas agrícolas mais sustentáveis, como veremos a seguir.

4 PATRIARCADO, MEMÓRIA E REELABORAÇÃO NOS PROCESSOS COM A NATUREZA

> Além da poluição atmosférica, nossa saúde também é ameaçada pela água e pelos alimentos, uma e outros contaminados por uma grande variedade de produtos químicos tóxicos. Nos Estados Unidos, aditivos alimentares sintéticos, pesticidas, agrotóxicos, plásticos e outros produtos químicos são comercializados numa proporção atualmente avaliada em mais de mil novos compostos químicos por ano. Assim, o envenenamento químico passa a fazer parte, cada vez mais, de nossa vida. Além disso, as ameaças à nossa saúde através da poluição do ar, da água e dos alimentos constituem meros efeitos diretos e óbvios da tecnologia humana sobre o meio ambiente natural (CAPRA, 1982, p.13).

4.1 Introdução

Nesta seção, pretende-se discutir como a racionalidade econômica e a estrutura de pensamento baseada em relações duais como desenvolvimento econômico X conservação da natureza, dominação masculina X emancipação feminina, medicina convencional X medicina tradicional, entre tantos outros pares de opostos, tem levado a sociedade a um colapso, em que tanto as relações humanas como as ambientais têm sofrido impactos irreversíveis, no que se refere a um mundo mais humano e ambientalmente saudável.

Nestes termos, destacar-se-á como a lógica capitalista tem conduzido a produção agrícola para patamares cada vez mais homogêneos e concentrados, levando à degradação de ambientes mais conservados e biodiversos do mundo. E, como consequência, há altos índices de veneno aplicados aos alimentos e lavouras pelo aumento da proliferação de pragas, insetos, doenças, fungos, bactérias, proliferação esta decorrente da perda de ambientes naturais, que se equilibravam pelo controle ecológico de tais agentes.

Posteriormente, mostrar-se-á a importância da Agroecologia, como ciência capaz de trazer um pensamento renovador para a comunidade científica, no sentido de valorização da sabedoria popular, tradicional e milenar, e aprendizado científico como forma de um novo paradigma para se pensar a natureza, a vida e conservação ambiental.

Nesta linha, será destacada a importância do conhecimento dos povos, especialmente das mulheres, ligados diretamente à natureza e a ambientes agrícolas, como responsáveis em manterem ou conservarem as áreas mais biodiversas do planeta, mostrando a importância da memória e da valorização dos patrimônios locais como forma não apenas de conservação cultural, mas também na materialização e proteção natural de muitos locais no mundo.

Por fim, será discutido como o conceito de patrimonialidade e sua execução nas ações imateriais e materiais têm favorecido a proteção e conservação, não apenas de conhecimentos milenares, mas também de áreas ambientalmente relevantes.

4.2 Racionalidade econômica, degradação ambiental e a Agroecologia

Como vimos, a racionalidade econômica instaurada na Modernidade capitalista expressa um modo de produção fundamentado no consumo destrutivo da natureza e das próprias condições da vida no planeta (LEFF, 2009), fato resultante do processo de espoliação, exploração e apropriação dos recursos naturais dos países colonizados tropicais. Por consequência imediata, temos a destruição da base dos recursos naturais e culturais destes países pobres. Os efeitos, ainda mais duradouros, decorrente deste processo ocasionam a destruição do potencial produtivo dos países subdesenvolvidos devido à

> introdução de padrões tecnológicos inapropriados; também pela introdução de ritmos de extração e pela difusão de modelos sociais de consumo que geram um processo degradação de seus ecossistemas, de erosão de seus solos, de esgotamento de seus recursos e de extermínio de suas culturas (LEFF, 2009, p.28).

Desta maneira, o desenvolvimento rural destes países passa a se caracterizar por marcadas diferenças na organização produtiva, em que há um amplo desaparecimento do setor de subsistência, provocando a subutilização do potencial dos recursos naturais e culturais, ao lado de uma crescente e moderna racionalidade empresarial agrícola, tendo como resultado ainda mais crítico a diminuição da diversidade biótica dos ecossistemas, a partir da uniformização dos cultivos, e, por consequência, das variedades genéticas e degradação progressiva da produtividade dos solos (LEFF, 2009).

Esse é um processo que se reafirma nos quadros de formação de profissionais para atuação no meio rural, especialmente nos países pobres explorados, nos quais a orientação técnica, utilizada por grande parte dos profissionais graduados nas universidades, refere-se à linha de pensamento da Revolução Verde e do *agrobusiness*, com o uso intensivo de agroquímicos, mecanização intensiva, utilização de sementes híbridas e transgênicas. Tudo isso resultou nos elevados custos de produção e dependência financeira dos produtores aos financiamentos bancários, inviabilizando, portanto, em muitos casos, ou melhor, em sua maioria, agricultores familiares e seus sistemas de produção (FERRANTE et al, 2014).

Assim, a forma de crescimento econômico adotada pelos países subdesenvolvidos surge das necessidades de expansão do sistema capitalista (especialmente imposta pelos países desenvolvidos), o que favoreceu a introdução de padrões tecnológicos e maneiras de usos e ritmos de exploração dos recursos que provocam o aniquilamento e/ou bloqueio do "florescimento de outras formas de organização social capazes de gerar um processo sustentável de produção e um maior bem-estar para estes povos" (LEFF, 2009, p.53). Esta agricultura convencional orientada pela Revolução Verde, fundamentalmente consumista, segundo a FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura -, para aumentar a produção de culturas agrícolas, não considera as consequências posteriores sobre o ambiente. Isso se aplica ao cultivo intensivo, à prática da monocultura, ao controle químico de pragas e ervas daninhas[28], ao uso intensivo de água de poços profundos para a agricultura e à manipulação genética, entre outras práticas da agricultura moderna (GOMES, 2016).

Frente a esta situação, pensar um novo paradigma mais sustentável depende especialmente de uma mudança estrutural e atitudinal, que envolva um pensamento cultural, econômico e social aliado ao meio ambiente de maneira mais harmônica. Segundo Leff (2009, p.54):

> a satisfação das necessidades básicas da população está associada a padrões de aproveitamento dos recursos, seus processos de produção e formas de consumo. Isto, por sua vez, depende de uma estratégia de desenvolvimento sustentável e duradouro, capaz de promover atividades produtivas que permitam um aproveitamento ecologicamente racional dos recursos naturais, reduzindo os custos ecológicos mediante a utilização de fontes renováveis de recursos energéticos, como a radiação solar, e potencializando processos naturais altamente eficientes de produção de recursos bióticos, como o fenômeno fotossintético. Estas funções naturais poderão ser incrementadas mediante o resgate de saberes tradicionais e a aplicação dos avanços da ciência e da tecnologia moderna.

Esta orientação dos sistemas produtivos no que se refere aos princípios agroecológicos é um confluente com a agricultura familiar, já que se prescinde do uso de agroquímicos, de variedades híbridas e transgênicas, substituídas por sementes crioulas, produzindo um alimento de maior valor biológico e isento de agrotóxicos, saudável e apropriado às políticas públicas nacionais de segurança alimentar dos países subdesenvolvidos. Esse direcionamento concebe maior retorno econômico aos agricultores familiares pelo fato de, por um lado, não

[28] Vale dizer que o termo "ervas daninhas" é utilizado para definir uma planta que nasce espontaneamente em local e momento indesejados na produção agrícola convencional, mas que não é necessariamente danosa ao ambiente ou ao local onde surgiu, até porque é "sinal" do ecossistema original tentando se restabelecer.

prever/evitar os custos com agroquímicos, e, por outro, por não levar à perda de Conhecimentos e saberes agroecológicas (GOMES, 2016).

Isso é facilmente compreendido quando entendemos o objetivo essencial da agroecologia, o qual procura satisfazer os requisitos nutricionais e outras necessidades humanas do presente e das futuras gerações, aumentando a produtividade e a capacidade, com base na regeneração de recursos naturais.

Tomando como base o pensamento de Altieri (1987), especialmente em seu livro *Agroecologia* a *dinâmica produtiva com a agricultura sustentável base da compreensão o conceito de agroecologia*, a agroecologia se apropria dos princípios da ecologia essenciais para o estudo e tratamento de ecossistemas, tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, que também se associam aos saberes culturalmente estabelecidos pelas comunidades locais, que sejam socialmente justos e economicamente viáveis.

A agroecologia oferece elementos metodológicos para compreender, de maneira mais aprofundada, os componentes da natureza dos agroecossistemas, seus princípios e como estes funcionam. Em outras palavras, a agroecologia é uma nova abordagem que busca integrar os "princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas, e à sociedade como um todo" (ALTIERI, 2000, p.23). Além disso, neste paradigma, o ponto de partida é os agroecossistemas, o que permite ultrapassar a visão unidimensional das ciências ocidentais e fragmentadas, para propor a inclusão das dimensões ecológicas, sociais e culturais.

A preocupação desta ciência multidimensional não se estabelece apenas na luta contra pragas, doenças, recuperação/proteção do solo, mas essencialmente em garantir a força e a resiliência do agroecossistema. Por exemplo, se a causa dos problemas do sistema (doença, pragas, degradação do solo) for entendida como desequilíbrio, a solução para resolvê-los é o tratamento natural. Este tratamento e recuperação, por sua vez, são orientados por um conjunto de princípios de preservação e ampliação da biodiversidade dos agroecossistemas, justamente para produzir autorregulação e sustentabilidade (ALTIERI, 2000).

Por isso, a Agroecologia sustenta que, quando a biodiversidade é restituída aos agroecossistemas, as numerosas e complexas interações passam a estabelecer uma harmonia entre o solo, as plantas e os animais, resultando em efeitos benéficos. Na proposta agroecológica, priorizam-se métodos participativos e interativos na relação com as comunidades rurais, para se analisar as distintas realidades produtivas, identificando os problemas centrais que afetam o setor, buscando alternativas à sua superação, na perspectiva

da consecução da sustentabilidade da atividade agrícola em suas distintas dimensões (GOMES, 2016).

Sob este aspecto, o processo de valorização do conhecimento das mulheres de povos indígenas, tradicionais e agrícolas é parte essencial para superação das práticas convencionais de cultivo, já que é a partir da relação com a comunidade que se resgatam práticas sustentáveis e preservacionistas, ou ainda, que se reeducam os produtores para uma visão mais holística e agroecológica da natureza.

Toledo e Barrera-Bassols (2015, p.19) defendem que os povos tradicionais, indígenas, originários ou populações agrícolas possuem o que eles chamam de "memória biocultural", um acúmulo de memória histórica de conhecimentos da natureza que remonta há 200 mil anos, que representa lugares de morada ou "ecossistemas antropizados nos quais se localizam as áreas ambientalmente conservadas e razão pelas quais muitas delas têm sido destinadas à criação de unidades de conservação".

Para entender a íntima relação entre as práticas agroecológicas e a percepção orgânica com a terra e a natureza das populações tradicionais e agrícolas - essencialmente das mulheres pelo cuidado da família -, é preciso que entendamos a memória histórica acumulada da biodiversidade e dos recursos naturais que estes grupos detêm. Em outras palavras, representam um patrimônio da humanidade e da vida que está se diluindo ou se perdendo, em alguns casos, por conta dos constrangimentos impostos pelo conhecimento cartesiano e produtivista (GOMES, 2016).

4.3 Memória, desenraizamento e reelaboração nos processos da natureza

O partilhamento da memória, no presente, como visto anteriormente, permite trocas de conhecimentos muitas vezes desenvolvidos individualmente e que podem ser perdidos se não houver o processo de troca.

A memória também permite que os indivíduos se lembrem de eventos passados e ajuda a compreender o presente, fornece elementos para o planejamento do futuro e serve para reconstruir eventos similares, ocorridos anteriormente, e até mesmo os inesperados, surpreendentes ou mesmo improváveis (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Esta memória, por sua vez, vai permitir revelar relações que a humanidade tem estabelecido com a natureza ao longo de sua existência.

Leff (2009), ao empreender um estudo da mediação da cultura e dos processos ecológicos, discute como toda formação social desenvolve-se com seu entorno natural, no

qual se criam conjuntos de constructos simbólicos que conectam a memória, a cultura e o meio. Assim, podemos dizer que a transformação dos ecossistemas e racionalidade dos recursos naturais está sempre condicionada por práticas culturais de aproveitamento dos recursos que medeiam as relações entre processos históricos e ecológicos.

Neste processo de transformação dos ecossistemas, a íntima relação com o meio o transforma em lugar de vida e lugar de morada, carregado de símbolos, códigos e memória. O lugar deixa de ser espaço na medida em que os membros de um grupo passam a desenvolver relações de pertencimento e empoderamento com os elementos naturais (TUAN, 1980; MARTINS, 2009; GOMES, 2011).

Se buscarmos, no processo histórico, as relações de modernização, conquista, colonização e integração dos mercados locais aos mundiais, iremos nos deparar com a interrupção do projeto civilizador das culturas pré-capitalistas, camponesas ou tradicionais. No sentido de interrupção do processo de coevolução etnoecológica, dentro das mais variadas condições no seu entorno geográfico e ecológico, ou, em outras palavras, "a natureza como fonte de simbolização e significação da vida, suporte e potencial da riqueza material e espiritual dos povos" (LEFF, 2009, p.98), perde sentido à medida que ocorre o avanço das tecnologias no campo interrompendo assim esse ciclo natural e seimbiótico de povos tradicionais, indígenas, agrícolas e a natureza. Tal fato ocorre porque os elementos da natureza deixam de ser vistos como parte essencial da vida para transformar-se em matérias-primas desvalorizadas, que alimentarão a acumulação de capital em escala global (GOMES, 2016).

É importante destacar ainda, em alguns casos, a força com que os processos de utilização dos agroquímicos chega aos assentamentos, promovendo constrangimentos às formas tradicionais de usos da terra, o que, leva os assentados e assentadas a esquecerem da relação anterior com o meio, acreditando nos processos que a Revolução Verde traz como saber dominante,.já que é responsável pela expansão de um pacote tecnológico composto por sementes melhoradas, mecanização, insumos químicos e biológicos, que viabilizam a modernização agropecuária, aumentando a produção por meio da padronização em bases industriais. Além disso, o discurso da produtividade e lucratividade coloca em cheque a relação direta com a natureza das culturas tradicionais ou agrícolas (LEFF, 2009).

Em decorrência do avanço da agricultura industrial e dos mercados, restam aos produtores, agricultores locais, populações indígenas e tradicionais a degradação ecológica de seus ambientes, a desintegração social e o desenraizamento. A prática implantada pela Revolução Verde, nestas culturas tradicionais e agrícolas, leva à utilização de insumos do

pacote da agricultura convencional e, por consequência, ao esquecimento, mesmo que temporário, já que, para a memória se fortalecer, é necessária a utilização constante dos saberes patrimoniais imateriais/ ambientais. Isso implica perda de práticas sustentáveis da vinculação com a cultura tradicional e da própria permanência dos grupos nos lugares de vida de maior pertencimento.

A mulher assentada, neste cenário, diante de suas práticas produtivas, seja no embolado dos quintais, seja nas hortas ou pomares biodiversos, resiste sob a justificativa de sua produção ou trabalho serem considerados não monetários e, portanto, sem preocupação com o grande capital. É nestes ambientes que encontramos materializados os saberes e práticas, conservando, assim, a diversidade de espécies, plantas, hábitos culturais e seus usos, que, ao serem ressignificados, são mantidos ao longo das gerações, protegendo, assim, um patrimônio cultural e ambiental incalculável.

4.4 Patrimônio no processo de valorização dos saberes tradicionais ligados às ervas medicinais

Para compreensão da importância do levantamento e estudo das práticas e saberes tradicionais das assentadas envolvidas no projeto de processamento das ervas medicinais, é preciso compreender que entendemos como “saberes e práticas” aquilo que o IPHAN tem designado como patrimônio imaterial. Quando os indivíduos passam pelo processo de sair de suas origens e chegar a um novo lugar, ocorre uma sensação de contínuo deslocamento, que pode ser chamada de desterritorialização dos processos simbólicos (GOMES, 2011, 2015).

Considera-se que esses saberes são e devem ser dinâmicos, para terem sentido para as novas gerações. E é por meio da valorização desse patrimônio, nos ambientes coletivos e de aprendizagem, que eles podem ser renovados e conservados (GOMES, 2011, 2015).

Assim, a cultura popular não pode ser entendida apenas como “expressão” da personalidade de um povo, justamente porque tal personalidade não existe como uma entidade, mas como um produto da integração das relações sociais; tampouco pode ser entendida como um conjunto de tradições ou essências, preservadas de modo puro (GOMES, 2011). Ao contrário, a cultura surge a partir das condições materiais de vida e, nas classes populares, estão intimamente atreladas às manifestações, as crenças, as festas ligadas ao cotidiano e ao trabalho diário ao qual se entregam, a quase todo momento, se atrelam às relações da vida com a natureza. Nesta perspectiva, encontram-se também as práticas agrícolas dos produtores rurais. Em outras palavras,

> as culturas populares são resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, que realizam uma elaboração específica das suas condições de vida através de uma interação conflitiva com setores hegemônicos (CANCLINI, p.44, 1982).

De tal modo, Thompson (1998) destaca que os saberes que as populações tradicionais possuíam contemplavam e ainda contemplam um universo de técnicas, mitos, lendas, conhecimentos de ervas medicinais, curas e até o domínio da relação entre o cosmos e o cultivo da agricultura, que foi sendo substituído pelo conhecimento "oficial hegemônico", que reduz o ato do cultivo a uma prática mecanizada, monocultural e simples para se adequar às máquinas, aos inseticidas e às tecnologias.

É ainda importante salientar que a patrimonialidade, materialidade/imaterialidade são definições modernas, mas tiveram sua origem nos séculos XVIII e XIX associadas à ideia de patrimônio cultural. A ideia inicial de patrimônio cultural estava imbricada às identidades sociais, ou melhor, primeiro, às políticas de Estado Nacional, que tinham a intenção de criar um espírito nacional e, em seguida, ao questionamento do quadro de defesa da diversidade, ou seja, àquilo que era representativo à nacionalidade, na forma de monumentos, edifícios ou outras formas de expressão (PELLEGRINI; FUNARI, 2008; GOMES, 2011).

O movimento de valorização das culturas, iniciado com os aspectos materiais, passou, aos poucos, a se expandir para as manifestações intangíveis e de grupos sociais. O conceito de patrimônio, na atualidade, surge na década de 30, quando alguns estudiosos, preocupados com o crescimento desenfreado das áreas urbanas, deram-se conta da urgência de refletir sobre as mudanças que estavam acontecendo no mundo todo (PELLEGRINI; FUNARI, 2008; GOMES, 2011).

Atualmente, a UNESCO (2003, 2010) trabalha com a concepção de que proteger a memória através do meio físico é um consenso, mas, segundo essa instituição, não apenas de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo, assim como o patrimônio intangível passou a ser descrito como:

> (...) práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (UNESCO, 2003, p.1).

Para Pacheco (2006, p.41), esses bens imateriais resistem justamente porque "existe um sistema de educação informal, e em alguns casos presentes, tanto no currículo formal,

quanto informal das escolas, uma cultura que resiste ao ciclo intergeracional da pobreza". Para que essa tradição seja registrada por escrito, é necessário primeiro potencializar a rede de transmissão oral e seus atores, possibilitando um vínculo e reconhecimento entre as gerações e nos sistemas formais de ensino e aprendizagem.

No caso das populações assentadas, o processo de desenraizamento constante leva, ao mesmo tempo, a uma desconexão de suas práticas originárias da vida cotidiana com seu patrimônio imaterial, pelos inúmeros processos de acampamento, despejo e transferência para outros locais. No entanto, "ao iniciar uma trajetória de reconstituição de suas vidas, a partir do lote, em terras desconhecidas e, portanto, sem significação prática, simbólica ou afetiva, até então" (MARTINS, 2009, p. 24), reiniciam um processo de adaptação ao meio e aos recursos, fato que leva ao contato com a comunidade, ao reavivamento da memória e das práticas sustentáveis anteriormente utilizadas. Mesmo aqueles que vêm da cidade passam a adquirir, pelo contato com o outro ou pela sua própria experiência, relação com a terra. Desta forma, os saberes da memória ressignificam a cultura em patrimônio imaterial.

Assim, percebemos que a chegada à terra conquistada é parte de um processo cheio de rupturas e descontinuidades, e as convicções dos que chegam, seus conhecimentos e saberes, passam a ser replanejados e resgatados nesse novo ambiente. Nesse sentido, a percepção do espaço é fundamental, já que se estrutura à medida em que as terras conquistadas pelos assentados vão se constituindo como espaço do lote, quando, então, passa a ser estabelecida uma relação afetiva com o lugar. Nessa perspectiva, Martins (2009) e Gomes (2011) completam a ideia enfatizando que o espaço torna-se lugar no curso da vida, ou mundo vivido no cenário do cotidiano. E é justamente no:

> cenário do cotidiano que as relações lúdicas e afetivas parecem e deixam-se realizar. O lugar constitui de fato, quando os assentados atribuem relações simbólicas e lembranças a ele. E os saberes podem ser captados a partir de atos de trocas que acontecem mediante a composição do lugar do assentamento. Por esse motivo que o assentamento é privilegiado para o estudo dos saberes sustentáveis pois foram se reconstituindo a partir de um novo território, com uma carga de saberes, fazeres e técnicas que já eram carregados de história de diferentes partes do Brasil e que se encontraram neste ambiente num processo de hibridismo e resgate (GOMES, 2011, p.33).

Por tudo isso, podemos dizer que a memória, quando utilizada, torna-se saber prático, e, quando compartilhada, um saber coletivo. O avanço das práticas de usos de veneno e todos os químicos, difundidos pela lógica convencional de mercado, leva estes agricultores e agricultoras a um processo de esquecimento e perda do empoderamento de sua vida, de sua

relação de simbiose com a natureza, ficando, desta forma, dependentes das grandes empresas agrícolas internacionais.

Por isso, existe a importância e necessidade de espaços, de instrumentos legais, institucionais, comunitários para resgate, manutenção, valorização dos saberes e práticas dos povos e mulheres que são fontes de conservação não só de ambientes naturais, mas também da própria vida. E foi justamente o que o projeto de ervas medicinais procurou propor às mulheres assentadas do Monte Alegre.

4.5 A descoberta do patrimônio imaterial esquecido e a valorização do saber não formal

A questão patrimonial presente neste trabalho parte do princípio, como vimos, de uma dimensão de valorização que se estabelece nos saberes de mulheres assentadas (saberes estes que vêm sendo registrado e estudado desde 2004 por meio de estudos científicos estabelecidos pela pesquisadora junto a NUPEDOR/ NEEA) e na tentativa de salvaguardura[29], resgate e manutenção do patrimônio imaterial através do projeto de geração de trabalho e renda por meio de processamento de ervas medicinais.

Este patrimônio imaterial distingue-se em duas dimensões que valem ser destacadas, primeiros porque integra um saber intangível, e, segundo, porque pode ser considerada uma extensão do patrimônio material expresso por meio da conservação de espécies de plantas e práticas realizadas pelas mulheres que o exercitam.

No inventário realizado nos lotes das participantes do projeto, por exemplo, foi possível identificar essa materialização e amplitude da conservação de espécies e práticas que remontam tempos antigos. Como verificado na imagem a seguir:

[29] Palavra existente utilizada para determinação de elementos que designam a salvaguarda de patrimônios materiais ou intangíveis.

Imagem 7: Diversificação das espécies em pequenos espaços:

Fonte: Acervo da autora

Como observado nesta imagem, no lote de titularidade de dona E., em um pequeno espaço da área destinada ao entorno da casa, encontramos um embolado de espécies que, juntas, representam equilíbrio e qualidade ecológica ao meio ambiente devido à sua biodiversidade. O destaque, no que se refere à utilização para práticas de saúde, é o hortelã, cujo chá das folhas, segundo ela, é "infalível contra os vermes".

Essa mistura de ervas e biodiversidade pode ser considerada "um dos conjuntos dos saberes mais ricos e mais difíceis de registrá-los como um todo, pois refere-se especialmente à experiência diária de cada assentado, através da observação e análise dos resultados cotidianos" (GOMES, 2015, p.49). Também pode ser considerado o que representa, na agroecologia, o elemento mais importante: a biodiversidade. Além disso, no uso das ervas medicinais como métodos antipragas, fungicidas e medicinais curativos, encontramos nas mulheres a grande fonte de conhecimento.

Nesta outra imagem abaixo, do mesmo quintal (da imagem anterior), podemos identificar outra árvore típica usada em muitas funções, de inseticida natural a remédios e alimentos:

Imagem 8: Árvore de canela- *Cinnamomum – verum*

Fonte: acervo as autora.

Em outro lote, também de uma titular idosa, pudemos verificar essa interação entre produção para o consumo/venda, para remédio e manutenção da biodiversidade. Enquanto se busca ensinar aos graduandos da área de produção de alimentos boas maneiras de uso do solo, conservação da natureza e produção saudável de alimentações, essas mulheres, com seu saber e prática diária, desenvolvem técnicas apuradas de cultivo e de produtividade através da associação entre plantas, como verificado na imagem 9 abaixo:

Imagem 9: Associação de plantas em áreas de hortaliças

Fonte: acervo da autora.

Sob a análise do conhecimento da importância desta relação entre a biodiversidade e as práticas ligadas ao conhecimento especificamente de ervas medicinais, registramos- ao longo destes anos de pesquisa- uma diversidade enorme de usos com correspondência na literatura científica e que foram discutidos[30] em outros estudos, mas que serão retomados brevemente pela relevância do uso entre as mulheres do projeto de processamento.

As ervas são consideradas medicinais por suas propriedades são definidas, segundo a ANVISA, na normativa RDC Nº 10 (2010, p. 1), como "as plantas medicinais ou suas partes, que contenham as substâncias, ou classes de substâncias, responsáveis pela ação terapêutica, após processos de coleta ou colheita, estabilização e secagem, íntegras, rasuradas, trituradas ou pulverizadas".

No levantamento dos usos e práticas pelas mulheres participantes desta pesquisa, foi possível identificar ao menos três maneiras diferentes de utilização das ervas, que podem ser

[30] Ver Do veneno às borboletas do campo: um estudo dos saberes tradicionais agroecológicos em assentamentos de Reforma Agrária. Trabalho de Conclusão de Curso para Residência Agrária FEAGRI/UNICAMP, Campinas, 2015.

identificados quanto: 1) Práticas ligadas à produção; 2) Práticas ligadas à criação e, por último, 3) Práticas ligadas à saúde.

Para cada item, descrevemos, abaixo, um quadro das práticas de usos sugeridas pelas entrevistadas, em contrapartida ao uso científico. Como será evidenciado, a utilização e seus fins são muito parecidos:

Quadro 11- Usos das ervas medicinais ligadas à produção:

Prática tradicional de uso das ervas	**Descrição científica**
Plantar pimentas e alho ao longo dos canteiros da horta, segundo os assentados, favorece o sumiço de alguns insetos e pragas do canteiro.	Sugere-se calda de alho, pimenta e sabão como repelente de várias pragas[31].
Plantar ervas como barreiras naturais, ou no meio dos canteiros das hortas, para repelir insetos.	Há uma quantidade enorme de informações ligadas a estas práticas, destacamos aquelas ervas que se encontram com mais frequência nos assentamentos: losna, utilizada para afastar animais por conta do odor parecido com os inseticidas; capuchinha serve como repelente de neomatóides que matam plantas e insetos; anis para combater traças; citronela serve como repelente de moscas, mosquitos e formigas; manjericão repele moscas e mosquitos; alfavaca afasta também moscas e mosquitos; alecrim afasta borboleta da couve e mosca da cenoura; hortelã repele lepidópteros, borboleta da couve e formigas; cheiro de mulata repele insetos voadores; tomilho: repele a borboleta da couve, brócolis e a couve flor; sálvia espanta a mariposa do repolho; coentro eficiente no controle de pulgões e ácaros.
Plantar Púrpura (flor) ao redor de plantações e hortas para evitar insetos e pragas, já que atraem para elas a atenção e a polinização de abelhas.	A afirmativa tem sentido pois, apesar de estudos científicos apresentarem apenas as relações medicinais para saúde humana, existem muitos artigos científicos que associam plantas e flores à produção hortaliça.

[31] **Dado disponível em:** **https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:koUIARYwkk4J:https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/133909/1/SDC191.pdf+&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br**

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Gomes (2015, 2016).

Como podemos verificar, o consorciamento evidenciado pela imagem das ervas e hortifruticultura promovendo um ambiente altamente biodiverso remonta uma prática tradicional advinda de uma história muito mais antiga do que nos parece a princípio. E, como destacado por Toledo e Barrera Bassols (2015), é o que, de certa forma, tem permitido a permanência e adaptação da espécie humana frente às inúmeras adversidades ocorridas no planeta. Na imagem abaixo, pode-se verificar ainda como as flores são também utilizadas nos quintais e pomares ao redor das casas no assentamento: além de embelezamento, fazem um papel de atrair abelhas e permitir a reprodução e polinização de inúmeras espécies:

Imagem 10: Plantio de flores em ambientes ao redor da casa e pomares:

Fonte: T.C

A capacidade de observação, entendimento e aplicação dos princípios naturais evidencia essa relação cognitiva e sensitiva da natureza e dos ciclos naturais das mulheres que estão no campo em ligação direta com o meio ambiente.

Nesse empolado, há diferentes formas de equilíbrio biológico que permitem a estas espécies se manterem e resistirem ao longo dos anos. E, como Miles (1989) demonstra, esse papel apenas é possível pelo importante olhar da mulher e de sua função na projeção da permanência da própria espécie humana.

O segundo grupo registrado de saberes é o das utilizações de plantas medicinais que estão ligadas à criação, conforme registro do quadro 11:

Quadro 11: Usos das ervas destinadas à criação:

Prática tradicional de uso das ervas	**Descrição científica**
A receita dada por uma assentada diz servir para curar rapidamente cortes expostos e salvar animais. A receita dada é a seguinte: Folha de mastruz (*Chenopodium Ambrosioides*) Folhas de Erva de Santa Maria (*Dysphania ambrosioides)* Folhas de Bálsamo (*Sedum dendroideu*) Amassar todas as folhas juntas para fazer um emplasto com o caldo. Colocar sobre a ferida ou bicheira e tampar com um pano.	A erva-de-santa-maria é conhecida pela ação anti-inflamatória e cicatrizante, as folhas têm propriedades de ativar a circulação, aceleram a regeneração muscular, agilizam o processo de desaparecimento de manchas roxas provenientes de pancadas e ainda serve como antisséptico[32]. O mastruz tem uma longa e ampla utilização como remédio para parasitas intestinais, sua eficácia é tão grande que foi reconhecida através da inclusão da planta na Farmacopeia dos Estados Unidos, de 1820 a 1947[33]. O bálsamo é utilizado para machucados, feridas, infecções, frieiras, queimaduras, úlceras, inflamações, entre outras utilizações.
Uso de folhas de nim/neem para repelir carrapatos, bicheiras de animais.	A azadiractina extraída da semente do Nim/ neem é um poderoso regulador do crescimento de insetos, inibe a alimentação e apresenta alta toxicidade, porém esse composto se degrada rapidamente por ser muito sensível à ação da luz e a variações de pH (GUERRINI; KRITICOS, 1998).[34]

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Gomes (2015, 2016).

[32] Fonte: http://www.asplantasmedicinais.com/planta-medicinal-mastruz-para-que-serve-e-beneficios.html
[33] Fonte: http://www.asplantasmedicinais.com/planta-medicinal-mastruz-para-que-serve-e-beneficios.html
[34] Fonte: https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/657159/uso-de-extratos-de-nim-azadirachta-indica-no-controle-do-carrapato-rhipicephalus-boophilus-microplus

Neste tópico, é interessante demonstrar que estes conhecimentos ligados ao saber feminino têm o papel ainda de evitar doenças ou morte de animais, a partir da apurada composição de elementos de ervas que, juntos, originam remédios milagrosos, quase mágicos, pela rapidez e efetividade que apresentam.

No último tópico, dos usos registrados para plantas medicinais, destaca-se a finalidade para saúde humana, este, sem dúvidas, com uma riqueza e amplitude incalculáveis. Dado o conhecimento apurado das relações e composições possíveis das ervas que não representam um conhecimento apenas local e contemporâneo, mas um acúmulo milenar que se ressignifica há milênios através de uma hibridação de culturas e transmissão oral, a academia não reconhece tais usos devido à sua impossibilidade de registrá-los e estudá-los por completo. Desta maneira, tentamos apresentar, nesta breve tabela, algumas das utilizações inventariadas no grupo de mulheres participantes do projeto de processamento.

Quadro 12: Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas	**Descrição científica**
Chá da folha da canela (*Cinnamomum zeylanicum*): Usa-se para bronquite. Modo de preparo: secar as folhas na sombra e depois colocar a água para ferver e despejar sobre as folhas.	Essa especiaria melhora a regulação hormonal, ajuda na digestão, faz bem à circulação sanguínea, melhora a memória, ajuda a emagrecer[35]. Vale acrescentar que geralmente é difundido o uso do pau ou da canela em pó, mas as folhas também têm as mesmas propriedades.
Chá de cravo (*Dianthus caryophyllus):* O uso recorrente levantado pelas assentadas é de usar as folhas ou os cravos para fazer o chá contra gripe. Colher as folhas e os cravos, colocar na água fervente, esperar 10 minutos para tomar.	O cravo serve como Afrodisíaco, antisséptico, bactericida e digestivo repelente de insetos, sudorífico, tônico estomáquico e tônico estimulante. Ele é indicado especialmente para dor de dente, gases, higiene bucal, micose da unha, vermes e vias respiratórias[36].
Erva de Santa Maria - matruz ou erva formigueira (*Chenopodium ambrosioides/Dysphania ambrosioides):* Pratica-se o uso das folhas amassadas para colocar em cima de machucados, pancadas. Para	O consumo é indicado nos tratamentos contra hemorroidas, tuberculose, vermes, angina, asma e úlceras de estômago. Além disso, por conter substâncias laxativas, é recomendado para prisão de ventre e gases,

[35] **Fonte: http://www.treinomestre.com.br/os-beneficios-da-canela-receitas-de-cha-para-emagrecer/**
[36] **Fonte: http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/cravo-da-india.html#.VVFLkflViko#ixzz3ZsdywL1a**

vermes, deve ser feito um chá não concentrado das folhas.	melhora a circulação e evita contusões e câimbras, acelera o processo de cicatrização e alivia micoses. Usado externamente, o chá ameniza a dor provocada por picada de insetos e combate parasitas como piolho e pulga[37].
Chá de Alecrim *(Rosmarinus Officinalis):* Pratica-se o uso do chá de alecrim para beneficiar o coração. Ferver a água e colocar as folhas de alecrim.	O alecrim atua como anti-inflamatório, relaxante muscular, fortificante, cicatrizante, antisséptico e bactericida. A erva possui grande quantidade de substâncias antioxidantes, capazes de retardar o envelhecimento das células e eliminar toxinas de nosso organismo[38].
Chá de picão branco *(Galinsoga parviflora)* Conhecido como chá para banho em crianças com icterícia. Colocar para ferver a água e acrescentar as folhas de picão branco. Banhar a criança durante o banho.	Usado chá para combater icterícia e hepatite, tanto para uso interno como para banhos, útil nos distúrbios menstruais; bactericida, antiviral, antifermentativo; diabetes; diurético; antioxidante; hipoglicemiante; seca as secreções; hepatoprotetor; leucemias; anti-inflamatório, antiespasmódico; inibe a atividade tumoral; vermífugo; antiulceroso, controla a acidez estomacal e estimula a digestão e nos engurgitamentos das glândulas mamárias[39]
Chá de Estomalina (*Gymnanthemum amygdalinum)* Utiliza-se a estomalina para dores, úlceras e disfunções estomacais. Pode-se usar o chá das folhas ou amassar as folhas com água gelada e tomar.	Cura dor do estômago, má digestão e fígado[40].
Chá de levanti *(Origanum Manjorona):* É utilizado como calmante. A prática de uso é o chá de água fervente com brotos da planta. Colocar os brotos na água, colocar um pano em cima depois de fervido, esperar 10 minutos e	Usado como Calmante, vermífugo, antiespasmódico e anti-helmíntico. Também é usada como aromatizante da cerveja[41].

[37] **Fonte: http://beneficiosnaturais.com.br/erva-de-santa-maria-beneficios-e-propriedades-do-seu-cha/**
[38] **Fonte: http://belezaesaude.com/cha-de-alecrim/**
[39] **Fonte: http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/picao.html#.VVFSM_lViko#ixzz3Zskv13Cs**
[40] **Fonte: http://www.emporiosabornatural.com.br/dicas.html**
[41] **Fonte: http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/levante.html#.VVFVXvlViko#ixzz3ZsoEi9Uw**

tomar.	
Suco de Noni *(Morinda citrifolia):* Usado pelos assentados para aliviar a dor nas juntas, diabetes, colesterol, além de prevenção de câncer. Para dor, fervem-se as folhas e banha-se o local. Para as outras doenças, bate-se a fruta do noni com suco de uva, depois côa-se e está pronto para consumo.	Indicado para artrite, diabetes, dor nos olhos, hipertensão, infecções internas, malária, problemas da pele; afecções do coração; cefaleias; afecções digestivas e hepáticas; vermífugo. Essas características se atribuem às espécies importadas; o perfil fitoquímico das plantas cultivadas no Brasil ainda não foi totalmente testado e comprovado[42].
Água com Boldo (*Plectranthus barbatus Andrews):* Pode-se fazer o chá das folhas ou amassá-las com água gelada. Utiliza-se para dor no estômago.	Usado para problemas digestivos, suores frios, mal-estar e problemas no fígado, como hepatite[43].
Semente da Jaca (Artocarpus integrifólia): A semente da jaca é utilizada como afrodisíaco. A semente pode ser consumida torrada inteira ou em pó, inclusive como alimento.	Além de ser considerado um ótimo aperitivo, suas propriedades medicinais são antiasmática, antidiarreica, antitússica, cicatrizante e diurética[44].
Chá de pitanga *(Eugenia uniflora)* com capim de pé de galinha *(Eleusine indica):* A mistura destas ervas na água fervente é usada para diminuir o fluxo da menstruação feminina. A forma de utilização do chá é o banho de assento.	Sem correspondência em estudos acadêmicos com esta composição de ervas, mas a utilização medicinal para pitanga é febres, afecções, hipertensão, calmante, anti-inflamatória, calmante, entre outras ações. Já o capim de pé de Galinha é utilizado no tratamento de bronquite, além de ser diurético[45].
Xarope de ervas O xarope é realizado para combate à gripe e males respiratórios. <u>Modo de preparo:</u> Colocar em uma panela: 2 ramos de alecrim (*Rosmarinos officinalis, L.)* 2 ramos de poejo *(Mentha Pulegium)* 2 galhos de hortelã *(Mentha piperita)* 1 galho de bálsamo (*Sedum dendroideum Moc.&*	Sem correspondência em estudos científicos para esta composição de ervas. Nas referências da ANVISA.

[42] Fonte: http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/noni.html#.VVFWH_lViko
[43] Fonte: http://www.tuasaude.com/cha-de-boldo/
[44] Fonte: http://www.remedio-caseiro.com/jaca-beneficios-e-propriedades/
[45] http://www.scielo.br/pdf/abb/v3n2s1/v3n2s1a18.pdf

Sessé ex DC.) 1 limão cortado em cruz (*Citrus aurantifolia)* ½ xícara de chá de açúcar 1 copo de água Colocar o açúcar para dourar, acrescentar a água, as ervas e deixar ferver até ponto de xarope.	
Xarope de ervas Para combater gripe. <u>Modo de preparo</u> A receita deve ser feita da seguinte forma: 3 folhas de canela *(Cinnamomum zeylanicum)* 3 folhas de cravo (*Dianthus caryophyllus)* 1 casca de cebola branca (*Allium cepa)* 4 folhas de guaco (*Mikania glomerata Spreng)* 1 xícara de açúcar dourado 2 ramos de poejo (*Mentha Pulegium)* 2 ramos de hortelã (*Mentha piperita)* 3 brotos de melissa (*Melissa officinalis)* Modo de preparo: Misturas todos os ingredientes com o açúcar dourado, colocar água e deixar ferver bem.	Não há estudos científicos diretamente ligados com esta composição de ervas, mas vale acrescentar que todas elas têm propriedades ligadas ao combate à gripe e baixa resistência, o que demonstra o conhecimento apurado de cada uma delas pelas mulheres que utilizam o xarope.
Xarope de cebola branca Utilizado para combater gripe e tosse. <u>Modo de preparo:</u> Meio limão cortado em quatro partes (*Citrus aurantifolia)* 2 dentes de alho *(Alium sativum L.)* 4 folhas de cebola branca *(Alium cepa L.)* Açúcar a gosto Dourar o açúcar e colocar as folhas com a água, deixar ferver bem.	Não há estudos científicos para esta composição de ervas, mas o limão é indicado nos estudos científicos para gargarejos para todos os tratamentos de todos os tipos de afecções do trato nasofaríngeo, bem como para laringites e gengivites. Inalado, puro ou diluído, é um bom desinfetante nas renites e sinusites[46]. O alho é indicado para atuar como expectorante, antisséptico, anti-inflamatório[47]. Por fim, a cebola branca é indicada para alívio no tratamento de tosses e resfriados, asma e bronquite. Mais uma vez, isso demonstra que as indicações

[46] Fonte: http://www.asbran.org.br/noticias.php?dsid=912
[47] Introdução à fitoterapia: utilizando adequadamente as plantas medicinais. Colombo: Herbarium Lab. Bot. Ltda, 2008

	científicas e fitoterápicas de plantas refletem os usos e práticas das mulheres que, entre um elemento e outro, desenvolvem uma composição de elementos eficazes contra doenças.
Xarope de Jatobá *(Hymenaea courbaril L.)* Utilizado para combater tosse. <u>Modo de preparo</u> Colocar algumas cascas de jatobá - *Hymenaea courbaril L.*- e ferver com meio litro de água, acrescentando açúcar para dar ponto de xarope.	Segundo Ávila (2008), em *Índice Terapêutico Fitoterápico,* o Jatobá - *Hymenaea courbaril L.*- é indicado e utilizado como fungicida e bactericida, nas candidíeses, descongestionante em bronquites, asma coqueluche, tosses, laringite, fraquezas pulmonares, entre outras utilizações. Mais uma vez, verifica-se uma indicação adequada do uso no conhecimento popular.
Banho de assento com farinha de mandioca (*Manihot esculenta Cratntz*) e leite A mistura dos componentes é praticada como banho de assento para combater vermes.	Sem correspondência em estudos científicos. Nas referências da ANVISA.
Compressa de Flor de Flamboiã (*Delonix regia* Hook.) e Maravilha *(Mirabilis jalapa L.)* Utiliza-se a composição das flores para fazer compressa nos olhos para combate da conjuntivite.	Não há correspondência científica para composição das duas plantas, mas, segundo Ávila (2008), em *Índice Terapêutico Fitoterápico*, a maravilha é indicada como antimicrobiana e antiviral, bactericida e fungicida, o que se relaciona, de certa maneira, ao combate da conjuntivite.
Cocada para abrir o apetite Doce feito com ervas e leite de coco é usado como ativador do apetite, especialmente em crianças. <u>Modo de preparo:</u> 3 galhos de poejo *(Mentha Pulegium)* 4 galhos de hortelã *(Mentha piperita)* 4 folhas de mentrasto *(Ageratum conyzoides L.Sieber)* 1/2 litro de leite de coco Açúcar Colocar no forno até dar ponto de cocada.	Não existem estudos científicos ligados a esta composição de alimentos e ervas para abertura de apetite, no entanto, algumas destas ervas são consideradas antivermífugas, o que, de certa forma, pode contribuir para melhora intestinal e, por consequência, para a regulação da alimentação.

Chá de Moranguinho do mato *(Fragaria vesca var.)* e Macelinha *(Achyrocline satureoides)* Usa-se o chá para combate ao mal de Simoto Modo de preparo: 3 galhos de marcelinha 3 galhos de moranguinhos Colocar na água quente os ramos, deixar tampado para as ervas reagirem com o calor.	Segundo Ávila (2008), o moranguinho do mato combate diarreias, afecções intestinais, gastrite, falta de apetite, entre outros. Neste ponto, podemos correlacionar ao combate do mal de Simioto. Já a Macelinha, também segundo o mesmo autor, possui indicações digestivas e estomacais, o que, de certa forma, pode aliviar as irritações e alergia causada pelo leite de vaca de leva ao mal de Simoto.
Chá de losna (*Artemísia Vulgaris, L.)* O chá é utilizado para doenças urinárias e combate a cólicas. Há uma prática de uso ligada ainda à diferenciação para homens e mulheres, sendo a branca para o sexo masculino e a verde para o feminino. Modo de preparo: 5 folhas da losna (*Artemísia Vulgaris, L.)* 1 copo de água fervida Colocar as folhas na água quente para reagir com as propriedades da losna.	Segundo Ávila (2008), em *Índice Terapêutico Fitoterápico*, a losna é indicada e utilizada para regular funções menstruais, fertilizantes, cólicas, dores reumáticas, inflamações intestinais, entre outras. Verifica-se, portanto, uma correlação direta entre a prática popular e científica para a erva.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de trabalho de campo.

O conhecimento existente na mente destas mulheres expressa um repertório de saberes de um espaço e tempo de uma realidade que compõem uma bagagem cultural a qual se projeta a partir da coletividade na qual a agricultora está imersa (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Essa conservação, que se explicita em termos científicos torna o patrimônio um objeto de saber e de memória. Isso é algo essencialmente interessante, já que, se empoderado pela comunidade, pode gerar uma capacidade para atrair turismo e empresas de serviços interessadas neste patrimônio de alguma forma. Tal fato é conveniente, já que o grau de identificação coletiva com esses valores evidencia-se notadamente no voluntariado e na adesão a associações, grupos, cooperativas em defesa ao patrimônio (BENHAMOU, 2016).

Esse ponto, no que se refere a este trabalho, é estritamente importante, já que resultou em algumas ações efetivas de valorização do grupo de mulheres envolvidas no processamento, como as feiras científicas e eventos promovidos pelo SESC, nos quais elas se tornaram protagonistas do processo. Tais fatos serão apresentados com mais cautela no próxima seção.

Da primeira fase até a fase de estruturação da equipe fixa das atividades do projeto, o processo de aquisição através dos cursos e das reuniões representou ações de aprendizagem, amadurecimento e empoderamento do próprio conhecimento obtido e reelaborado nesta trajetória.

Sob este aspecto, Fey (1997) salienta que o valor educativo do patrimônio é um elo com a história e a arte que a frequentação permite estabelecer. O patrimônio se associa a valores sociais, já que se torna um elemento de coesão, adesão e referência coletiva e cultural. No caso específico do grupo de Mulheres envolvidas no projeto, podemos identificar marcos sobre esta análise, que estão na linha do tempo apresentada neste texto.

5. COOPERAÇÃO E PODER FEMININO

5.1 Introdução

Esta parte do trabalho dedica-se a apresentar especialmente as relações de poder estabelecidas ao longo da estruturação do projeto de ervas, evidenciando as relações de patriarcado e, ao mesmo tempo, de poder da mulher frente às dificuldades e problemas postos nesta trajetória.

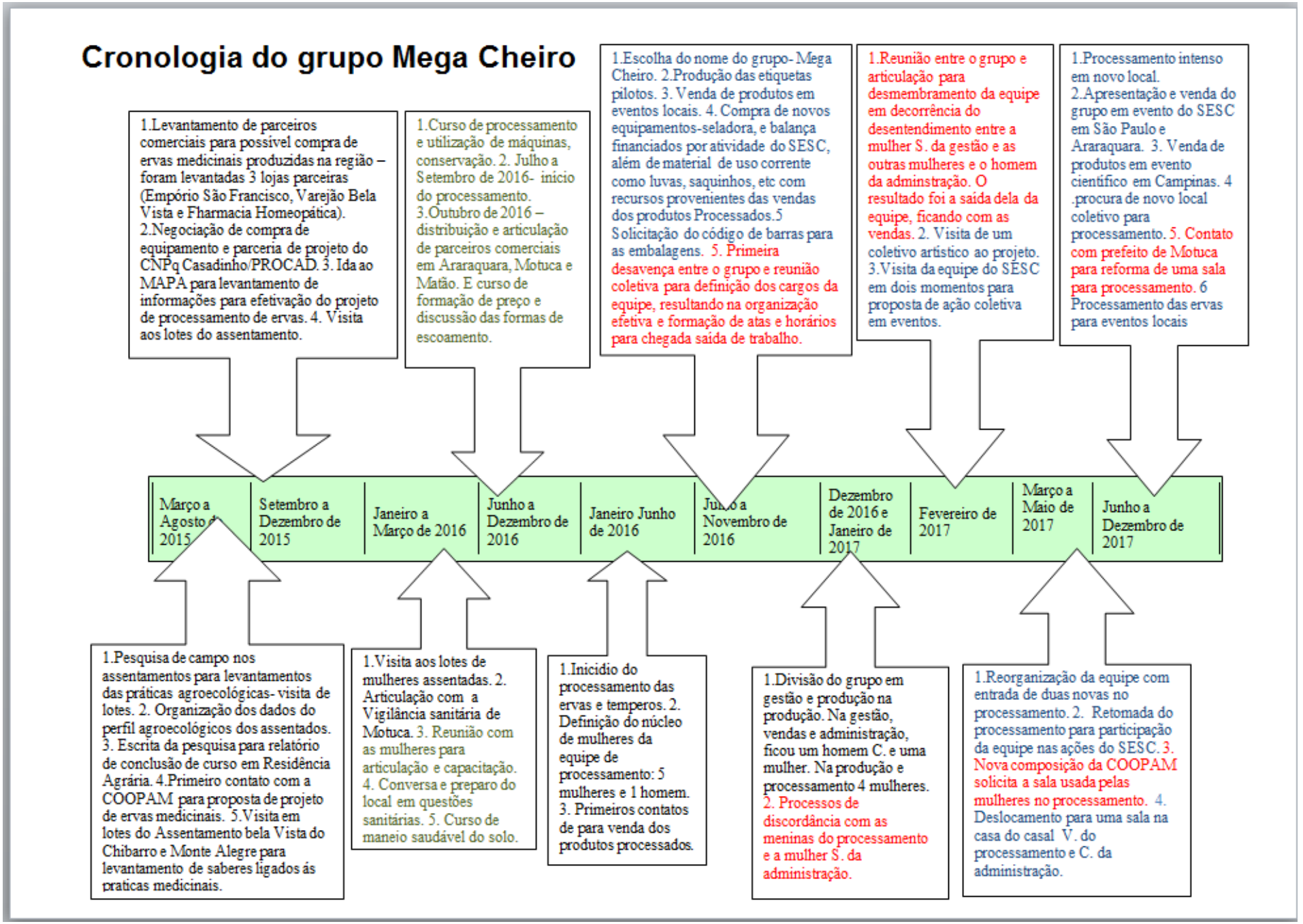
Outro ponto importante destacado neste item são as diferentes formas de cooperação estabelecidas entre as mulheres, especialmente no que se refere a elementos do saber e do patrimônio, já que há compartilhamento e ressignificação por faixas etárias e em momentos diferenciados.

Por fim, será discutida de que maneira a valorização do patrimônio e as novas reelaborações dos conhecimentos das mulheres do grupo impactaram nas práticas diárias e no reconhecimento e importância do protagonismo feminino frente às relações de desigualdades postas sob elas.

5.2 As relações de poder e resistência na cooperação

Para falar das relações de poder existentes na configuração do projeto de ervas medicinais, propôs-se o exercício de marcar os principais acontecimentos em uma linha cronológica, para uma análise mais aprofundada dos momentos estabelecidos nesta trajetória de idas e vindas, altos e baixos, avanço e espera.

A linha do tempo apresenta os momentos de maior significância no processo de constituição do grupo. Ela está dividida por meses, anos e cores. As cores são identificações dos diferentes tempos e acontecimentos desta trajetória. No primeiro momento, identificou-se o processo de inventário dos saberes, as ervas e constituição do grupo através de troca inicial dos saberes; o segundo, em vermelho, apresenta as dificuldades; por fim, o terceiro, em azul, identifica momentos de superação, autonomia e empoderamento do grupo, os quais nos dedicaremos a discutir no item 5.3. Abaixo o quadro pode ser identificado:


Cronologia do grupo Mega Cheiro
1.Levantamento de parceiros comerciais para possível compra de ervas medicinais produzidas na região – foram levantadas 3 lojas parceiras (Empório São Francisco, Varejão Bela Vista e Fharmacia Homeopática). 2.Negociação de compra de equipamento e parceria de projeto do CNPq Casadinho/PROCAD. 3. Ida ao MAPA para levantamento de informações para efetivação do projeto de processamento de ervas. 4. Visita aos lotes do assentamento.
1.Curso de processamento e utilização de máquinas, conservação. 2. Julho a Setembro de 2016- início do processamento. 3.Outubro de 2016 – distribuição e articulação de parceiros comerciais em Araraquara, Motuca e Matão. E curso de formação de preço e discussão das formas de escoamento.
1.Escolha do nome do grupo- Mega Cheiro. 2.Produção das etiquetas pilotos. 3. Venda de produtos em eventos locais. 4. Compra de novos equipamentos-seladora, e balança financiados por atividade do SESC, além de material de uso corrente como luvas, saquinhos, etc com recursos provenientes das vendas dos produtos Processados.5 Solicitação do código de barras para as embalagens. 5. Primeira desavença entre o grupo e reunião coletiva para definição dos cargos da equipe, resultando na organização efetiva e formação de atas e horários para chegada saída de trabalho.
1.Reunião entre o grupo e articulação para desmembramento da equipe em decorrência do desentendimento entre a mulher S. da gestão e as outras mulheres e o homem da adminstração. O resultado foi a saída dela da equipe, ficando com as vendas. 2. Visita de um coletivo artístico ao projeto. 3.Visita da equipe do SESC em dois momentos para proposta de ação coletiva em eventos.
1.Processamento intenso em novo local. 2.Apresentação e venda do grupo em evento do SESC em São Paulo e Araraquara. 3. Venda de produtos em evento científico em Campinas. 4 .procura de novo local coletivo para processamento. 5. Contato com prefeito de Motuca para reforma de uma sala para processamento. 6 Processamento das ervas para eventos locais
Março a Agosto de 2015
Setembro a Dezembro de 2015
Janeiro a Março de 2016
Junho a Dezembro de 2016
Janeiro Junho de 2016
Julho a Novembro de 2016
Dezembro de 2016 e Janeiro de 2017
Fevereiro de 2017
Março a Maio de 2017
Junho a Dezembro de 2017
1.Pesquisa de campo nos assentamentos para levantamentos das práticas agroecológicas- visita de lotes. 2. Organização dos dados do perfil agroecológicos dos assentados. 3. Escrita da pesquisa para relatório de conclusão de curso em Residência Agrária. 4.Primeiro contato com a COOPAM para proposta de projeto de ervas medicinais. 5.Visita em lotes do Assentamento bela Vista do Chibarro e Monte Alegre para levantamento de saberes ligados ás praticas medicinais.
1.Visita aos lotes de mulheres assentadas. 2. Articulação com a Vigilância sanitária de Motuca. 3. Reunião com as mulheres para articulação e capacitação. 4. Conversa e preparo do local em questões sanitárias. 5. Curso de maneio saudável do solo.
1.Inicidio do processamento das ervas e temperos. 2. Definição do núcleo de mulheres da equipe de processamento: 5 mulheres e 1 homem. 3. Primeiros contatos de para venda dos produtos processados.
1.Divisão do grupo em gestão e produção na produção. Na gestão, vendas e administração, ficou um homem C. e uma mulher. Na produção e processamento 4 mulheres. 2. Processos de discordância com as meninas do processamento e a mulher S. da administração.
1.Reorganização da equipe com entrada de duas novas no processamento. 2. Retomada do processamento para participação da equipe nas ações do SESC. 3. Nova composição da COOPAM solicita a sala usada pelas mulheres no processamento. 4. Deslocamento para uma sala na casa do casal V. do processamento e C. da administração.

Nesta linha do tempo, é possível identificar momentos significativos de empoderamento do patrimônio e forma de coesão e participação coletiva. O primeiro se refere ao reconhecimento dos saberes e reelaboração destes no que diz respeito a uma prática tradicional e uma maneira mais organizada com estudos científicos. Neste ponto, destacamos os itens que se encontram em verde na linha do tempo, que demonstram a trajetória dos cursos realizados pelas mulheres para adequarem os saberes tradicionais às "normas de processamento" para comercialização. Nas imagens abaixo, é possível verificar a fase de integração e discussão entre o processo de partilhamento entre as formas de conhecimento:

Imagem 11. Integrantes do curso de secagem e processamento de ervas

Fonte: Acervo autora.

Esta imagem 11, evidencia um número interessante de mulheres mais idosas e mulheres mais novas. Neste evento, houve troca de conhecimento do que chamamos de guardiãs do patrimônio e aquelas interessadas em mantê-los e ressignificá-los em novas práticas de usos.

Imagem 12: Mulheres trocando formas de produção, secagem e uso das ervas durante o curso

Fonte: Acervo da autora.

O segundo ponto e também importante a ser destacado, são os problemas enfrentados pelo grupo, tal como todo processo de constituição de uma equipe. As divergências são comuns, e, muitas vezes, extrapolam a lógica local para fenômenos exteriores. E, neste caso, por se tratar de uma comunidade assentada em que as relações pessoais estão, na maioria das vezes, acima das profissionais, as dificuldades são ainda mais intensas.

Sob esta perspectiva é interessante destacar alguns momentos que refletem essas relações intensas que se atrelam a fatores não apenas profissionais, mas contextuais, ligados à comunidade local. Estes acontecimentos estão destacados na linha do tempo em cor vermelha, de maneira a identificarmos os pontos críticos desse processo.

O primeiro deles foi um desacordo entre o grupo devido à falta de organização em questões de horários, dias para processamento, pessoas envolvidas e processo administrativo. Em algumas falas registradas pela equipe, podemos verificar estes desconfortos existentes entre o grupo:

> S.: Acho ótimo ter mais mulheres querendo entrar. Vamos convidar elas pra começa a processar com nós. O que acham meninas?
> J.: Não precisa de mulher para processar, a gente dá conta! Nós precisamos de mulheres que forneçam o produto para a gente processar.
> C.: Bom dia, é verdade, concordo.
> J.: T. a gente não vai processar amanhã porque nós estamos fazendo um curso.

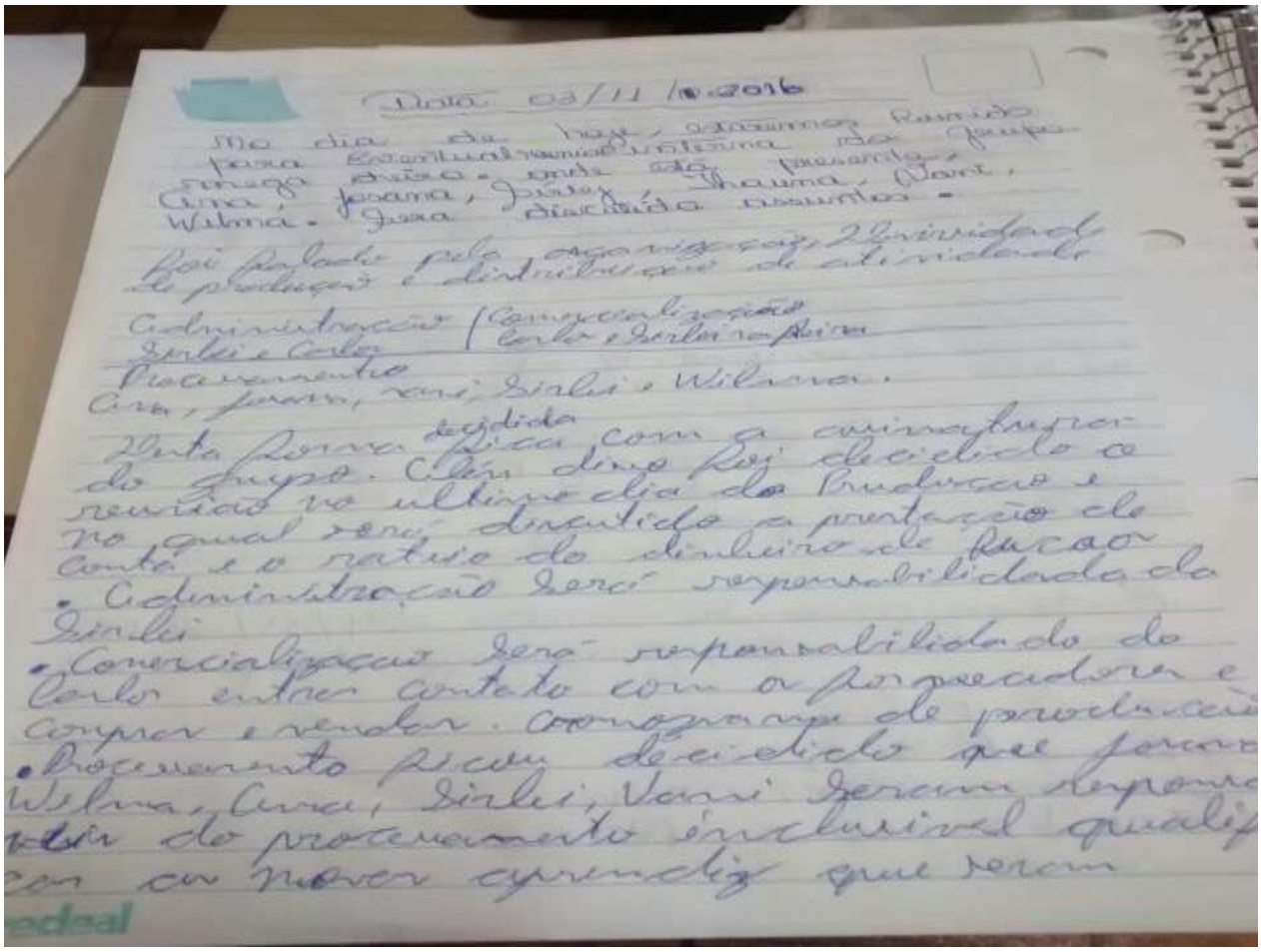
> J.: Ontem e hoje vamos ficar o dia inteiro fora.
> J.: A gente decidiu não processar amanhã porque eu tenho 3 crianças, não posso deixar a casa abandonada 3 dias seguidos.
> J.: A gente só processa com o grupo porque não é todas que sabem processar direito.
> J.: Pessoal, fala com a T., porque ela tá achando que é só eu que tem reclamações!
> T.: Gente, estava falando com a J. agora mesmo.... Temos que ter sinceridade umas com as outras.... para evitar problemas...porque se acumulamos....vai ficando difícil de resolver....concordam? Vamos passar por dificuldades... mas temos que fazer isso juntas e unidas.... não deixar nada atrapalhar o que conquistamos até aqui....certo? Estou no grupo para ajudá-las e apoiá-las... Vamos construindo juntas... Pessoal... sábado vocês podem se reunir comigo? Acho que estamos precisando conversar.... tem algumas demandas... não é? De manhã ou à tarde? Onde podemos nos reunir?
> C.: Por mim, tranquilo, podemos sim.
> T.: Mas pode ser pela manhã?
> C.: É, acho melhor conversar pessoalmente.
> T.: Às 10h?
> C: Por mim, tranquilo.
> T.: E as meninas vão poder?
> C.: Por mim, tranquilo, pode ser.
> T.: Vocês preferem ser na casa de alguém? Ou na Cooperativa?
> C.: Por mim, deveria ser na Cooperativa.
> T.: Então podemos marcar às 10h na Cooperativa? Todas podem ir?
> J.: Eu posso.
> T.: C., daí todas podem?
> C.: Sim, precisamos muito desta reunião e com urgência!
> (Conversa entre o grupo registrada em 30/11/16).

Aqui surge uma primeira divisão entre os membros da equipe. A separação já se estabelece entre a equipe e a ainda secretária da cooperativa, S., que fazia todo papel de organização e administração da equipe junto com o único homem da equipe C..

A divisão se estabeleceu entre as outras 4 mulheres, que ficaram no processamento, e C., que gostaria que S. tivesse mais organização e cumprisse os dias e horários de processamento estabelecidos pelo grupo. O resultado desse processo foi uma reunião coletiva com a mediação da agente facilitadora, na qual se estabeleceu que haveria duas equipes, a das mulheres do processamento e a equipe de administração, das quais C. ficaria com a organização financeira e venda dos produtos e S. ficaria com as vendas e organização da parte de etiquetas, uniforme, etc.

Nas imagens abaixo, é possível identificar a ata desta primeira reunião, na qual são colocadas as definições dos cargos da equipe, organização efetiva e formação horária para chegada e saída de trabalho:

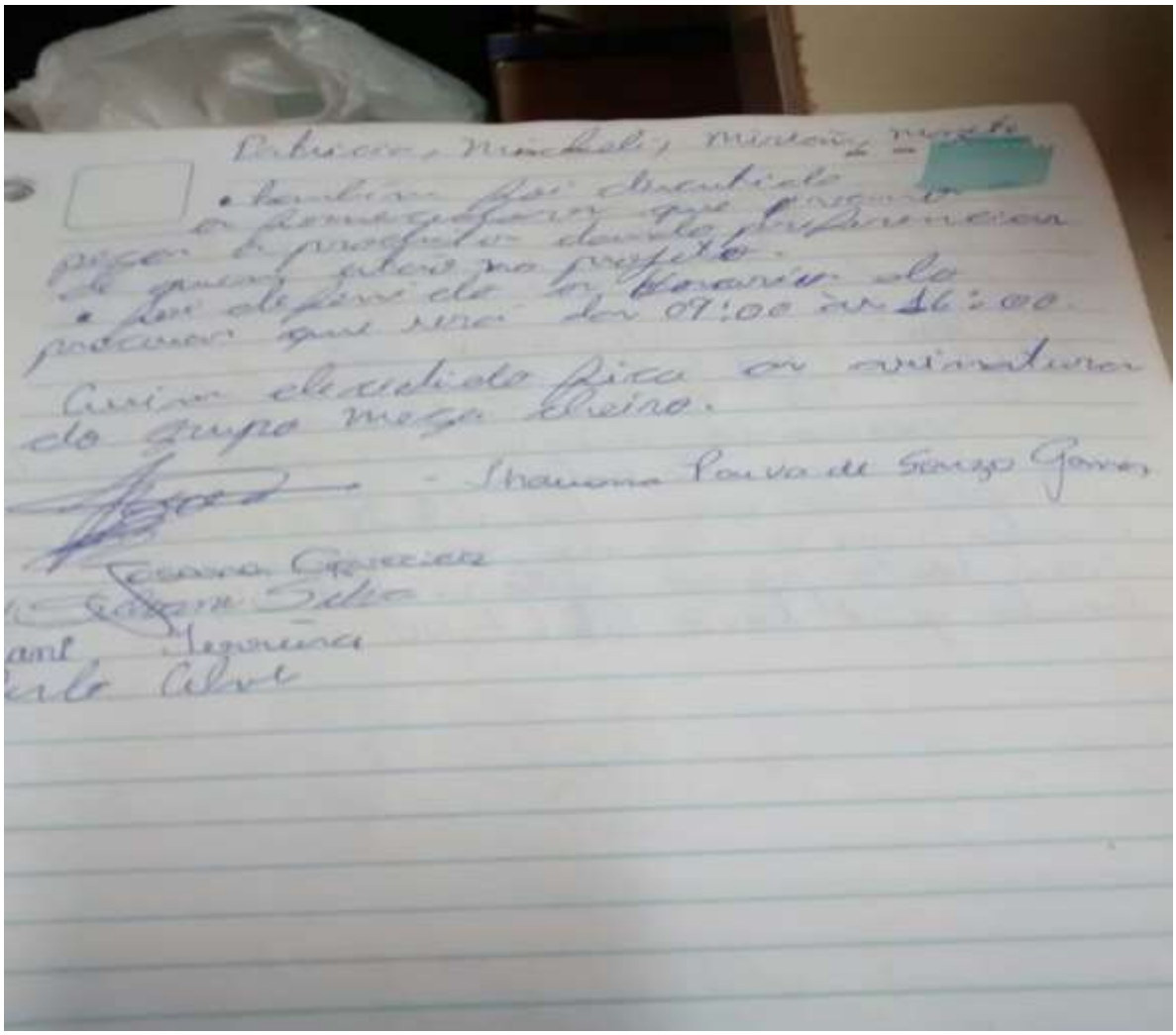
Imagem 13: Ata de divisão e organização das atividades do grupo Mega Cheiro



Fonte: acervo da autora.

Como identificado na ata, os papéis do grupo são estabelecidos entre o administrativo/comercialização para C. e S., e o de processamento, entre as outras 4 mulheres, as quais também terão responsabilidades em qualificar e promover outras mulheres como "aprendizes". Além disso, estabelece-se ainda a aquisição dos produtos para o processamento preferencialmente de quem se encontra integrado no grupo, para gerar renda para a equipe envolvida também de mulheres que não estejam no processamento. Além disso, como visto na imagem 13 também são estabelecidos os horários e dias de processamento.

Imagem 14: Segunda parte da ata de divisão e organização das atividades do grupo Mega Cheiro



Fonte: Acervo da autora.

Do ponto de vista da articulação da equipe, esta primeira discordância foi importante porque demonstrou um amadurecimento do grupo em termos de organização e estabelecimento de papéis, sob uma análise de estruturação vinculada a uma atividade de geração de renda. Mas, sob uma ótica de fortalecimento efetivo dos membros de um grupo, ao invés de representar a superação das diferenças e harmonização do grupo, evidenciou a intensificação do que já estava sendo representado na comunidade. Isso significa que as relações de S. com seu papel na cooperativa já estava em processo de instabilidade. Apesar de todo esforço e dedicação de S., as atividades de organização da cooperativa não superaram as desconfianças estabelecidas pela comunidade por conta da falta de organização imediata e de regra nos cumprimentos dos horários por parte dela.

Há também há outra interpretação posta nestas relações entre o papel e gerência na cooperativa e a visão da comunidade, uma ótica mais delicada e profunda: as críticas em relação ao papel de S. na cooperativa não tratavam meramente de organização, mas sim de olhares conservadores e patriarcais (SAVIOTI, 2015; MILES, 1989), que se incomodavam

com uma figura feminina (apesar de o presidente ser um homem) à frente e no comando da articulação, venda e pagamento principalmente dos membros cooperados.

Esse fato pode ser evidenciado pelas relações que se colocaram posteriormente na mesma cooperativa. A saída de S. tanto da cooperativa quanto do grupo de processamento, sob a ótica de desconfiança da sociedade, leva à configuração "burocrática" de uma figura masculina nos dois grupos da chefia. No caso, na cooperativa, o presidente e o vice-presidente/tesoureiro ficam sendo homens, e a nova secretária, uma mulher, estabelecendo-se a ordem local das regras de hierarquia do viriarcado (SAVIOTTI, 2015; MILES, 1989). Mas isso ocorre apenas aparentemente, para as relações sociais e grupais entre os cooperados, já que todas as atividades efetivas de controle de membros, pagamentos, contratos, organização geral e, lógico, a limpeza continuaram concentradas na figura da nova secretária, que, por sinal, é a única da equipe de gerência da cooperativa que possui curso de graduação em administração.

Essa mudança de gerência e a entrada de mais uma figura masculina levou a uma discordância em relação à utilização do espaço da cooperativa pelas mulheres do processamento de ervas, o que levou à saída das mulheres para outro local de processamento. Como identificado na linha do tempo, isso foi um problema no que se refere à estrutura física de organização do grupo. Por outro lado, também fez com que outros locais pudessem ser pensados como apropriados e neutros, sem que pudessem ser retiradas da área.

O local pensado foi, então, o salão do assentamento 2 do Monte Alegre, buscado e intercedido pela nova integrante do grupo, a V., que, junto à prefeitura de Motuca, exigiu o espaço de duas salas. Houve aceitação imediata por parte da prefeitura e do prefeito, mas o espaço ainda não foi cedido efetivamente - por este fato, colocamos este item como uma dificuldade a ser superada pelo grupo - ,que continua a pressão junto à prefeitura, que marcou reunião para o início de 2018.

Outra questão essencial que acompanhou as análises e observações das relações de contradições e as reações de patriarcado, foi a presença de um integrante masculino, o C., esposo de uma integrante e filho de uma das mulheres do grupo. As relações de patriarcalismo ocorriam a todo momento, quando as mulheres se reuniam e ele estava presente, a presença dele se fazia ora de maneira positiva, ora de maneira impositiva. As reações que se associam a administração, compra, organização do trabalhos e modo geral de todas as atividades de "chefia" ficavam a cargo dele. Inclusive nas atividades que exigiam a fala em grupo, apesar do incentivo por parte da facilitadora das mulheres estarem a frente, ele que coordenava a fala. Era clara as relações de domínio dele por parte do processo de poder e "entendimento do que não estava na ossada das mulheres". Ele se munia do argumento de que havia se formado

em administração e entedia do processo, as mulheres por outro lado, diziam confiar nele e na idoneidade do mesmo. As contradições se faziam de maneira ainda mais constantes, pois ao mesmo tempo que ele se mostrava dominador nas relações de chefia, era um fomentador e entusiasta do grupo. Corria atrás de parcerias com prefeito de Motuca, venda de produtos entre outras coisas.

5.3 A cooperação por meio da força feminina: O perfil das mulheres em dois tempos

Neste ponto do trabalho, serão destacados dois momentos essenciais do projeto, que podem ser identificados pelo momento de ruptura entre os membros do grupo e o que resultou na formação de uma nova equipe. Tais pontos são importantes para avaliar o processo de cooperação, constituição e organização do grupo e a importância de reconhecimentos por agentes externos ao trabalho realizado pelo grupo de processamento.

Os acontecimentos relevantes de superação e empoderamento que pretendemos evidenciar aqui estão destacados na cor azul na linha do tempo. São pontos de união e amadurecimento do grupo quanto ao processo de escolha e decisões.

Como partida, destaca-se inicialmente a opção do nome do grupo. Na conversa abaixo, é possível verificar tais aspectos:

> J.: E aí, vocês já pensaram no nome?
> T.: Bom dia, Carlos, você já viu as questões do código de barra?
> T.: Verdade, J., meninas... e o nome?
> T.: Preciso dele para ver se consigo as etiquetas...
> J.: V., mande os nomes que você pensou para a gente discutir?
> C.: Qual são os nomes que vocês pensaram?
> J.: Gostei “grupo do mulheres Mega cheiro”, o que vocês acharam?
> T.: “Mega cheiro”? Legal...
> C.: Ok, J..
> T.: Podemos ver nos restaurantes.... Vamos fazendo nossa rede de contatos... Cada um fica responsável em fazer propaganda para um restaurante de nossos produtos...
> J.: Eu vejo na lanchonete da rua 1.
> C.: Beleza. De onde é?
> T.: Isso mesmo, J., esse nome é legal com etiqueta cor Rosa... E ótima iniciativa de ir à lanchonete... Parabéns! Agora vamos a restaurantes também... Temos que elogiar nossos produtos, dizer que é direto do pomar para a secagem e prezamos a não utilização de veneno na produção... Vamos que vamos....
> C.: É isso aí, vamos trabalhar juntos!
>
> (Conversa registrada em 18/10/16)

Vemos um empenho da equipe em buscar um nome para o grupo e, ao mesmo tempo, em encontrar parceiros para compra e venda das mercadorias processadas. Aparentemente, é

uma situação irrelevante, mas representa um sentido importante no empoderamento, tomada de decisões e escolhas que essas mulheres passam a fazer no cotidiano das atividades, e não simplesmente na sua execução diária.

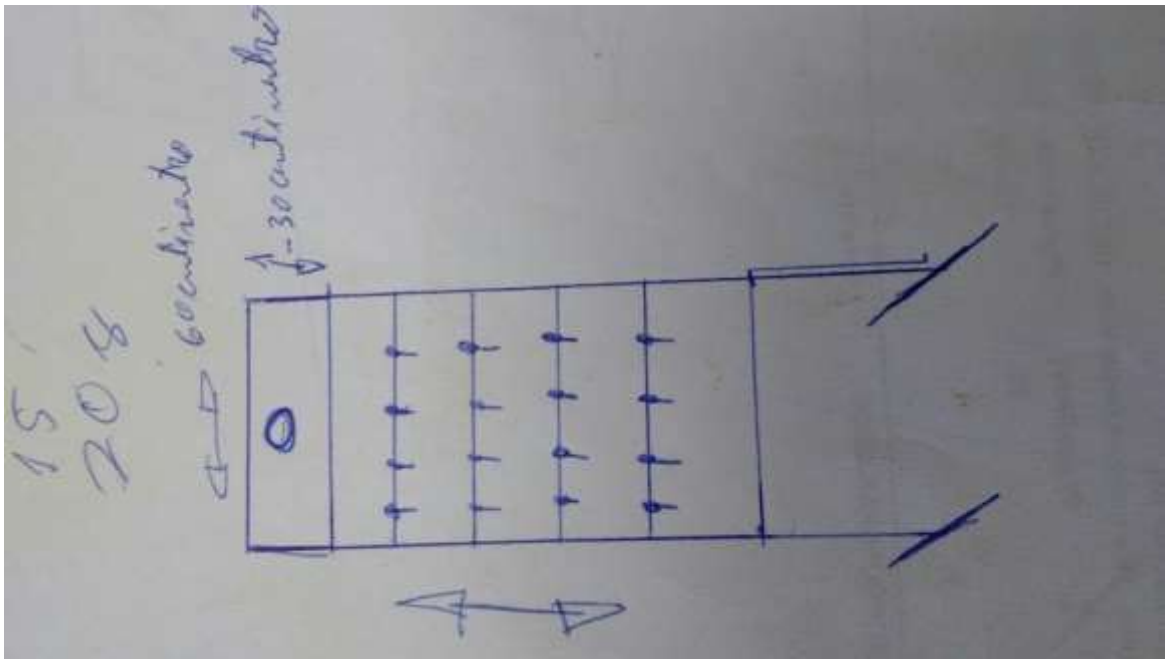
Outros momentos que materializam o processo de compartilhamento e efetivação das ações no grupo foram a realização das etiquetas piloto e a compra de novos equipamentos (seladora e balança), financiados por atividade do SESC; além de material de uso corrente, como luvas e saquinhos, com recursos provenientes das vendas dos produtos processados pela equipe. Posteriormente, houve também a solicitação do código de barras para as embalagens.

Em cada trecho abaixo, nas conversas registradas, é possível verificar como pequenas conquistas representam ações de empoderamento da realidade e reconhecimento individual de cada mulher no trabalho e na vida pessoal. Podemos verificar isso no trecho da discussão de códigos de barras e sobre as etiquetas piloto:

> S.: C., foi combinado de nos se reunir hoje à tarde? Estamos te esperando.
> C.: Ok, então estarei aí.
> S.: Já fiz o orçamento da máquina do código de barras.
> S.: Gostaria muito, T., que você estivesse, pois já vamos comprar essa semana.
> S.: Não precisa todo grupo vir não, pois é a cooperativa que vai comprar! É só com o C., a T. e o L.. Depois de comprado, nos reuniremos todos para próxima etapa.
> S.: T., se você não puder vim, tudo bem, mas gostaria da sua presença, ok?
> C.: Ok, pode contar comigo.
> S.: T., temos que fazer a conta do que é mais viável porque temos dúvidas se é melhor comprar a máquina de imprimir os códigos ou comprar os códigos e mandar fazer a etiqueta já com os códigos, o que fica mais viável.
> S.: Temos que ver o orçamento, o logo, o custo e outros. C., estamos te esperando, ok?
> S.: E essa é a prateleira para expor as ervas, o que vocês acham?
> T.: Adorei....
>
> (Conversa registrada em 28/10/16)

A imagem abaixo demonstra o projeto de execução da prateleira e como ficou depois de pronta:

Imagem 15: Projeto de prateleiras para exposição das ervas e temperos processados



Fonte: Acervo da autora.

Imagem 16: Prateleiras de exposição das ervas e temperos processados pelo grupo:

Fonte: Acervo da autora.

Tanto na conversa, como nas imagens, podemos identificar o interesse dos membros no andamento do processo de compra dos códigos de barras para encaminharem as vendas dos produtos processados de maneira mais organizada. Mas, por outro lado, a conversa

apresenta ainda uma relação de divisão das tarefas, incumbindo ao único homem do grupo, C., as atividades de decisão, mesmo que estas estejam relacionadas à cooperativa e às atividades do processamento.

Fazendo a análise, distanciada dos momentos de progresso, de fragilidade e conquista, é possível identificar que esse seria um momento importante, por parte da própria facilitadora do projeto, de procurar integrar as mulheres do grupo ao processo de decisão.

Esta sensibilidade, certamente, foi ofuscada pelo fato de se encontrarem enraizadas ainda, apesar da constante luta, estruturas patriarcais e androcêntricas, em nosso cotidiano, que passam despercebidas. E, por isso, há a necessidade de vigilância constante e até de militância, para se mostrar, como Miles (1989) nos ensina, o importante papel das mulheres na história frente ao processo de naturalização de inferioridade que se coloca diariamente.

Outra conversa registrada e importante a ser destacada no processo de empoderamento do grupo realiza-se nas primeiras etiquetas, que materializam uma vontade e um gosto das mulheres pela preferência da cor rosa como fator não de meiguice ou fragilidade, mas de força e luta!

> T.: Gente olha aí... as etiquetas piloto...
> S.: fica 100,00
> T.: coloquei no saquinho para ver como ficaria...
> J.: É rosa, né? Está linda!
> T.: Também gostei mais da Rosa....
> J.: Rosa, rosa, rosa!
> S.: Ficou show, as etiquetas rosa, claro! Risos.
> T.: Fiz as duas apenas para tirar ideia... mas com certeza eu também...gosto da Rosa...
>
> (Conversa registrada em 18/10/16)

Abaixo podemos verificar as imagens das etiquetas piloto:

Imagem 17: Modelo 1 de etiqueta.

Fonte: acervo da autora.

Imagem 18: Modelo 2 das etiquetas piloto:

Fonte: Acervo da autora.

Nestas escolhas, constatamos o valor de troca de conhecimentos e ideias, que repara um universo, não simplesmente comercial ou de venda, mas cada detalhe, cada erva, cada processo, que está imerso em um universo de compartilhamento entre elas, que extrapola o ato de secagem, lavagem ou embalamento. Trata-se, ainda, de um universo de

compartilhamento de dores, alegrias, tristezas e felicidade, universo que o ato da cooperação permite trocar e discutir.

Desenvolver um projeto para mulheres com o intuito de valorização de práticas tradicionais envolve não somente pensar no compartilhamento, empoderamento das mulheres, mas em um envolvimento que transcende relações de trabalho e remonta um envolvimento emocional, que nos leva a vibrar, chorar, sentir felicidade, tristeza em cada obstáculo, conquista e processo de luta.

E, neste processo de constituição do grupo, verifica-se uma tomada de consciência, não necessariamente política, mas do papel de cada uma, adquirido no processo de constituição do conhecimento, garantindo, entre outros requisitos, a segurança pelo saber trocado e conquistado.

No trecho abaixo da conversa, é possível averiguar que a troca do conhecimento que vai sendo adquirida através dos cursos realizados e dos saberes tradicionais desenvolvidos pela experiência do processo e, finalmente, pelo patrimônio valorizado:

> S.: Boa tarde, pessoal, amanhã vamos precisar de: salsa e cebolinha e erva doce e canela. Na quinta feira, somente ervas.
> J.: Para amanhã só a salsa e a cebolinha, né? Na quinta, nós fazemos as ervas certo?
> Pessoal, o dia de fazer tempero é só tempero, ok?
> S.: Então, J., o L. já pegou a canela. Vamos fazer pouca salsa e cebolinha, pois não vai dar tempo de fazer outras variedades para o evento de domingo.
> J.: Só que nós não podemos misturar, se é ervas, é só ervas! Tem ver com o grupo o que vai ser feito, não podemos ir pegando...
> S.: Então, querem fazer as ervas e deixar a salsa e a cebolinha para quinta, o que acham?
> C.: Por mim, tranquilo.
> S.: Aí dá para fazer erva doce, o orégano e a canela.
> J.: Vê certo o que vai fazer amanhã para poder levar.
> S.: São coisas rápidas!
> C.: J., qual é mais rápido pra amanhã?
> S.: O que vocês querem fazer? A canela já tá colhida. O orégano e erva doce é rápido, a canela não sei.
> C.: A canela deve demorar, né? Vamos deixar a canela para um dia de experiência.
> S.: Talvez nem precise fazer mais cheiro verde, podemos arrumar outras ervas. Então, mas o L. já colheu, vai estragar.
> C.: O L. colheu o quê?
> S.: A canela.
> J.: Faz a canela... o orégano é tempero, não misturar, né?
> C.: Mas quem mandou o Luiz colher canela?!
> S.: Então vamos deixar o cheiro verde para próxima...
> J.: Deixa o cheiro verde para quinta. Vamos fazer as ervas amanhã, certo? Vou ver o que tem aqui e levo. A hortelã tem pouco?
> S.: É, foi feito pouco hortelã. Tem que fazer um pouco de cada. Não dá tempo de fazer muito!
> C.: É verdade, vamos fazendo conforme der para produzir, sem pressa.

J.: Então você leva hortelã também. Manjericão, alecrim, erva doce, ok?
C.: Ok, J., nos encontramos lá, se Deus quiser!
C.: A todos do grupo, nos encontramos lá, se Deus abençoar!
J.: Está ok! Beijos.
S.: Amém.
T.: Gente, parabéns pela organização!

(Conversa registrada em 30/10/16)

Verifica-se, neste trecho, o conhecimento adquirido nos cursos, sobre a importância de se respeitar os tempos e a composição de secagem entre as ervas, para não contaminar com aroma, ou interferir nas propriedades de cada uma. E, ao mesmo tempo, vê-se também a experiência que vai sendo adquirida com o próprio processamento das ervas, nas etapas de observação, colheita e embalamento, tudo sendo trocado entre a equipe.

Outro ponto da primeira equipe a ser destacado é a aquisição de novos equipamentos para o processamento das ervas. Apesar de não representar um valor alto de materiais, foi importante para o grupo sentir o progresso das atividades e da valorização do que estava sendo realizado. Nas imagens abaixo, é possível verificar a articulação do grupo no processo de aprendizagem de utilização dos novos equipamentos:

Imagem 19: Aprendendo a trabalhar com os novos equipamentos:

Fonte: acervo da autora.

Imagem 20: Embalagens dos produtos com a seladora adquirida:

Fonte: acervo da autora.

Neste aspecto, é importante destacar que parte do patrimônio pode ser resgatado e ressignificado pelos membros de uma comunidade quando agentes externos se interessam por ele e o valorizam, dando um sentido maior o que, muitas vezes, parece naturalizado e sem importância, mudando inclusive a realidade local e contribuindo para ações de cooperação (BENHAMOU, 2016).

Isso se verificou claramente nas visitas realizadas por agentes externos para conhecer o grupo, ou mesmo solicitar a apresentação delas em feiras e atividades culturais e acadêmicas. Esse é um ponto importantíssimo na linha do tempo porque inaugura o reavivamento do grupo após um período de enfraquecimento e esgarçamento das relações, situação que poderia levar à extinção do projeto.

A decisão do grupo de permanecer e tentar continuar o processamento se deu pelo fato de as mulheres serem convidadas a expor em um uma mostra nacional de ações ligadas à prática de sustentabilidade no SESC[48], junto com outros grupos. A visita para conhecer o local e o projeto fez com que o grupo mudasse, de certa forma, as relações com o projeto, tornando-se mais empoderado e efetivamente envolvido nas ações. Isso foi muito importante no que tange às relações de fortalecimento do grupo, porque culmina com o fim das relações

[48] O evento ocorreu especificamente em junho de 2017, com o título: "Ideias e ações para um nono tempo". Em São Paulo. foi uma roda de conversa para apresentação do projeto parte da "Mostra Territórios em Transformação". E, em Araraquara, foi uma oficina de receitas tradicionais com o uso de ervas e temperos.

de apoio da cooperativa, já que este é obrigado a buscar outro local para continuar o processamento.

A devolução da sala onde ocorriam as atividades do projeto à cooperativa mostrou-se claramente uma ação de disputa de poder do novo vice-presidente e uma não aceitação de um projeto de mulheres dentro da cooperativa. Então as atividades de processamento foram deslocadas para a casa de dois membros da equipe e isso fortaleceu a busca por um novo e mais estruturado lugar para as ações do grupo.

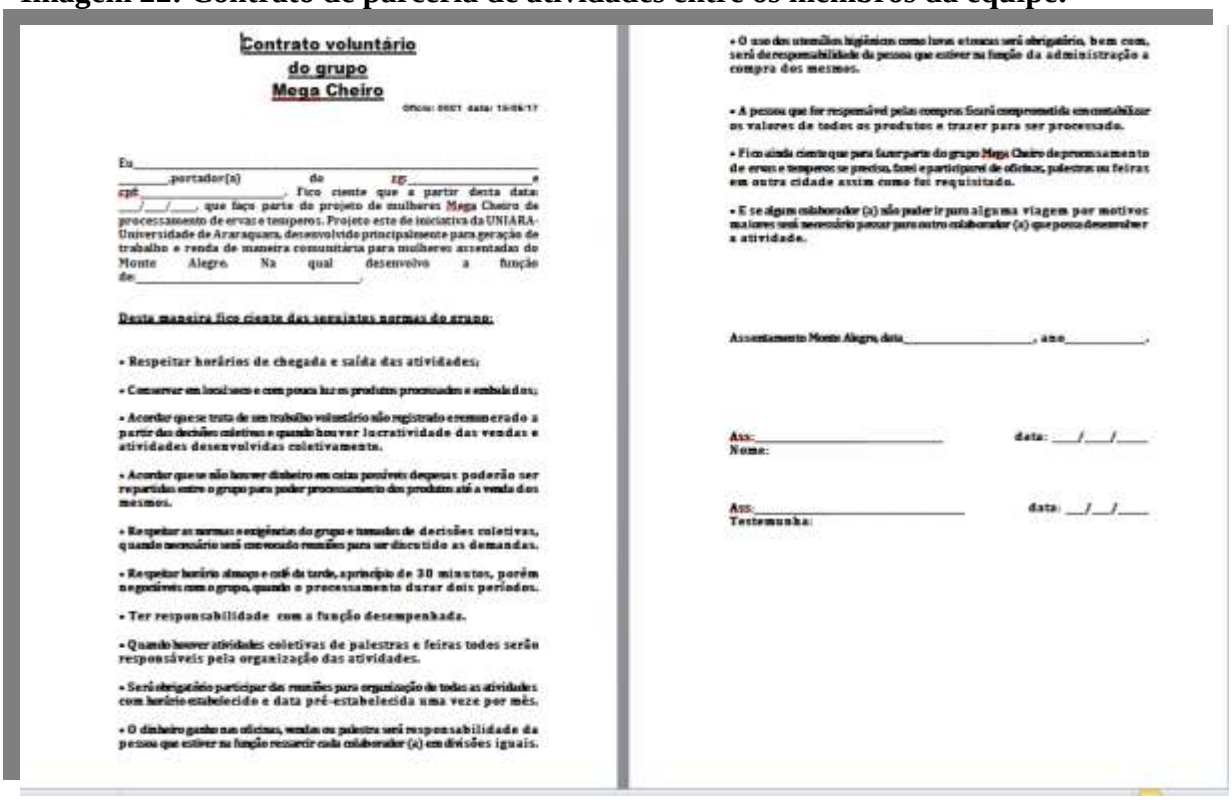
Foram duas atividades, vinculadas ao SESC de São Paulo e de Araraquara, que geraram um empenho enorme do grupo e envolvimento desde o processamento até a produção de apresentações do grupo ao público. O outro momento importante de exposição e venda dos produtos foi em eventos científicos, que, por serem ligados à temática, foram importantes para encontrar outros grupos e pessoas que passaram pelo mesmo processo de organização, cooperação, conflitos e conquistas; esse contato permitiu aos integrantes do grupo sentirem-se mais fortes para continuar as atividades. A esta perspectiva, soma-se até uma tentativa de formação de uma OCS - Organismo de Controle Social - para garantir que os produtos fornecidos para processamento fossem de origem orgânica. Na imagem abaixo, é possível ver os produtos e o grupo se apresentando nas atividades do SESC:

Imagem 21: Produtos expostos na Mostra do SESC.

Fonte: acervo da autora.

Estes momentos, assim como relatado, foram importantíssimos para fortalecimento do grupo, gerando formalização das atividades, em forma de contrato de parceria da equipe, inclusive escrito, e acordado pelo grupo, o qual pode ser identificado na imagem 20.

Imagem 22: Contrato de parceria de atividades entre os membros da equipe:



Contrato voluntário
do grupo
Mega Cheiro

Eu_____
_____portador(a) do rg_____,
cpf_____. Fico ciente que a partir desta data: ___/___/____, que faço parte do projeto de mulheres Mega Cheiro de processamento de ervas e temperos. Projeto este de iniciativa da UNIARA- Universidade de Araraquara, desenvolvido principalmente para geração de trabalho e renda de maneira comunitária para mulheres assentadas do Monte Alegre. Na qual desenvolvo a função de:_____.

Desta maneira fico ciente das seguintes normas do grupo:

- Respeitar horários de chegada e saída das atividades;
- Conservar em local seco e com pouca luz os produtos processados e embalados;
- Acordar que se trata de um trabalho voluntário não registrado e remunerado a partir das decisões coletivas e quando houver lucratividade das vendas e atividades desenvolvidas coletivamente.
- Acordar que se não houver dinheiro em caixa positivo despesas poderão ser repartidas entre o grupo para poder processamento dos produtos até a venda dos mesmos.
- Respeitar as normas e exigências do grupo e tomadas de decisões coletivas, quando necessário será convocado reuniões para ser discutido as demandas.
- Respeitar horário almoço e café da tarde, a princípio de 30 minutos, porém negociáveis com o grupo, quando o processamento durar dois períodos.
- Ter responsabilidade com a função desempenhada.
- Quando houver atividades coletivas de palestras e feiras todos serão responsáveis pela organização das atividades.
- Será obrigatório participar das reuniões para organização de todas as atividades com horário estabelecido e data pré-estabelecida uma veze por mês.
- O dinheiro ganho nas oficinas, vendas ou palestra será responsabilidade da pessoa que estiver na função recaerão cada colaborador (a) em divisões iguais.
- O uso dos utensílios higiênicos como luvas e touca será obrigatório, bem com, será de responsabilidade da pessoa que estiver na função da administração a compra dos mesmos.
- A pessoa que for responsável pelas compras ficará comprometida em contabilizar os valores de todos os produtos e trazer para ser processado.
- Fico ainda ciente que para fazer parte do grupo Mega Cheiro de processamento de ervas e temperos se preciso, farei e participarei de oficinas, palestras ou feiras em outra cidade assim como for requisitado.
- E se algum colaborador (a) não puder ir para alguma viagem por motivos maiores será necessário passar para outro colaborador (a) que possa desenvolver a atividade.

Assentamento Monte Alegre, data_____, ano_____.

Ass:_____ data: ___/___/____
Nome:

Ass:_____ data: ___/___/____
Testemunha:

Fonte: Acervo da autora.

Por outro lado, é importante salientar que estes momentos refletem contradições das relações de força e poder, ou seja, o único homem da equipe foi exatamente aquele que tomou a frente na fala e na apresentação das ações desenvolvidas pelo grupo. Ao ser interpelado com relação à importância de se vincular as apresentações do grupo à fala de uma das mulheres integrantes do grupo, ele resistiu, mas depois concordou em ceder parte da fala.

Outra contradição, interessante a ser destacada, é a de o integrante masculino ter desenvolvido um tempero que leva o nome dele e que passa a ser um dos carros chefes de vendas. Essas ocorrências, a todo momento, evidenciam as relações de poder e imposição, que remontam a vontade de domínio sobre aquilo que gera valor monetário e riqueza como sendo estritamente masculino (SAFIOTTI, 2015). Mas, no universo das relações de valorização do grupo de mulheres são ponderadas pelas atividades e cooperação que elas realizam.

As contradições entre domínio masculino X empoderamento feminino e compartilhamento entre as relações de poder são constantes e, no processo de cooperação, são evidentes. Outro exemplo importante destas contradições de forças X cooperação é o papel da nova integrante, V., no grupo, que passa a ser a interlocutora na resolução e contato com agentes da prefeitura para estabelecimento de uma nova sede de produção. Ela passa a ser

uma articuladora importante na apresentação das atividades, nas ações e no fortalecimento da equipe.

Neste processo, é possível averiguar que, a todo momento, há resgate de sentimentos de permanência e resistência, na medida em que as relações de poder surgem, das maneiras mais sutis, seja nas relações entre os membros, seja no enfrentamento para estarem fora do domínio doméstico e dos afazeres. Encontram-se igualmente, nas ações destas mulheres, vários caminhos criativos de superação, que, através do projeto de processamento, passaram a desenvolver uma trajetória de valorização e ressignificação dos saberes, dando um tom de permanência cultural e patrimonial ao grupo local. Esta simbiose é resultante da realidade, das dificuldades, da experiência vivida e, essencialmente, daquilo que elas têm disponível para resolver seus problemas. E, de certa maneira, a cooperação fez com que estas mulheres encontrassem força e superação em todos os sentidos.

Tais pontos nos levam a refletir sobre importância da valorização dos saberes, práticas e patrimonialidade local como formas inclusive de se garantir os processos de empoderamento e valorização da mulher, no sentido de respeitar o tempo e a perspectiva sobre o que elas querem e desejam para seu futuro. Não basta haver políticas e ações para enfrentar a violência e a subjugação feminina se não houver agentes sensíveis às situações locais, pacientes e que desejem promover a mudança junto com elas, mesmo que lentamente. Por isso, trata-se de um processo de idas e vindas, de integração e espera, exatamente como nos agroecosssistemas e nos ciclos naturais, em que a simbiose e a interligação levam tempo para a ocorrência do equilíbrio ecológico. E nem sempre as técnicas funcionam de imediato, estabelecendo desafios para a extensão daqueles que lutam pela causa e pela formulação técnico-cientifica de pessoas mais humanas frente às demandas objetivas do mundo capitalista, androcêntrico e machista (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015; GOMES, 2015).

5.4 Conhecimento patrimonial e novas reelaborações a partir do compartilhamento

Ao empreender um estudo sobre os saberes tradicionais ligados à agroecologia adquiridos pelas assentadas no processo de vivência e sensitividade com a natureza, buscamos retratar um lado importante do conhecimento que se encontra alijado e excluído da ciência convencional, pela lógica de mercado e pela sociedade capitalista, já que esta só aceita uma perspectiva androcêntrica, cartesiana, mecanicista da sociedade, da vida e da natureza.

Na experiência de reeducar, relembrar e reavivar os olhares, os cursos e toda preparação realizada pelo grupo de mulheres ao longo de 3 anos (2014- 2016), revelaram-se

práticas/saberes agroecológicos utilizados desde sempre por elas, ao mesmo tempo em que foram reafirmados positivamente e socializados novos métodos sustentáveis com relação à não utilização de agroquímicos.

Nestes três anos de acompanhamento destas mulheres, nos quais realizaram-se muitos cursos oferecidos pelo NEEA/NUPEDOR[49], foi possível identificar a interface entre o saber tradicional e a prática agroecológica reafirmada pela concepção científica.

Em um dos cursos sobre cuidados com criação aviária (galinhas), dona M.N. expõe, após a fala do palestrante, sua inquietação: "as galinhas presas e tratadas com comida certa não param de produzir! Comida certa e tratamento certo ela não deixa de produzir!" (Caderno de campo, Maio/2015). Essa resposta foi dada em relação à exposição do palestrante mostrando a importância de se pensar numa ração equilibrada para maior produtividade de ovos. A mesma assentada M. N. continua depois:

> você vê minha amiga falou para separar os pintinhos das galinhas que chocavam mais rápido, mas o problema é que o pintinho demora muito para crescer e com a galinha em volta da bananeira, elas dão cupim e minhoca e os bichinhos crescem muito rápido (...) se tem que ver que beleza! (Caderno de campo, Maio/2015).

Esta resposta foi dada para uma das outras integrantes do curso após o palestrante apontar a importância da proteína na dieta das galinhas e que uma das formas de manter isso seria a utilização de minhocas. Aqui podemos verificar a importância da observação e relação direta com a natureza; relação apenas possível a partir da afinidade e simbiose com os processos naturais.

E, neste contato entre o saber tradicional e agroecologia, vamos encontrando as relações permanentes e as formas de entender e conceber os processos naturais, promovendo a integração e compartilhamento nos processos de reeducação.

Tal como evidenciado em trabalho anterior, Gomes (2015, p.59) mostra esta importância da reeducação e de processos de compartilhamento a partir da formação dos agricultores para transição agroecológica:

> em uma das entrevistas com um dos participantes do curso de agroecologia do Monte Alegre durante uma das visitas técnicas, ao questionarmos o porquê da participação dele no curso a resposta inicial referiu-se a ideia de diminuição de custos da produção, em suas palavras: "exatamente para

[49] Os cursos oferecidos pelos núcleos coincidiram com as frentes desenvolvidas deste grupo, que envolveram integrantes cooperados da COOPAM e pessoas interessadas. Por isso, parte dos cursos não foi direcionada apenas para as mulheres do projeto, já que se envolveram em outras ações e cursos oferecidos neste período, além dos relatados na linha do tempo.

> aprender como diminuir o custo da produção e também porque é bom aprender, né!". O mais interessante é que este mesmo assentado ao falar de sua produção informou que após os cursos passou a utilizar algumas receitas e estava dando bons resultados: "antes do curso eu estava jogando Furadan na batata e no feijão, depois que aprendi a receita da apostila, comprei o Nim e passei a usar no feijão e na abóbora (...) rapaz! Olha que os bichos não estão vindo mais..." (Entrevista com Sr. J. L.). A análise desta fala mostra que o processo de aprendizagem e confiança em práticas mais naturais ocorre essencialmente quando há um processo de troca, re-educação e educação entre assentados e outros agentes importantes neste processo.

Em muitos casos, as práticas são realizadas, de maneiras naturalizadas, sem reflexão ou estudo, porque obedecem à tentativa de acerto ou erro. E, nestes processos de compartilhamento, é possível verificar não uma troca por completo do conhecimento tradicional pelos técnico-científicos produtivistas que os anulam por completo. Aqui há, de certa forma, empoderamento e ressignificação do conhecimento sobre uma ótica mais sustentável com relação aos processos naturais.

Sobre tais aspectos, ainda pudemos acompanhar, durante as visitas para construção do inventário dos lotes, a relevância do processo de reeducação e troca de experiências em um lote das mulheres integrantes do grupo de processamento. Ao questionar como era praticada a produção em seu lote, ela diz: "não usamos nenhum produto, apenas os biofertilizantes e a calda bordalesa, que também aprendemos com IBS, além disso, só colocamos esterco" (Entrevista com A.). Verifica-se aqui a formação em práticas mais sustentáveis quando empoderada pelos assentados, gerando um círculo de práticas agroecológicas (GOMES, 2015, 2016).

Neste processo de troca de práticas, é possível acompanhar um reavivamento da memória, da patrimonialidade e experiência individual do cuidado com a produção e a criação, que, no ato da socialização deste íntimo, transforma-se em conhecimento/memória coletiva essencial à vida daqueles grupos, especialmente de mulheres, que se encontram em processo de alijamento e de exploração constante (MENESES, 2007; GOMES, 2011). Reconhecer-se no outro é parte do que faz o indivíduo se autorreconhecer e se colocar diante do mundo, tomando consistência de si e daquilo que está ao seu redor. E, na medida em que, no caso das mulheres do processamento, reconheceram suas práticas nas práticas dos outros, esse saber foi tornando-se mais evidente e mais significativo neste meio.

Tais saberes estão dentro do universo da patrimonialidade imaterial e remontam um aspecto da cultura que merece sempre novas pesquisas, justamente pelo fato de a memória ser infinitamente criativa e capaz de criar e recriar os saberes, os fazeres e as técnicas do cotidiano quando vivas na memória e na comunidade.

Pensar nestes elementos é importante para o processo de transição e vinculação de práticas agroecológicas, no sentido de que o estudo cultural dos saberes e técnicas tradicionais representa um recurso na construção de padrões produtivos, ou mesmo tecnológicos mais apropriados para as potencialidades e aproveitamento dos ecossistemas de maneira sustentável (GOMES, 2015, 2016).

O motivo de a racionalidade preservacionista e ecológica destas práticas estar escrita, na maioria das vezes, em processos simbólicos de significação e ressignificação cultural depende da relação e identificação com o outro, para que seja reavivada, valorizada e reproduzida no coletivo. E, no sentido mais simbólico, para se produzir, de fato, a cultura, ou seja, preservação patrimonial, é preciso que todas essas informações sejam vividas no processo diário e que as gerações possam recriar, a partir de sua forma, o sentido para esses atos e informações (GOMES, 2011, 2016).

Este patrimônio, que está na memória, estabelece-se sobre o trabalho e a prática cotidiana ligada à experiência do mundo vivenciado. E esse vivido é a trajetória que ora os fez "esquecer temporariamente", devido aos processos de imposição dos pacotes tecnológicos agrícolas, em decorrência da falta de momentos de troca e reafirmação do saber coletivo e, finalmente, pela pressão capitalista por paisagens produtivistas sem diversidade. Como visto, no ambiente do assentamento, na convivência com o grupo e em momentos de reafirmação, isso vai se transformando, dando a paisagens monocromáticas um sentido de lugar biodiverso, no sentido natural e cultural da palavra.

Embora as práticas tradicionais ligadas à agroecologia sejam ainda embrionárias nesta situação, percebe-se, nos dados e na articulação das mulheres e dos grupos de universidades e demais instituições ligadas ao universo da agricultura familiar, um momento favorável à reelaboração de propostas de transição agroecológica, o que, por sua vez, encontram amparo em agentes, assentadas e assentados, que se dispõem a acreditar em uma realidade melhor, que, através do resgate de práticas e do processo de mudança paradigmática na forma de se produzir no campo, encontram um caminho possível para esta transformação.

Tal fato pode vir a reforçar a concepção de que o processo de equilíbrio nas relações entre homem X mulher, na agricultura e na sociedade capitalista, que se realiza ao longo do tempo em formas mais complexas de se ver e enxergar o mundo se inicie sob o ponto de vista de conservação e manejo dos recursos naturais, na valorização dos saberes próprios do grupo ou na ponderação igualitária das relações de poder da sociedade androcêntrica; sendo este um processo social em que se podem vislumbrar índices mais equilibrados, de equidade e qualidade de vida.

6. EMPODERAENTO FEMININO E O PAPEL DA MEDIAÇÃO SOCIAL

6.1 Introdução

Realizar uma conclusão para um trabalho que ainda se encontra em andamento é um processo difícil, especialmente devido às condições em que este foi gestado. Primeiro pela mudança em curso e em temática durante o processo e, segundo, pelo envolvimento direto da pesquisadora na execução da mediação social do projeto em análise.

No entanto, tal processo leva, também, à reflexão de duas condições essencialmente positivas, já que o envolvimento direto permitiu adentrar em aspectos profundos das relações coletivas e cooperadas, que fazem sentido apenas para quem delas participa e com elas interage e pelo difícil e importante papel de refletir sobre ser agente das ações executadas no seio de um grupo.

Desta maneira, não sendo comum, mas seguindo a lógica da estrutura do trabalho, a conclusão será dividida. A primeira parte é uma reflexão sobre os aspectos ligados aos saberes e agroecologia. Posteriormente, tem-se o papel feminino da execução na mediação social.

6.2 A agroecologia nestes saberes: para se pensar outra agricultura

> A divisão entre espírito e matéria levou à concepção do universo como um sistema mecânico que consiste em objetos separados, os quais, por sua vez, foram reduzidos a seus componentes materiais fundamentais cujas propriedades e interações que determinam completamente todos os fenômenos naturais. Essa concepção cartesiana da natureza foi, além disso, estendida aos organismos vivos, considerados máquinas constituídas de peças separadas. Veremos que tal concepção mecanicista do mundo ainda está na base da maioria de nossas ciências e continua a exercer uma enorme influência em muitos aspectos de nossa vida (CAPRA, 1982, p. 30).

Pensar na relação entre saberes femininos e agroecologia nos remonta a toda discussão apresentada no decorrer do trabalho e, de certa forma, leva-nos à discussão de um novo paradigma, seja pela perspectiva da própria forma como a Agroecologia se apresenta como ciência, prática, íntima relação com o meio e respeito aos conhecimentos tradicionais; seja pela forma como colocamos as mulheres em protagonismo na execução e conservação de práticas sustentáveis e saberes que permitiram inclusive a adaptação e conservação da espécie humana (MILES, 1989; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Na perspectiva da história androcêntrica, produtivista e capitalista, o paradigma predominante dominou e tenta dominar nossa cultura, modelando a sociedade e influenciando significativamente o resto do mundo; incluindo-se uma crença absoluta no método científico

como única abordagem válida do conhecimento, do universo como um sistema mecânico composto de unidades materiais elementares, da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência; e a crença em um progresso material ilimitado, a ser alcançado através do crescimento econômico e tecnológico. Para Capra (1982), nossa cultura tem se orgulhado de ser científica e de ser concebida como Era Científica e dominada pelo pensamento racional, pelo conhecimento científico, considerado como único conhecimento aceitável. Toda outra forma de saber e conhecimento que possa existir neste ponto de vista é considerado como inapropriado, sem validade ou desnecessário.

Por outro lado, percebe-se que, na perspectiva da agroecologia, há uma tentativa de mudança profunda no pensamento, na percepção da vida e nos valores que formam nossa visão da realidade, exigindo uma nova postura[50], que, por sua vez, difere da cultura patriarcal, na qual se supõe que todos os homens são masculinos e todas as mulheres, femininas, distorcendo o sentido destes termos ao aferir aos homens os papéis de protagonistas e dar-lhes a maioria dos privilégios (CAPRA, 1982; SAFIOTTI, 2015; MILES, 1989).

Em nossa sociedade, como vimos, a própria ciência dedicou-se a retratar as mulheres tradicionalmente como passivas e receptivas, e os homens, como ativos e produtivos. “Essas imagens remontam à teoria da sexualidade de Aristóteles, e têm sido usadas ao longo dos séculos como explicação "científica" para manter as mulheres num papel subordinado, subserviente, em relação aos homens” (CAPRA, 1982, p.30).

Tudo isso revela como a exploração da natureza e das mulheres tem andado lado a lado. Tal como a grande mãe, concebida como benévola e provedora, as mulheres são tidas como passivas, à espera da estimulação para produtividade. Esta imagem foi convertida pelo patriarcado, caracterizando a natureza como selvagem e perigosa, que deve, portanto, ser dominada pelo homem, ponto de vista mecânico, propiciado pela concepção cientificista, que encontra possibilidade de manipulação e exploração em todas as coisas e pessoas (CAPRA, 1982; ZERZAN, s/d). Aqui a concepção dos ecossistemas é impedida pela natureza do próprio pensamento racional-linear, que não permite o entendimento e a interpretação de uma consciência ecológica decorrente de uma intuição de sistemas não-lineares.

No entanto, esta relação histórica entre mulher e natureza, e meio ambiente e ciclos femininos representa a fonte dos laços consanguíneos entre “feminismo e ecologia”, que são

[50] Apesar de ainda existirem, na academia, professores que acham que saber local é menos relevante que o produzido dentro das universidades, há professores que professam esta nova proposta científica baseada nos princípios ecológicos e no respeito às populações locais.

expressos na representação dos conhecimentos e cuidados inerentes à vida e ao meio ambiente, como destacado no presente trabalho.

Isso ocorre porque estes conhecimentos são compartilhados e matizados no seio familiar, na comunidade e no meio em que essas mulheres estão inseridas. Além disso, em cada casa e em cada lote, realizam-se atividades, ações, ritmos próprios e específicos, que conferem ao conhecimento sua própria particularidade.

Estes conhecimentos gerados no seio da casa e da unidade familiar são importantes, pois, ao serem socializados com outras mulheres nos espaços vividos, são validados e/ou apurados a partir da troca de experiências, o que leva a uma identidade obtida pelo pertencimento a um determinado grupo cultural ou étnico, e, em termos de patrimônio, representam a manutenção de saberes deixados por gerações antepassadas, que se conseguem manter vivos pelo processo de ressignificação contínua (GOMES, 2011; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Além disso, o conhecimento guardado por cada uma destas mulheres participantes do projeto e de todas as outras que estão em contato direto com a natureza representa a síntese da experiência individual e coletiva, historicamente acumulada e transmitida a outras gerações.

Esta experiência pessoal e particular de cada agricultora e de sua família é adquirida pela repetição do ciclo produtivo anual, pela simbiose com a natureza e enriquecida por variações de eventos imprevistos e surpresas diversas (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Esses acontecimentos e variações temporais que culminam na apuração de técnicas e formas de uso do meio resultam, de certa forma, do grau e da capacidade como estes conhecimentos foram transmitidos oralmente. Esse fato pode ser verificado nas ações de troca entre o grupo de processamento, que, no decorrer do contato da equipe e nos cursos oferecidos, teve o saber compartilhado por meio do diálogo direto entre indivíduo e seus pares, e depois reproduzido, o que representa uma simbiose entre o que foi adquirido no passado, bem como no compartilhado no presente através dos cursos.

O mais interessante deste hibridismo e apuramento de técnicas, práticas e conhecimentos é justamente a maneira como ocorre à permanência da sabedoria tradicional ao longo do tempo em dezenas, centenas e milhares de anos. Mesmo impactada por crises, turbulências e alterações, há um contínuo histórico que revela um formidável mecanismo de memorização, de representação, de formação e de manutenção de lembranças, que, no fundo, expressam certo código de memória (MENESES, 2007; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015; GOMES, 2011).

Essa capacidade de manutenção de lembranças e códigos da memória, que é, em grande parte, responsável pela conservação da natureza e da vida, tem sido possível, essencialmente, pelo papel que a mulher desenvolve na criação das novas gerações, no cuidado com a saúde e, especialmente no caso das agricultoras e populações tradicionais, na forma como aplicam suas técnicas e conhecimentos junto ao meio, utilizando sua sensibilidade ecológica nos mínimos detalhes. Mesmo com todo esse protagonismo na história, a ciência racionalista e a sociedade androcêntrica produtivista insistem em não referenciar a mulher nem colocá-la sob um patamar minimamente de igualdade ao do homem.

No processo de pesquisa foi possível verificar que apesar de todo o protagonismo das mulheres as relações de patriarcado e dominação insistem em permanecer, na figura do C. homem do grupo que a todo momento se colocava como "o chefe" do grupo, mas ao mesmo tempo mostrava-se cauteloso ao não garantir um ambiente seguro, saudável e incentivador, talvez pela própria sobrevivência de seu papel no topo. Olhando por esta ótica, poderíamos até reafirmar que mesmo nesta relação de poder nada seria dele se não houvesse aquelas mulheres que ainda sim mostram –se n papel de destaque e domínio.

Neste ponto, cabe dizer que não se trata de ter um olhar apenas sobre as mulheres e a importância dele no processo de constituição agroecológico e sustentável da vida, não é só isso, mas uma opção política e social de falar sobre as mulheres e mudar a visão histórica de monocular e androcêntrica, sem pares, sem diálogo, sem contraposições!

Não se trata de uma inversão dos papéis, nem de disputa de posições e poder: trata-se de uma construção coletiva e conjunta de uma sociedade melhor e mais humana, a qual permite a homens e mulheres viverem e poderem desfrutar essencialmente da vida e daquilo que ela pode oferecer a partir de uma consciência ecológica. Isso surgirá quando aliarmos ao nosso conhecimento racional uma intuição de natureza não-linear e diversa de nosso mundo, de nossa sociedade, do outro e do meio ambiente.

Sabedoria intuitiva esta que é característica de culturas tradicionais, agrícolas, consideradas pela sociedade capitalista como não-letradas, pelo sentido de vida destes grupos estar organizado em torno de uma consciência altamente refinada do meio ambiente (CAPRA, 1982), o que, para nossa lógica produtivista e patriarcal, não permite ser pensada pela crescente separação entre os aspectos biológicos e culturais da natureza humana.

O que podemos dizer é que há uma esperança contínua no processo de mudança e que identificamos, sob os inúmeros acontecimentos e manifestações, que vem ocorrendo, especialmente em nosso país e na realidade na qual esta pesquisa se desenvolveu.

Comparado há uma década, os movimentos em prol da agroecologia, da patrimonialidade, da saúde e de uma vida mais saudável e humana, que tem colocado a mulher como centro desta mudança, vêm sendo cada vez maiores.

Se verificarmos as políticas ligadas à saúde e a integração das ervas e conhecimentos tradicionais no SUS - Sistema Único de Saúde -, é possível observar que, nesta última década, partimos de um país quase desconhecedor de práticas tradicionais de usos de ervas medicinais, para um dos países com legislação mais avançada de usos de fitoterápicos ligados ao conhecimento tradicional, alinhando à medicina convencional estes saberes; ampliando largamente os registros de medicamento tradicional fitoterápico e os usos realizados pelas comunidades tradicionais.

Em termos de resgate e conservação patrimonial, temos, desde o início dos anos 90, um intenso investimento internacional no amparo e promoção, de forma não apenas material, mas também imaterial, do patrimônio na forma de manifestações, saberes e práticas tradicionais do conhecimento. No Brasil, a atuação do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - tem se mostrado intensa e garantido a conservação de muitas obras, edifícios, monumentos, além das manifestações imateriais, inclusive de comunidades isoladas e pobres.

Em termos de meio ambiente, verificamos uma preocupação crescente com a ecologia, expressa inclusive por meio do desenvolvimento de uma nova ciência/prática, que repensa a relação homem-meio-comunidades tradicionais, influenciando movimentos de cidadãos, universidades e novos agentes na organização em torno de questões sociais e ambientais, sem precedentes. Tudo isso aponta para um novo paradigma, no qual se consideram os limites para o crescimento e se advoga em nome de uma nova ética ecológica.

E, como era de se esperar, em todas estas ações o movimento e as questões feministas estão juntando forças para o reconhecimento de caráter comum de seus objetivos para juntos, continuarem essa poderosa força de transformação social.

6.3 Avaliando o processo de mediação e envolvimento social no projeto de processamento: uma possível conclusão?

Concluir um trabalho de doutorado, com o viés que o presente se propôs, sem avaliar o papel da pesquisa-extensão-intervenção o tornaria incompleto. Uma autoavaliação como mulher, facilitadora e atuante de um projeto social, o que requer uma profunda reflexão, que envolve o contínuo questionamento de sujeito, realidade de pesquisa, pesquisador, objeto e envolvimento/distanciamento.

Neste sentido, uma primeira questão, que se impôs a este processo de análise, decorre do envolvimento direto da pesquisa com a ação desenvolvida pela pesquisadora. O constante processo de intervenção e relação com “as sujeitas” do projeto levou a uma carga de sentimentos e sensações que apenas foi possível pela vivência. Além disso, a contradição de registrar e analisar esta trajetória pareceu uma denúncia e, ao mesmo tempo, um reconhecimento de que um processo empoderado e uma conquista de um projeto que visa à autonomia, capacidade de decisão e geração autônoma de trabalho e renda não acontece de forma linear, tampouco de maneira objetiva e racional, mas misturado por idas e vindas, autos e baixos e, acima de tudo, vontade e ânimo para que as coisas aconteçam.

Muitas vezes, o tempo para que os projetos de extensão ligados às comunidades em situação de vulnerabilidade social aconteçam não é compassado com as necessidades e demandas imediatas de um grupo. Isso pode levar a uma frustação tanto de quem executa ou facilita o andamento do processo, quanto daqueles que o vivem. Neste processo, podem ocorrer mudanças que enfraquecem ou podem dar vida ao coletivo, como visto nos altos e baixos do grupo de processamento.

A própria relação de construção de uma coletividade exige, entre outros fatores, paciência, desprendimento e generosidade, para que efetivamente o sentido de grupo prevaleça. Ser agente facilitadora no papel de mulher, mãe, acadêmica e feminista nos levou constantemente a questionar as mais diversas formas de tentativa de poder e subjugação impostos desde a geração do projeto social até sua execução, que, sem dúvidas, só foi possível pelo fato de ser gerido em um grupo de extensão e pesquisa universitária também apoiado por mulheres de luta e sensibilidade à causa feminina.

Não é fácil executar uma ação de extensão, primeiro pelos diferentes compassos de tempos entre academia e comunidade; depois, pela descrença que enfrentamos por sermos mulheres e estarmos à frente de ações que envolvem relação de poder e visão patriarcalista; e, finalmente, pelo fato dos papéis sociais impostos a uma mãe e suas demandas entre a casa e a rua, família e trabalho, entre produção acadêmica e o cuidado com os filhos.

Finalizar este trabalho é apenas um início de todo processo que ainda está por vir: o início foi dado, o grupo está formado, assim como o processo de tomada de consciência e empoderamento desencadeado. Agora a luta será efetivamente por espaços para outros patamares, que exigirão ainda mais força, já que envolverão processos produtivos de mercado e de comercialização, o que, sem dúvidas, envolverá relações de poder e um protagonismo ainda maior deste grupo de mulheres.

Portanto, preocupamo-nos, neste trabalho, sobretudo, com aspectos do resgate dos saberes patrimoniais das mulheres do projeto, para evidenciar o importante protagonismo delas na preservação ambiental e nas formas de luta por uma sociedade mais humana; além disso, procuramos também avaliar o processo de se fazer agente social e mostrar que há muito a ser aprendido e trocado com as comunidades assentadas, e, igualmente, a prática educativa e reeducativa no sentido de resgate e compartilhamento de práticas anteriores é um ponto essencial para alinhamento do processo de luta por condições mais igualitárias e saudáveis, em todos os sentidos.

REFERÊNCIAS

ABAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALTIERI, M.A. *Agroecology*: the scientific basis of alternative agriculture. Boulder: Westview Press, 1987.

_____. *Agroecologia*: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável / Miguel Altieri. – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

ANVISA. Ministério da Saúde. *Atitude de ampliação de acesso* (2006). Brasília: Ministério da Saúde.

BARBERO, J. M., *Dos Meios às Mediações comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 4ª ed., 2006.

BENHAMOU, F. *Economia do Patrimônio Cultural*. São Paulo: Edições SESC, 2016.

BRASIL. *Farmacopeia Brasileira*. Volume 1. 5a ed., Vol. 1, p. 523. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária ANVISA, 2010a.

BRASIL. *Farmacopeia Brasileira. V*olume 2. 5a ed., Vol. 1, p. 808. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária ANVISA, 2010b.

BRASIL. *Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira.* Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária ANVISA, 2011.

BRASIL. *Instrução Normativa (IN) no 2 de 13 de maio de 2014. Lista* de medicamentos fitoterápicos de registro simplificado e Lista de produtos tradicionais fitoterápicos de registro simplificado. Agência Nacional de Vigilância Sanitária -ANVISA. Brasília: Diário Oficial da União, 2014.

BRASIL. *Instrução Normativa (IN) no 4 de 18 de junho de 2014.* Guia de orientação para registro de Medicamento Fitoterápico e registro e notificação de Produto Tradicional Fitoterápico. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Brasília: Diário Oficial da União, 2014.

BRASIL. *Instrução Normativa (IN) no 5 de 11 de dezembro de 2008*. Lista de Medicamentos Fitoterápicos de Registro Simplificado. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Brasília: Diário Oficial da União, 2008.

BRASIL. *Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos*. Brasília, 2006.

BRASIL. *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS*. Brasília

BRASIL. *Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) no 10 de 09 de março de 2010.* Notificação de drogas vegetais. Agência Nacional de Vigilância Sanitária -ANVISA. Brasília: Diário Oficial da União, 2010.

BRASIL. *Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) no 13 de 14 de março de 2013*. Boas Práticas de Fabricação de Produtos Tradicionais Fitoterápicos. Agência Nacional de Vigilância Sanitária -ANVISA. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BRASIL. *Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) no 26 de 13 de maio de 2014*. Registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos. Agência Nacional de Vigilância Sanitária -ANVISA. Brasília: Diário Oficial da União, 2014.

CANCLINI, N. G., As *culturas populares no capitalismo*. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

CAPRA, F. *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado.* Tradução de Ruth M. Klaus: 3ª ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

FERRANTE, V. L. S. B. e WHITAKER, D. C. A. (org.). *Retrato de Assentamentos.* Cadernos de Pesquisa, número 11. NUPEDOR. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. FCL-Unesp/Araraquara.

_____. *Da Invisibilidade ao Protagonismo*: relações de gênero nos assentamentos, nos projetos de desenvolvimento sustentável e nos territórios da cidadania. Relatório Técnico-Científico do projeto, 2007.

_____. *O assentamento Bela Vista em outros tempos, usina Tamoio*: vida e trabalho. In anais — Simpósio: Impasses e dilemas da política de assentamentos, dias 28, 29, 30 de setembro, 2005.

_____. *Os assentamentos rurais sob a perspectiva de gênero*: divisão sexual do trabalho e políticas públicas em análise. Projeto CNPQ, 2010.

_____.*Pesquisa e Extensão em Modalidades Diferenciadas de Assentamentos: contrapontos e complementaridades em duas regiões do Estado de São Paulo*. Projeto CNPq, 2013.

_____ et al. *Mulheres assentadas na região central do estado de São Paulo:* apresentando dados de pesquisas. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2012, João Pessoa. In: Anais..., 2012.

_____. Et al. Homens e mulheres nos assentamentos: violência, recusa e resistência na construção de um novo modo de vida. *Perspectivas:* Revista de Ciências Sociais, 2009.

_____.*Da invisibilidade ao protagonismo: relações de gênero nos assentamentos, nos projetos de desenvolvimento sustentável e nos territórios da cidadania*. Relatório técnico-científico, CNPq, 2014.

FREY, B. S. The evoluation of cultural heritage: some critical essus, in economic perspectives or cultural heritage. In: *Hutter, Man Rzzo*, I (eds). New York, St Martin's Press, 1997.

FOUCAULT, M. O que é um autor?. In: _____. *Ditos & Escritos* III. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa.* Petrópolis: Vozes, 1997.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. *Métodos e técnicas de pesquisa social.* São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, T. P. de S. *Sociabilidade x Conflito*: projetos de assentamentos na região de Araraquara. In: Anais da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia-GO, CD-ROM, junho, 2006.

_____ *Do cotidiano ao futuro dos assentamentos: a*lternativas, reivindicação e permanência. In: Anais do Simpósio Nacional Reforma Agrária: Balanço Crítico e Perspectivas, Uberlândia – MG, maio, 2006.

_____. *Redes de Associação e Sociabilidade nos assentamentos rurais de Araraquara- SP a partir da atualização de perfil*. In: Anais do Simpósio Reforma Agrária e Assentamentos Rurais — CD-ROM, Araraquara, junho, 2010.

_____. *Saberes, Memórias e Tradição*: Estudo em Assentamentos de Reforma Agrária de Araraquara-SP. In: XXVII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia, 2011, Recife. Anais do XXVII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia, 2011.

_____. et al. GOMES, T. P. S.; FERRANTE, V. L. S. B. . Políticas públicas entre eficácias, equívocos e omissões: um retrato em duas regiões do Estado. *Retratos de Assentamentos*, v. 15, p. 157-186, 2012.

_____. O *multiculturalismo, movimentos sociais e educação do campo*. In: VII Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais, 2015, Campinas. Anais VII Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais, 2015.

_____. Do veneno às borboletas do campo: estudo de saberes agroecológicos em assentamentos de reforma agrária. *Retratos de Assentamentos Rurais*, v. 1, p. 1, 2016.

_____. *Educação – Finalidades e objetivos.* Educação não formal– Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

IPHAN. Legislação da patrimonialidade material e imaterial. http://portal.iphan.gov.br. Acessado: 10/09/11.

JOAN, G.; MARGARET, W. C., eds., Engendering Archaeology (Blackwell: Cambridge MA, 1991); C.F.M. Bird, "Woman the Toolmaker," in *Women in Archaeology* (Research School of Pacific and Asian Studies: Canberra, 1993

KUHN, T. S., *A estrutura das revoluções científica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica.* São Paulo: Atlas, 1993.

_____; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1991.

LEFF, E. *Ecologia, Capital e Cultura:* a territorialização da racionalidade ambiental. Petrópolis. Vozes, 2009.

LONDRES, C. (org.) *Patrimônio Imaterial.* Revista Tempo Brasileiro. Org. LONDRES, Cecília. Out-Dez, n °147. pp. 69-78. Rio de Janeiro, 2001.

LOURO, G. L.. Gênero, sexualidade e educação. . *Uma perspectiva pós-estruturalista /.* Petrópolis. Vozes, 1997.

MAFESSOLI, M. *La Connaissance ordinaire, Precis de sociologia comprehensive*. Paris: Libraire de Méridiens, 1985.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1894.

MARTINS. H. H. T. de S. (2004, maio/agosto). Metodologia Qualitativa de Pesquisa. *Revista Educação e Pesquisa*, v. 3, n. 2, p. 289-300. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>. Acesso em07/07/2013.

MARTINS, V.S. *Lugar de Morada: a constituição do viver de famílias rurais no contexto de assentamento da Reforma Agrária.* Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MATOS, M. I. S. de. *Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea.* Cadernos Pagu, n.11, p.67-75, 1998.

MENESES, U. B. de. Os paradoxos da Memória. In: MIRANDA, D.S de (org.). *Memória e Cultura: a Importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

MILES, R., *The Women's History of the World*. London: Michael Joseph: London, 1989.

MORIN, E.; CIURANA E.-R.; MOTTA, R. D. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana.* Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela e revisão técnica da tradução Edgard de Assis Carvalho. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNESCO. 2007.

PACHECO, L. *Pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida.* Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

PELEGRINI, S.C.A. e FUNARI, P.P. *O que é Patrimônio Cultural Imaterial?* São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

IPEA. Relatório ipea gênero no meo rural 1979-2000.

SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Expressão popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, J. W. Gênero uma categoria útil de análise histórica, *Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005.

STEARNS, P. N. *História das Relações de Gênero*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

TEIXEIRA, M. C. S. *Antropologia, cotidiano e educação*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988.

TOLEDO, V. M. e BASSOLS, N.B. *A memória biocultural*: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

TUAN, Y. F. *Topofilia*: Um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

UNESCO: http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/. Acessado: 25/09/2010.

WHITAKER, D.C.A. *Sociologia Rural:* questões Metodológicas emergentes. Presidente Venceslau. São Paulo: Letras à Margem, 2002.

_____ Ideologia x cultura: como harmonizar dois conceitos tão antagônicos? In: SOUZA, E.M.de M. (org.). *Teoria e prática nas Ciências Sociais*. Araraquara: UNESP-FCL, Laboratório Editorial. São Paulo: Cultura Acadêmica editora, 2003.

_____ Vencendo preconceitos contra o rural. *Retratos de Assentamentos*, v. 12, pp. 80-97, 2009.

_____FERRANTE, V. L. B.; BARONI, L.A., 18 anos de Assentamentos Rurais: Diferentes Dimensões dessa difícil Maioridade. *Retratos de Assentamentos*, Araraquara-SP, pp. 11-60, 2004.

_____ (Org.). *Educação, Juventude e Políticas Públicas*: Reflexões Sobre Inclusão e Preconceito. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2008.

ZERZON, J. Patriarcado, Civilização e as Origens do Gênero. *Gênero e Direito*, v.1, n.2.p. S/D.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro das políticas Educacionais

Quadro Anexo A- Conquistas dos movimentos sociais na educação

Avanços/conquistas	**Qualificação**	**Desdobramentos**
Lei nº 10.639/03	Ensino da história e cultura afro-brasileira modifica a Lei nº 9.394/06 e estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".	A obrigatoriedade da inclusão da história e cultura afro-brasileira permitiu o surgimento de inúmeros novos projetos de valorização e conhecimento dos grupos alijados pela questão étnica. E levou à aprovação da lei n°11.645/08. Também levou ao fato de que o calendário escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem, com isso, reduzir o número de horas letivas previsto nesta Lei.
Parecer n° 1/2006 que reconhece os Dias Letivos da Alternância, também homologado pela CEB;	Permitiu o reconhecimento dos cursos com base na Alternância (CEEFA) para a certificação de seus alunos.	Foi possível o desenvolvimento de inúmeros cursos também ligados à graduação e à pós-graduação para alunos do campo.
Lei nº 11.645/ 08	Estabelece a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e	Permitiu a inclusão, no ensino público e particular, de temas anteriormente submetidos ao saber dominante e que passam a ser vistos sob a ótica dos grupos indígenas,

	indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio públicos e privados em todo o país.	e o desenvolvimento de inúmeros projetos ligados a essa temática em todo Brasil.
Diretrizes Operacionais para Educação Básica das Escolas do Campo: Resolução CNE/CEB n° 1/2002.	Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.	Permitiu o desenvolvimento efetivo do projeto de Educação do campo como política nacional.
Resolução CNE/CEB n° 2/2008.	Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo.	Os professores com formação em Curso Normal Superior e em Pedagogia, dada sua formação, devem atuar de forma multidisciplinar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o que não atinge o 3º ano do 2º Ciclo; Os licenciados em Artes Plásticas, Artes Cênicas, Educação Musical, Língua Estrangeira e Educação Física, por força da forma inter-relacionada com que esses conteúdos se apresentam, podem atuar em quaisquer dos ciclos de aprendizagem do Ensino Fundamental, com o cuidado de desenvolvê-los de forma não fragmentada e integrados à forma multidisciplinar, no caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental; Enquanto não houver uma radical mudança na forma específica e disciplinar da maior parte dos cursos de licenciatura e tendo em

		vista a impossibilidade de o docente atuar “no ensino da sua especialidade”, posto que inexistente na atuação multidisciplinar, os docentes oriundos das licenciaturas específicas devem atuar nos campos específicos curriculares, desta forma organizados nas séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.
Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Especialmente o artigo 14	Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica; altera as Leis nos 10.880, de 9 de junho de 2004; 11.273, de 6 de fevereiro de 2006; 11.507, de 20 de julho de 2007; revoga dispositivos da Medida Provisória no 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, e a Lei no 8.913, de 12 de julho de 1994; e dá outras providências.	O artigo 14., ao propor que o total dos recursos financeiros repassados pelo FNDE, no âmbito do PNAE, no mínimo 30% na aquisição de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas, permite a reafirmação, inclusive no projeto educacional brasileiro, da importância do rural e destas populações para segurança alimentar nacional.
Decreto n° 7.352, de 4 de novembro de 2010.	Dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera). Destaque-se, também, o	A política de Estado, para superação de limites existentes na execução de programas de governo, sem nenhuma garantia de permanência e continuidade.

	reconhecimento das especificidades sociais, culturais, ambientais, políticas e econômicas, do modo de produzir a vida no campo.	
PRONACAMPO- Programa Nacional de Educação do Campo/ março de 2012	Apoiar técnica e financeiramente os Estados, Distrito Federal e Municípios para a implementação da política de educação do campo, visando à ampliação do acesso e à qualificação da oferta da educação básica e superior, por meio de ações para a melhoria da infraestrutura das redes públicas de ensino, a formação inicial e continuada de professores, a produção e a disponibilização de material específico aos estudantes do campo e quilombola, em todas as etapas e modalidades de ensino.	• Expansão da oferta de cursos voltados ao desenvolvimento do campo na Rede Federal e Redes Estaduais de Formadores. • Expansão de cursos de qualificação profissional específicos para o campo, por meio do e-Tec. • Bolsa-formação Pronatec para estudantes e trabalhadores rurais. • Educação de Jovens e Adultos na proposta pedagógica do Programa Saberes da Terra. EJA Saberes da Terra.
Lei nº 12.695/2012.	Dispõe sobre o apoio técnico ou financeiro da União no âmbito do	Inclusão das Escolas dos Centros Familiares de Formação por Alternância – CEFFAS no

	Plano de Ações Articuladas; altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, altera a Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007, para contemplar, com recursos do FUNDEB, as instituições comunitárias que atuam na educação do campo;	FUNDEB, a partir de convênios com as redes públicas de ensino, amparados nesta lei.
Portaria no. 86, de 1º de fevereiro de 2013.	Institui o Programa Nacional de Educação do Campo – PRONACAMPO - e define suas diretrizes gerais.	O PRONACAMPO se institucionaliza como programa nacional permitindo o avanço que consiste em um conjunto articulado de ações de apoio aos sistemas de ensino para a implementação da política de educação do campo, conforme disposto no Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010.
PNLD CAMPO 2013- estudantes do Ensino Fundamental I de escolas públicas de área rural, seriadas e multiseriadas, receberão livros didáticos específicos.	Livros didáticos específicos para os anos iniciais do ensino fundamental.	Permitiu a produção de livros destinados especificamente à educação do campo.

Edital PNLD Campo 2016.	Livros didáticos específicos para os anos iniciais do ensino fundamental.	Garantia e permanência de livros para o projeto da educação do campo.

Fonte: Elaborada pela autora.

APÊNDICE B – Inventário do uso tradicional das ervas medicinais

Utilizações das ervas medicinais segundo a prática tradicional

Levantamento do patrimônio Imaterial de mulheres assentadas do Monte Alegre- Araraquara/SP

Introdução

Este inventário dos usos tradicionais das ervas medicinais de mulheres do assentamento Monte Alegre tem por objetivo evidenciar o protagonismo feminino no tratamento e no conhecimento das espécies naturais com finalidades para saúde, produção e conservação da natureza.

A capacidade de observação, entendimento e aplicação dos princípios naturais, evidenciam essa relação quase sensitiva da natureza e dos ciclos naturais com as mulheres que estão no campo em ligação direta com o meio ambiente. Nesse empolado, há diferentes formas de equilíbrio biológico que permitem estas espécies se manterem e resistirem ao longo dos anos. O que demonstra, o papel apenas possível, pelo importante olhar da mulher e de sua função na projeção da permanência da própria espécie humana.

O registro foi realizado em três etapas, o primeiro, ligado as diferentes formas de conservação da natureza e das espécies, o segundo grupo são as utilizações de plantas medicinais que estão ligadas à criação e, a terceira refere-se as utilizações para tratamento da saúde humana. Que serão apresentadas a seguir.

Usos ligados à produção

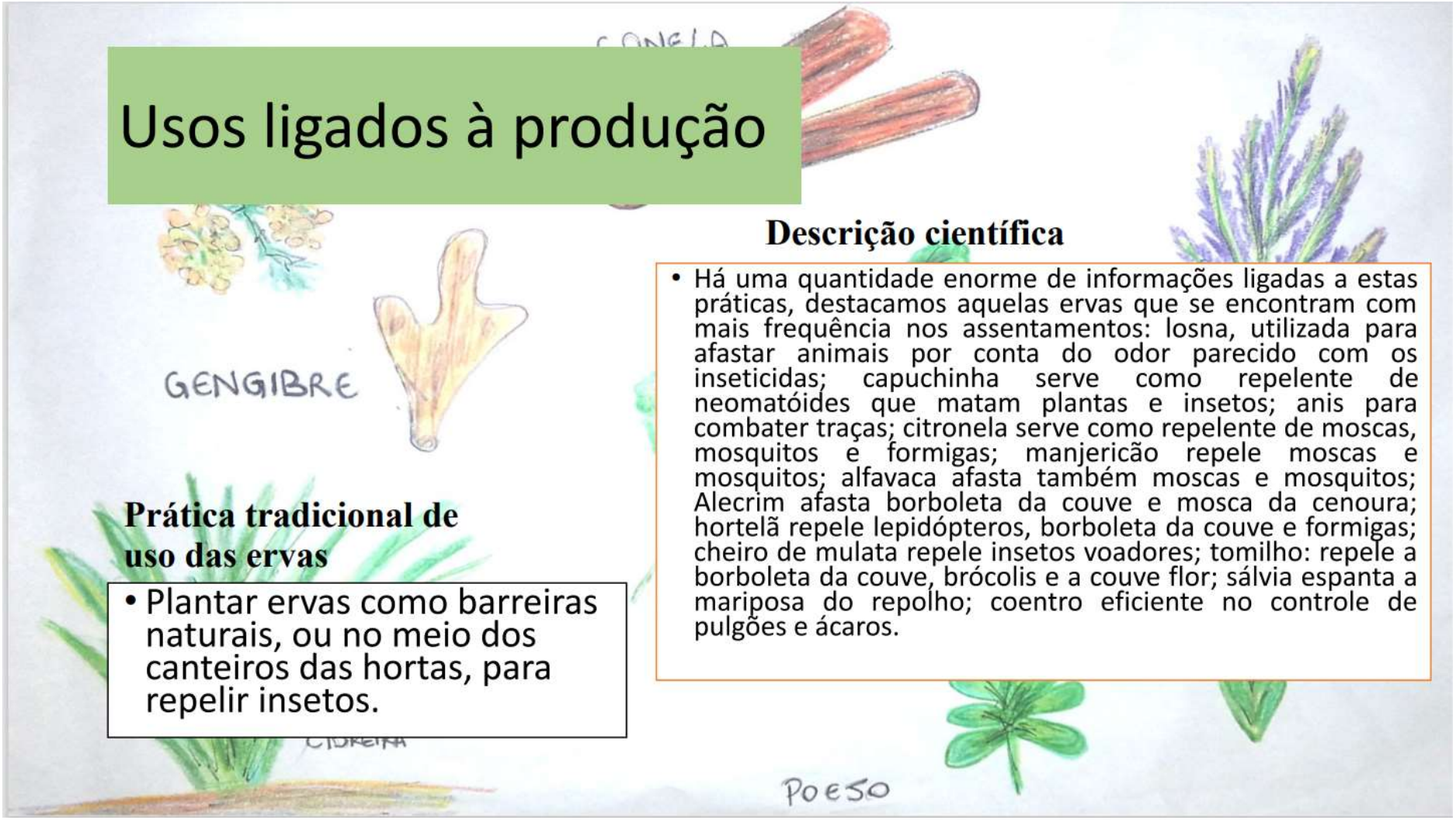
Descrição científica

- Sugere-se calda de alho, pimenta e sabão como repelente de várias pragas.

Prática tradicional de uso das ervas

- Plantar pimentas e alho ao longo dos canteiros da horta, segundo os assentados, favorece o sumiço de alguns insetos e pragas do canteiro.

Usos ligados à produção



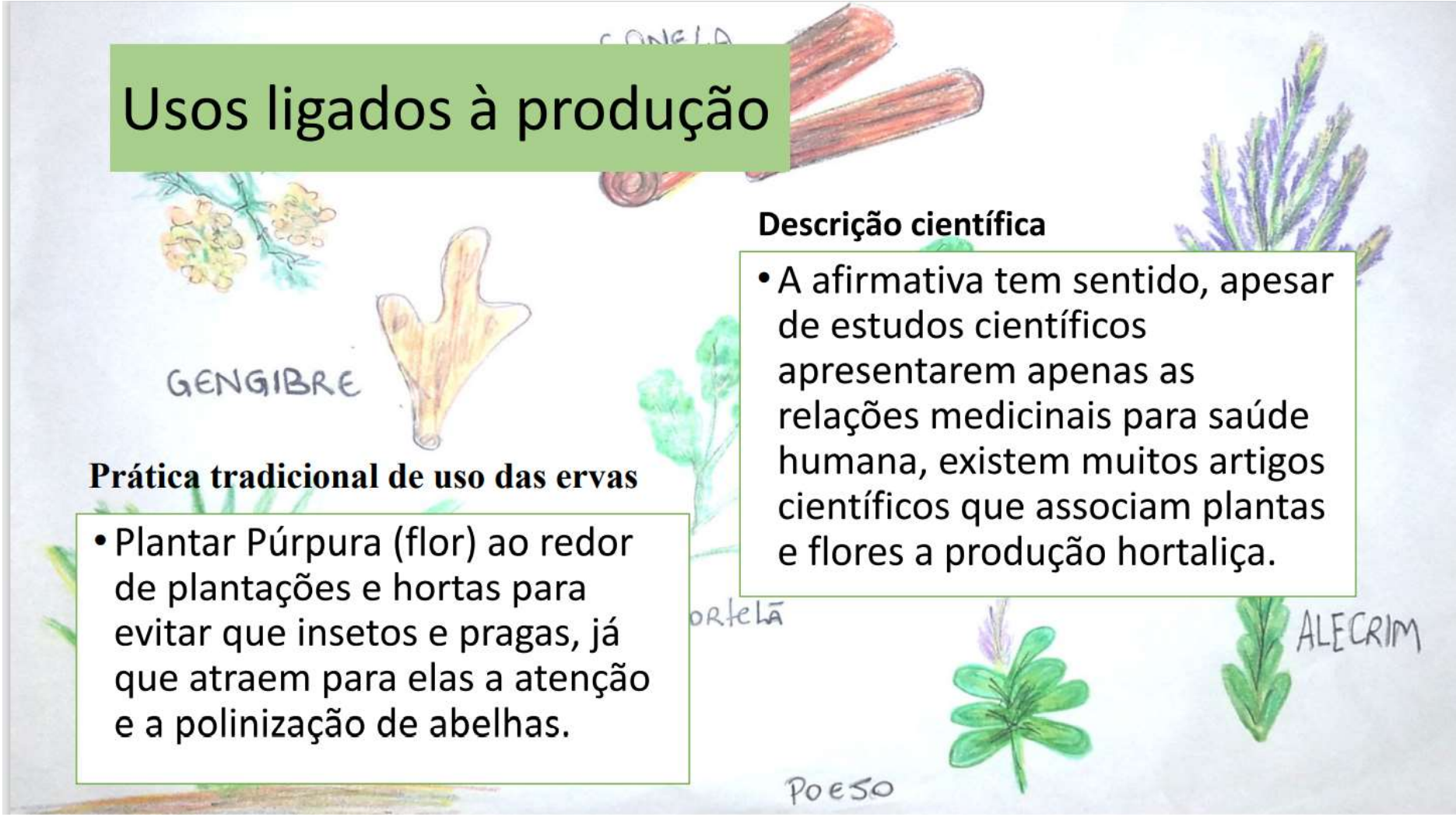
Prática tradicional de uso das ervas

- Plantar ervas como barreiras naturais, ou no meio dos canteiros das hortas, para repelir insetos.

Descrição científica

- Há uma quantidade enorme de informações ligadas a estas práticas, destacamos aquelas ervas que se encontram com mais frequência nos assentamentos: losna, utilizada para afastar animais por conta do odor parecido com os inseticidas; capuchinha serve como repelente de neomatóides que matam plantas e insetos; anis para combater traças; citronela serve como repelente de moscas, mosquitos e formigas; manjericão repele moscas e mosquitos; alfavaca afasta também moscas e mosquitos; Alecrim afasta borboleta da couve e mosca da cenoura; hortelã repele lepidópteros, borboleta da couve e formigas; cheiro de mulata repele insetos voadores; tomilho: repele a borboleta da couve, brócolis e a couve flor; sálvia espanta a mariposa do repolho; coentro eficiente no controle de pulgões e ácaros.

Usos ligados à produção



Descrição científica

- A afirmativa tem sentido, apesar de estudos científicos apresentarem apenas as relações medicinais para saúde humana, existem muitos artigos científicos que associam plantas e flores a produção hortaliça.

Prática tradicional de uso das ervas

- Plantar Púrpura (flor) ao redor de plantações e hortas para evitar que insetos e pragas, já que atraem para elas a atenção e a polinização de abelhas.

Usos das ervas destinadas à criação

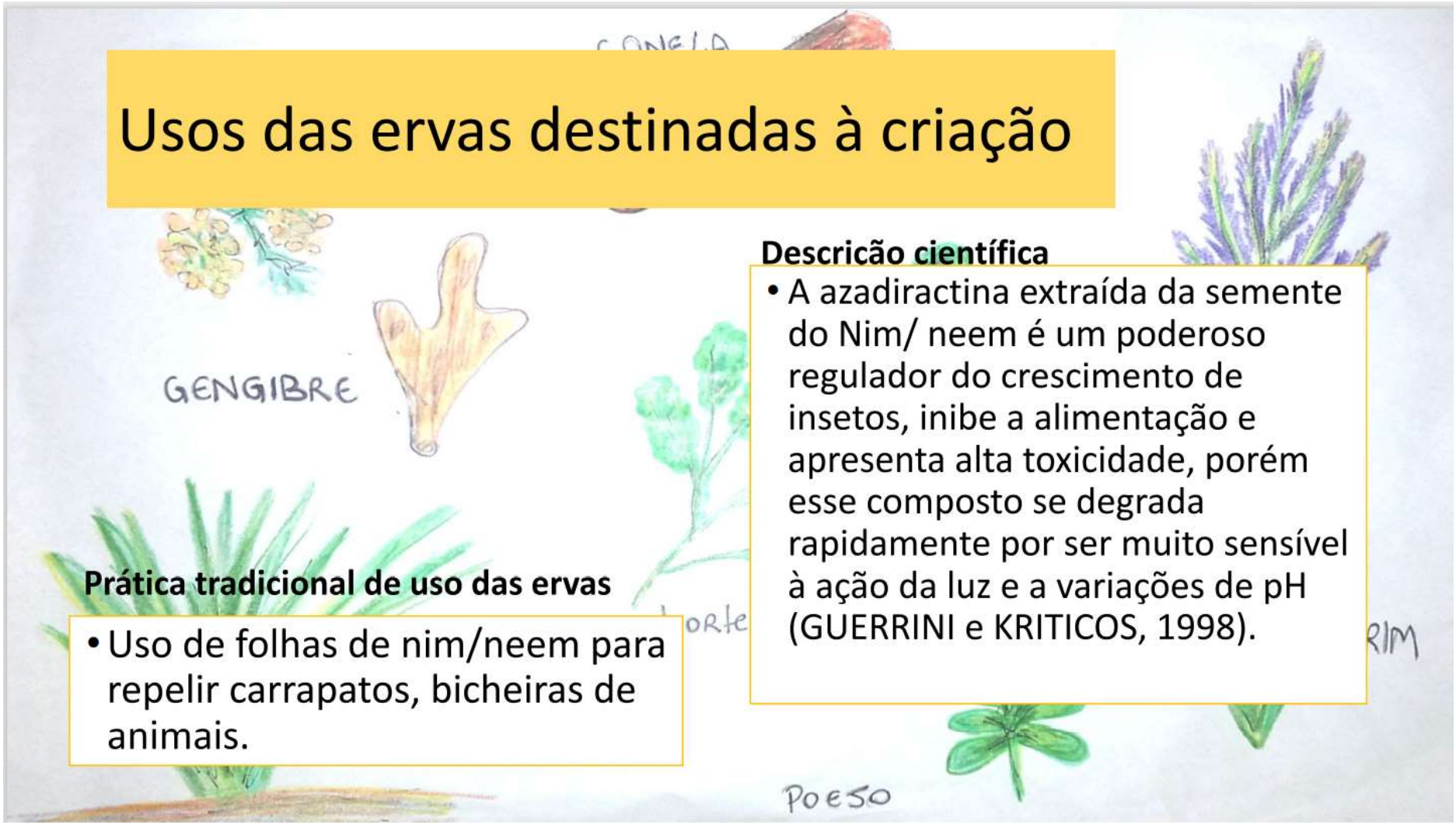
Prática tradicional de uso das ervas

- A receita dada por uma assentada diz servir para curar rapidamente cortes expostos e salvar animais. A receita dada é a seguinte:
- Folha de mastruz (Chenopodium Ambrosioides)
- Folhas de Erva de Santa Maria (Dysphania ambrosioides)
- Folhas de Bálsamo (Sedum dendroideu)
- Amassar todas as folhas juntas para fazer um emplasto com o caldo. Colocar sobre a ferida ou bicheira e tampar com um pano.

Descrição científica

- A erva-de-santa-maria é conhecida pela ação anti-inflamatória e cicatrizante, as folhas tem propriedades de ativar a circulação, aceleram a regeneração muscular, agilizam o processo de desaparecimento de manchas roxas provenientes de pancadas e ainda serve como antisséptico . O mastruz tem uma longa e ampla utilização como remédio para parasitas intestinais, sua eficácia é tão grande que foi reconhecida através da inclusão da planta na Farmacopéia dos Estados Unidos, de 1820 a 1947 . O bálsamo é utilizado para machucados, feridas, infecções, frieiras, queimaduras, úlceras, inflamações entre outras utilizações.

Usos das ervas destinadas à criação



Descrição científica

- A azadiractina extraída da semente do Nim/ neem é um poderoso regulador do crescimento de insetos, inibe a alimentação e apresenta alta toxicidade, porém esse composto se degrada rapidamente por ser muito sensível à ação da luz e a variações de pH (GUERRINI e KRITICOS, 1998).

Prática tradicional de uso das ervas

- Uso de folhas de nim/neem para repelir carrapatos, bicheiras de animais.

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas	Descrição científica
• Chá da folha da canela (Cinnamomum zeylanicum): • Usa-se para bronquite. Modo de preparo: secar as folhas na sombra e depois colocar a água para ferver e despejar sobre as folhas.	• Essa especiaria melhora a regulação hormonal, ajuda na digestão, faz bem à circulação sanguínea, melhora a memória, ajuda a emagrecer . Vale acrescentar, que geralmente é difundido o uso do pau ou da canela em pó, mas as folhas também têm as mesmas propriedades.

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Erva de Santa Maria -matruz ou erva formigueira (Chenopodium ambrosioides/Dysphania ambrosioides:
- Pratica-se o uso das folhas amassadas para colocar em cima de machucados, pancadas. Para vermes deve ser feito um chá não concentrado das folhas.

Descrição científica

- O consumo é indicado nos tratamentos contra hemorróidas, tuberculose, vermes, angina, asma e úlceras de estômago.
- Além disso, por conter substâncias laxativas é recomendado para prisão de ventre e gases, melhora a circulação e evita contusões e câimbras, acelera o processo de cicatrização e alivia micoses. Usado externamente, o chá ameniza a dor provocada por picada de insetos e combate parasitas como piolho e pulga .

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Chá de Alecrim (Rosmarinus Officinalis):
- Pratica-se o uso do chá de alecrim para beneficiar o coração. Ferver a água e colocar as folhas de alecrim.

Descrição científica

- O alecrim atua como anti-inflamatório, relaxante muscular, fortificante, cicatrizante, antisséptico e bactericida. A erva possui grande quantidade de substâncias antioxidantes, capazes de retardar o envelhecimento das células, e eliminar toxinas de nosso organismo .

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas	Descrição científica
• Chá de picão branco (Galinsoga parviflora) • Conhecido como chá para banho em crianças com icterícia. Colocar para ferver a água e acrescentar as folhas de picão branco. Banhar a criança durante o banho.	• Usado chá para combater icterícia e hepatite, tanto para uso interno como para banhos, útil nos distúrbios menstruais; bactericida, antiviral, anti-fermentativo; diabetes; diurético; anti-oxidante; hipoglicemiante; seca as secreções; hepatoprotetor; leucemias; anti-inflamatório, anti-espasmódico; inibe a atividade tumoral; vermífugo; anti-ulceroso, controla a acidez estomacal e estimula a digestão e nos engurgitamentos das glândulas mamarias

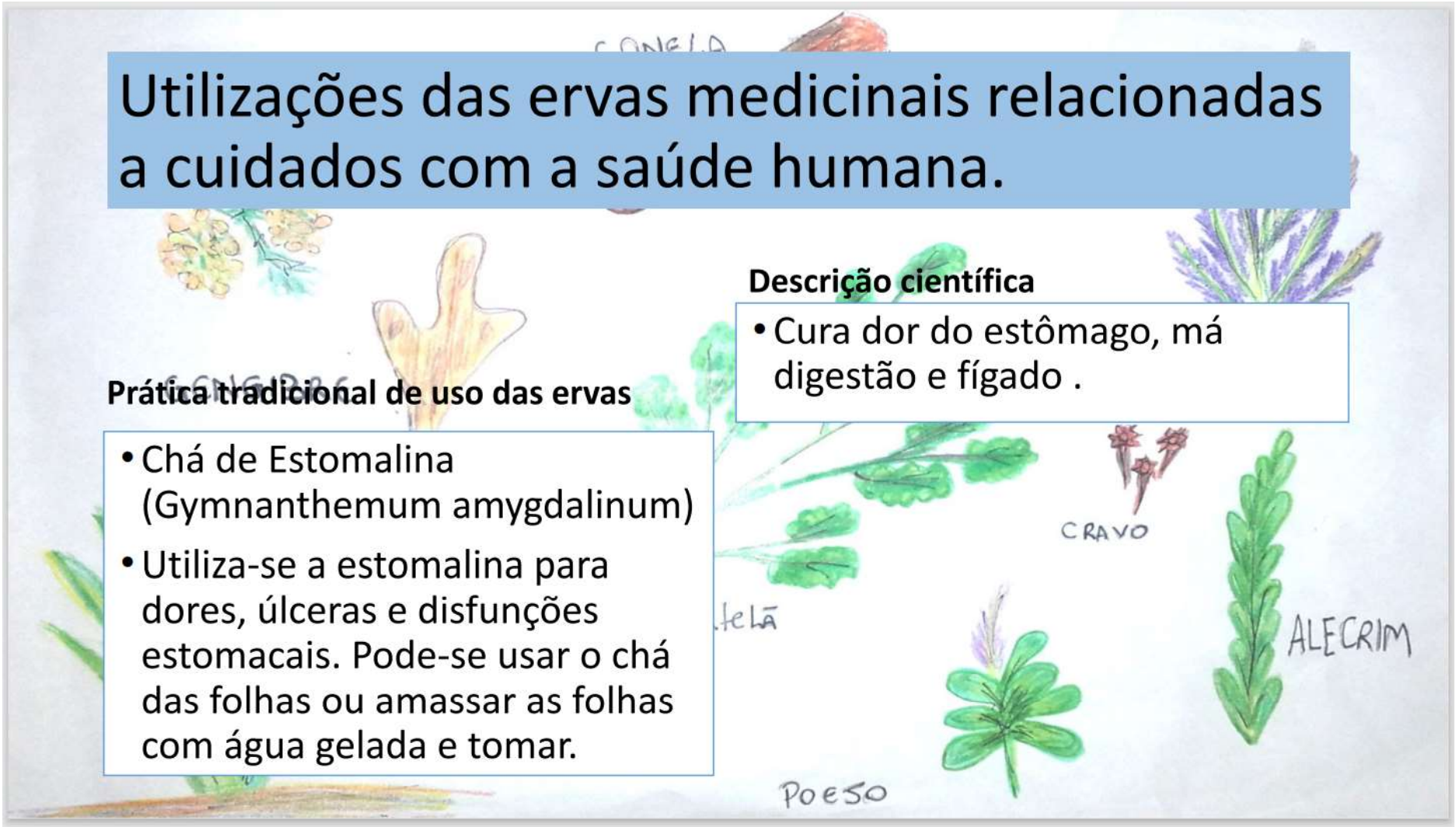
Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Descrição científica

- Cura dor do estômago, má digestão e fígado .

Prática tradicional de uso das ervas

- Chá de Estomalina (Gymnanthemum amygdalinum)
- Utiliza-se a estomalina para dores, úlceras e disfunções estomacais. Pode-se usar o chá das folhas ou amassar as folhas com água gelada e tomar.



Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Chá de levanti (Origanum Manjorona):
- É utilizado como calmante. A prática de uso é o chá de água fervente com brotos da planta. Colocar os brotos na água colocar um pano em cima depois de fervido, esperar 10 minutos e tomar.

Descrição científica

- Usado como Calmante, vermífugo, antiespasmódico e anti-helmítico. Também é usada como aromatizante da cerveja .

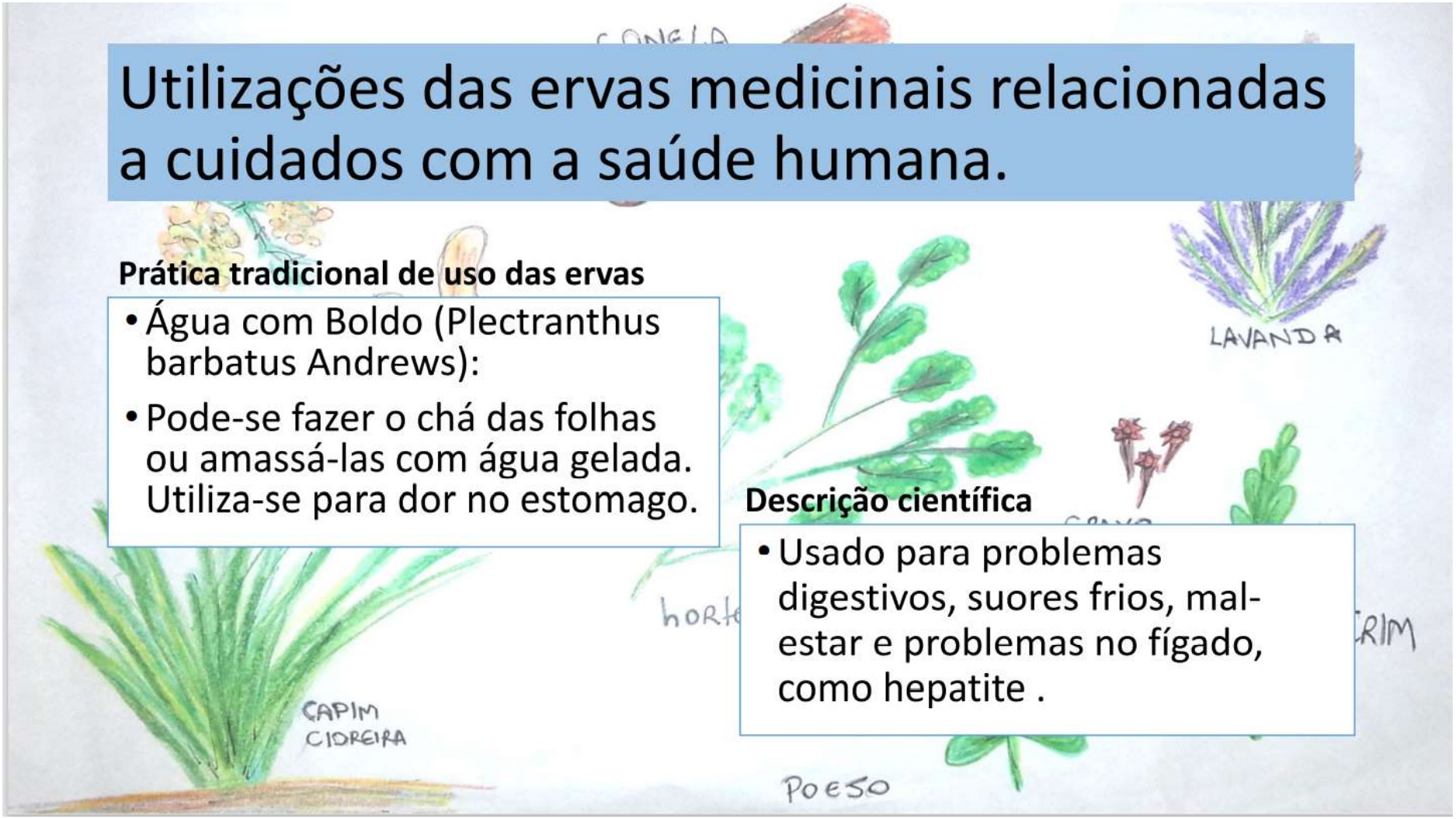
Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Suco de Noni (Morinda citrifolia):
- Usado pelos assentados para aliviar a dor nas juntas, diabetes, colesterol, além de prevenção de câncer. Para dor ferver-se as folhas e banha-se o local. Para as outras doenças bate-se a fruta do noni com suco de uva, depois côa-se e está pronto para consumo.

Descrição científica

- Indicado para artrite, diabetes, dor nos olhos, hipertensão, infecções internas, malária, problemas da pele; afecções do coração; cefaleias; afecções digestivas e hepáticas; vermífugo. Essas características se atribuem às espécies importadas; o perfil fitoquímico das plantas cultivadas no Brasil ainda não foi totalmente testado e comprovado .



Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Água com Boldo (Plectranthus barbatus Andrews):
- Pode-se fazer o chá das folhas ou amassá-las com água gelada. Utiliza-se para dor no estomago.

Descrição científica

- Usado para problemas digestivos, suores frios, mal-estar e problemas no fígado, como hepatite .

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Semente da Jaca (Artocarpus integrifólia):
- A semente da jaca é utilizada como afrodisíaco. A semente pode ser consumida torrada inteira ou em pó, inclusive como alimento.

Descrição científica

- Além de ser considerado um ótimo aperitivo suas propriedades medicinais são antiasmática, antidiarréica, antitussica, cicatrizante e diurética .

Microsoft Store

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Xarope de ervas
- O xarope é realizado para combate a gripe e males respiratórios.
- Modo de preparo:[
- Colocar em uma panela:
- 2 ramos de alecrim (Rosmarinos officinalis, L.)
- 2 ramos de poejo (Mentha Pulegium)
- 2 galhos de hortelã (Mentha piperita)
- 1 galho de básamo (Sedum dendroideum Moc.&Sessé ex DC.)
- 1 limão cortado em cruz (Citrus aurantifolia)
- ½ xicara de chá de açúcar
- 1 copo de água
- Colocar o açúcar para dourar acrescentar a água, as ervas e deixar ferver até ponto de xarope.

Descrição científica

- Sem correspondência em estudos científicos para esta composição de ervas. Nas referências da ANVISA.

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Chá de cravo (Dianthus caryophyllus):
- O uso recorrente levantado pelas assentadas é de usar as folhas ou os cravos para fazer o chá contra gripe. Colher as folhas e os cravos, colocar na água fervente, esperar 10 minutos para tomar.

Descrição científica

- O cravo serve como Afrodisíaco, antisséptico, bactericida e digestivo repelente de insetos, sudorífico, tônico estomáquico e tônico estimulante. Ele é indicado especialmente para Dor de dente, gases, higiene bucal, micose da unha, vermes e vias respiratórias .

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Xarope de ervas
- Para combater gripe.
- Modo de preparo
- A receita deve ser feita da seguinte forma:
- 3 folhas de canela (Cinnamomum zeylanicum)
- 3 folhas de cravo (Dianthus caryophyllus)
- 1 casca de cebola branca (Allium cepa)
- 4 folhas de guaco (Mikania glomerata Spreng)
- 1 xícara de açúcar dourado
- 2 ramos de poejo (Mentha Pulegium)
- 2 ramos de hortelã (Mentha piperita)
- 3 brotos de melissa (Melissa officinalis)
- Modo de preparo: Misturas todos os ingredientes com o açúcar dourado colocar água e deixar ferver bem.

Descrição científica

- Não há estudos científicos diretamente ligados com esta composição de ervas, mas vale acrescentar que todas elas têm propriedades ligadas ao combate a gripe e baixa resistência. O que demonstra o conhecimento apurado de cada uma delas pelas mulheres que utilizam o xarope.

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Xarope de cebola branca
- Utilizado para combater gripe e tosse.
- Modo de preparo:
- Meio limão cortado em quatro partes (Citrus aurantifolia)
- 2 dentes de alho (Alium sativum L.)
- 4 folhas de cebola branca (Alium cepa L.)
- Açúcar a gosto
- Dourar o açúcar e colocar as folhas com a água, deixar ferver bem.

Descrição científica

- Não há estudos científicos para esta composição de ervas, mas o limão é indicado nos estudos científicos para gargarejos para todos os tratamento de todos os tipos de afecções do trato nasofaríngeo, bem como para laringites e gengivites. Inalado, puro ou diluído, é um bom desinfetante nas renites e sinusites . O alho é indicado para atuar como expectorante, anti-séptico, anti-inflamatório . Por fim a cebola branca, é indicada para alívio no tratamento de tosses e resfriados, asma e bronquite.
- Mais uma vez, o que demonstra que as indicações científicas e fitoterápicas de plantas refletem os usos e práticas das mulheres que entre um elemento e outro desenvolvem uma composição de elementos eficazes contra doenças.

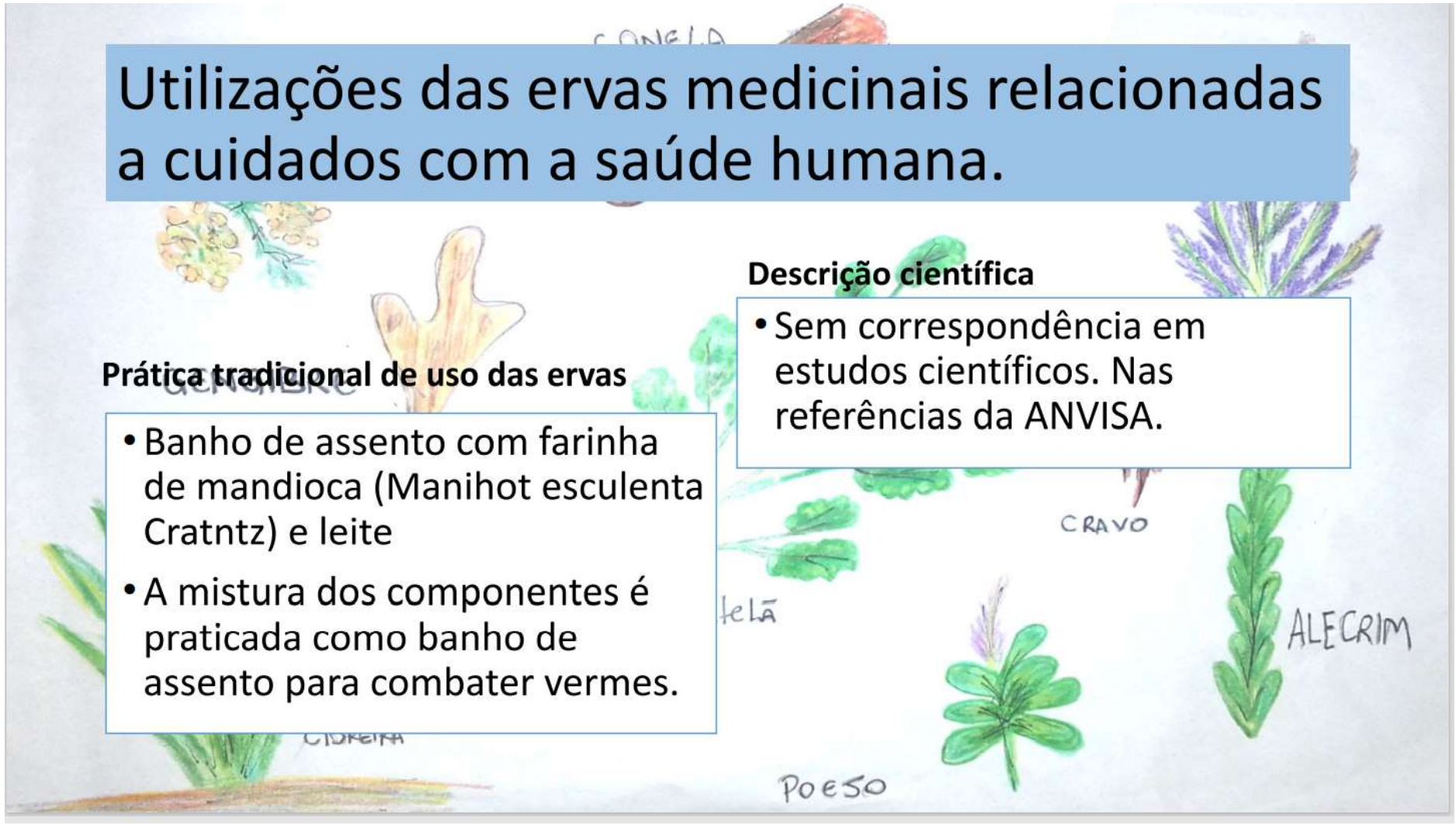
Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Xarope de Jatobá (Hymenaea courbaril L.)
- Utilizado para combater tosse.
- Modo de preparo
- Colocar algumas cascas de jatobá- Hymenaea courbaril L. e ferver com meio litro de água, acrescentando açúcar para dar ponto de xarope.

Descrição científica

- Segundo Ávila (2008) em Índice Terapêutico Fitoterápico, o Jatobá- Hymenaea courbaril L. é indicado e utilizado como fungicida e bactericida, nas condidíeses, descongestionante em bronquites, asma coqueluche, tosses, laringite, fraquezas pulmonares, entre outras utilizações.
- Mais uma vez verifica-se uma indicação adequada do uso no conhecimento popular.


Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.
Prática tradicional de uso das ervas
• Banho de assento com farinha de mandioca (Manihot esculenta Cratntz) e leite
• A mistura dos componentes é praticada como banho de assento para combater vermes.
Descrição científica
• Sem correspondência em estudos científicos. Nas referências da ANVISA.
CRAVO
ALECRIM
POEJO

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Compressa de Flor de Flamboiã (Delonix regia Hook.) e Maravilha (Mirabilis jalapa L.)
- Utiliza-se a composição das flores para fazer compressa nos olhos para combate da conjuntivite.

Descrição científica

- Não há correspondência científica para composição das duas plantas, mas segundo Ávila (2008) em Índice Terapêutico Fitoterápico a maravilha é indicada como antimicrobiana e antiviral, bactericida e fungicida. O que se relaciona de certa maneira ao combate da conjuntivite.

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Cocada para abrir o apetite
- Doce feito com ervas e leite de coco é usado como ativador do apetite, especialmente em crianças.
- Modo de preparo:
- 3 galhos de poejo (Mentha Pulegium)
- 4 galhos de hortelã (Mentha piperita)
- 4 folhas de mentrasto (Ageratum conyzoides L.Sieber)
- 1/2 litro de leite de coco
- Açúcar
- Colocar ao forno até dar ponto de cocada.

Descrição científica

- Não existem estudos científicos ligados a esta composição de alimentos e ervas para abertura de apetite, no entanto, algumas destas ervas são consideradas anti vermífugas, o que certa forma pode contribuir para melhora intestinal e por consequência na regulação da alimentação.

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Chá de Moranguinho do mato (Fragaria vesca var.) e Macelinha (Achyrocline satureoides)
- Usa-se o chá para com bate ao mal de Simoto
- Modo de preparo:
- 3 galhos de marcelinha
- 3 galhos de moranguinhos
- Colocar na água quente os ramos, deixar tampado para as ervas reagirem com o calor.

Descrição científica

- Segundo Ávila (2008), o moranguinho do mato combate diarreias, afecções intestinais, gastrite, falta de apetite, entre outros. Neste ponto podemos correlacionar ao combate do mal de Simioto.
- Já a Macelinha também segundo o mesmo autor, possui indicações digestivas e estomacais, o que certa forma pode aliviar as irritações e alergia causada pelo leite de vaca de leva ao mal de Simoto.

Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas

- Chá de losna (Artemísia Vulgaris, L.)
- O chá é utilizado para doenças urinárias e combate a cólicas.
- Há uma prática de uso ligada ainda a diferenciação para homens e mulheres, sendo a branca para o sexo masculino e a verde para o feminino.
- Modo de preparo:
- 5 folhas da losna (Artemísia Vulgaris, L.)
- 1 copo de água fervida
- Colocar as folhas na água quente para reagir com as propriedades da losna.

Descrição científica

- Segundo Ávila (2008) em Índice Terapêutico Fitoterápico, a losna é indicada e utilizada para regular funções menstruais, fertilizantes, cólicas, dores reumáticas, inflamações intestinais, entre outras. O que se verifica uma correlação direta entre a prática popular e científica para a erva

Conclusão

Estes conhecimentos gerados no seio da casa e da unidade familiar são importantes, pois ao serem socializados com outras mulheres nos espaços sociais, são validados e/ou apurados a partir da troca de experiências, o que leva a uma identidade obtida pelo pertencimento a um determinado grupo cultural ou étnico, e, em termos de patrimônio representa a manutenção de saberes deixados por gerações antepassadas, que se consegue manter vivos pelo processo de ressignificação contínua (GOMES, 2011; TOLEDO E BARRERA-BASSOLS, 2015).

Além disso, o conhecimento guardado por cada uma destas mulheres participantes do projeto e de todas as outras que estão em contato direto com a natureza, representam a síntese da experiência individual e coletiva historicamente acumulada e transmitida a outras gerações.

Esta experiência pessoal e particular de cada agricultora e de sua família é adquirida pela repetição do ciclo produtivo anual, pela simbiose com a natureza e enriquecida por variações de eventos imprevistos e surpresas diversas (TOLEDO E BARRERA-BASSOLS, 2015). Esses acontecimentos e variações temporais que resultam na apuração de técnicas e formas de uso do meio resultam de certa forma do grau, da capacidade de como estes conhecimentos foram transmitidos oralmente. Fato este que pode ser verificado nas ações de troca entre o grupo de processamento que no decorrer do contato da equipe e nos cursos oferecidos, o saber compartilhado por meio do diálogo direto entre indivíduo, seus pais e depois reproduzido representavam uma simbiose entre o que foi adquirido no passado, bem como no compartilhado no presente através dos cursos.

O mais interessante deste hibridismo e apuramento de técnicas, práticas e conhecimentos é justamente a maneira como ocorre à permanência da sabedoria tradicional ao longo do tempo em dezenas, centenas, e milhares de anos. Que mesmo impactados por crises, turbulências e alterações há um contínuo histórico que revela um formidável mecanismo de memorização, de representação, de formação e de manutenção de lembranças, que, no fundo, expressa certo código de memória (MENESES, 2007; TOLEDO E BARRERA-BASSOLS, 2015; GOMES, 2011).

Essa capacidade de manutenção de lembranças e códigos da memória, que tem sido em grande parte responsável pela conservação da natureza e da vida, tem sido possível, essencialmente, pelo papel que a mulher desenvolve na criação das novas gerações, no cuidado com a saúde e especialmente, no caso das agricultoras e populações tradicionais, na forma como aplicam suas técnicas e conhecimentos junto ao meio, utilizando sua sensibilidade ecológica nos mínimos detalhes. Mesmo por todo esse protagonismo na história a ciência racionalista e a sociedade androecntrica produtivista insistem em não referenciar ou colocá-la sob um patamar minimamente de igualdade ao homem.

Não se trata de inversão dos papéis, nem de disputa de posições e poder, trata-se de uma construção coletiva e conjunta de uma sociedade melhor e mais humana, a qual permite homens e mulheres viverem e poderem disfrutar essencialmente da vida e daquilo que ela pode oferecer a partir de uma consciência ecológica. O que surgirá quando aliarmos ao nosso conhecimento racional uma intuição da natureza não-linear e diversa de nosso mundo, de nossa sociedade, do outro e do meio ambiente.

Sabedoria intuitiva esta, característica de culturas tradicionais, agrícolas, consideradas pela sociedade capitalista como não-letradas, pelo sentido de vida destes grupos estarem organizados em torno de uma consciência altamente refinada do meio ambiente (CAPRA, 1982). O que para nossa lógica produtivista e patriarcal, não permite ser pensada pela crescente separação entre os aspectos biológicos e culturais da natureza humana.

Conclusão

O que para nossa lógica produtivista e patriarcal, não permite ser pensada pela crescente separação entre os aspectos biológicos e culturais da natureza humana.

O que podemos dizer é que há uma esperança contínua no processo de mudança e que identificamos sob os inúmeros acontecimentos e manifestações que vem ocorrendo especialmente em nosso país, e na realidade a qual esta pesquisa se desenvolveu.

Comparados há uma década os movimentos em prol da agroecologia, da patrimonialidade, da saúde e de uma vida mais saudável e humana, que tem colocado a mulher como centro desta mudança vem sendo cada vez maior.

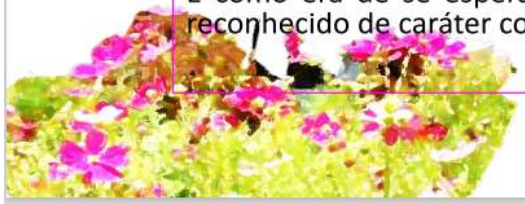
Se verificarmos as políticas ligadas à saúde e a integração das ervas e conhecimentos tradicionais no SUS- Sistema único de Saúde, verifica-se que nesta última década, partimos de um país quase desconhecedor de práticas tradicionais de usos de ervas medicinais, para um dos países com legislação mais avançada de usos de fitoterápicos ligados ao conhecimento tradicional alinhando à medicina convencional estes saberes. Ampliando largamente os registros de medicamento tradicional fitoterápico e os usos realizados pelas comunidades tradicionais.

Em termos de resgate e conservação patrimonial, temos desde o início dos anos 90 um intenso investimento internacional no amparo e promoção de forma não apenas materiais mais imateriais do patrimônio na forma de manifestações, saberes e práticas tradicionais do conhecimento. No Brasil a atuação do IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tem se mostrado intensa e garantido a conservação de muitas obras, edifícios, monumentos, além das manifestações imateriais, inclusive de comunidades isoladas e pobres.

Em termos de meio ambiente, verificamos uma preocupação crescente com a ecologia, expressa inclusive por meio do desenvolvimento de uma nova ciência/prática que repensa a relação homem-meio-comunidades tradicionais, influenciado movimentos de cidadãos, universidades e novos agentes na organização em torno de questões sociais e ambientais, sem precedentes. Apontando para um novo paradigma no qual se considera os limites para o crescimento e advogando em nome de uma nova ética ecológica.

E como era de se esperar, em todas estas ações o movimento e as questões feminista estão juntando forças para o reconhecido de caráter comum de seus objetivos para juntos continuarem essa poderosa força de transformação social.

Paz e Bem!!!



ANEXOS

ANEXO A- Arguição da orientadora Dulce Anderatta Whitaker

Teria sido uma aventura - e também suprema ventura - se eu pudesse ter estado com Thauana, na banca que avaliou sua tese de doutorado, tese que consegui orientar, apesar do precário estado de saúde em que me encontrei em diferentes momentos nos quais a desenvolveu.

Infelizmente, apesar da melhora considerável que alcancei nos momentos finais da sua orientação, passei a madrugada do grande dia em emergência hospitalar.

Queria participar da banca que examinou sua Tese, para enfatizar oficialmente o caráter de guerreira de Thauana Guerreira, tal como nossa Vera Botta, que sempre nos apoiou - e sempre nos apoiará - desde os anos de I.C na UNESP, e posteriormente também na UNIARA - Guerreira feminista, e tão feminista que produz, concomitantemente, pesquisas e crianças. Em meio a projetos, Dissertações e Teses, Thauana presenteia o mundo com "quase" três crianças. Duas delas, já nos encantam há algum tempo. E a terceira estava com ela naquele momento memorável, embora não o soubesse. Ou será que sabia?

Pensemos então no caráter feminino de suas pesquisas, as quais caminham paralelamente ao desenvolvimento da nova ciência em sua preocupação com a sabedoria das populações tradicionais, sabedoria pouco reconhecida pela ciência positivista e eurocêntrica. É preciso lembrar aqui as novas correntes científicas, com suas teorias da complexidade adquirem "tonalidades" femininas, como bem anunciava Capra já nos anos 1980.

Assim, ao mesmo tempo que cientistas, intelectuais e militares ambientalistas buscam soluções, situam novos paradigmas científicos com novas propostas para enfrentar os problemas causados pelo industrialismo - industrialismo esse que transformou a agricultura em devastação - Thauana valoriza as práticas tradicionais e demonstra com maestria que tais práticas podem ser testadas e comprovadas cientificamente como adequadas.

Mas sua tese não é apenas um estudo de caso, análise de uma situação micro na qual mulheres guerreiras como ela, lutam para produzir e colocar no mercado, suas ervas medicinais, seus aromas, seus temperos…

Só pesquisar esse aspecto já seria de grande valor, pelas suas descrições e comparações científicas, tendo como pano de fundo a complicada socieabilidade da convivência entre os sexos (ou gêneros?)

Mas Thauana vai além! Em sua tese, ela mostra como tal sabedoria existiu desde sempre e se desenvolveu antes e apesar da emergência do patriarcado quando as mulheres eram divinizadas por grupos humanos que se deslumbraram com a produção de crianças. Imaginemos a cena: o corpo se abria, e um milagre acontecia - o milagre da vida - aquele mesmo que Thauana consegue produzir com suas Teses. Divina Thauana! Ou seja: somos divinas sem deixar de amar os homens, que nos ajudam a realizar os frutos do amor.

Mas a tese de Thauana nos lembra também que, com o surgimento do patriarcado, esse mesmo milagre serviu para aprisionar e escravizar a mulher. E demonstra, indo além que, a partir dos problemas ambientais que a humanidade enfrenta, volta-se a dar valor à sabedoria das populações tradicionais. Nesse contexto, a sabedoria feminina tradicional tem chance de retomar sua importância. São estes os

fatores que compõem a totalidade histórica na qual se insere a Tese de Thauana. Exemplar, portanto, seu trabalho ao estabelecer a ligação entre o micro e o macro sócio-histórico.

Sinto-me feliz por ter orientado esta Tese, mas sei que toda orientação tem um lado coletivo como assinalam Deleuze e Guattari, qualquer livro é um trabalho coletivo. O que não dizer então de uma Tese? Sei que este trabalho tem muito de coletivo. Mestres e colegas nos apoiaram e/ou nos inspiraram. Não é possível citar a todos. Mas devo agradecer muitíssimo aqueles que ajudaram Thauana durante os meses em que estive em dúvida se partiria ou permaneceria neste planeta que tanto precisamos salvar.

E devo agradecer especialmente ao professor Dr. S.que assumiu a responsabilidade de orientar Thauana naqueles momentos dramáticos nos quais quase me ausentei definitivamente do mundo conhecido. E por último, mas não menos importante, agradecimentos especiais aquelas mulheres participantes desta pesquisa que nos ajudaram com sua sabedoria.

Obrigada a todos.
Parabéns, Thauana.

ANEXO B- Apostila compilada dos usos das ervas segundo a ANVISA

As alegações terapêuticas consideram apenas as formas de preparo e usos específicos aqui tratados, ficando excluídas desta resolução ações farmacológicas e indicações terapêuticas que, embora relevantes pelo uso tradicional, ou subsidiadas por estudos científicos, requeiram formas de preparação ou uso não previstas nesta Resolução.											
Nomenclatu ra botânica	Nomencla tura popular	Parte utilizad a	Forma de utilização	Posologia e modo de usar	Via	Uso	Alegações	Contra indicações	Efeitos adverso s	Informaçõ e s adicionais em	Referênci as
Achillea millefolium	Mil folhas	Partes aéreas	Infusão: 1-2 g (1-2 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá 3 a 4 x dia	Oral	A/I	Falta de apetite, dispepsia (perturbaçõ digestivas), febre, inflamação cólicas	Não deve utilizado por pessoas portadoras úlcera ou duodenal ou com oclusão das vias biliares	O uso pode causar cefaléia e inflamaçã o. O uso prolongad o pode provocar reações alérgicas. Caso ocorra, um desses sintomas, suspender o uso e consultar um especialist a	----------	WICHTL, MILLS & BONE, ALONSO,
Achyrocline satureioides	Macela; Marcela; Marcela do campo	Sumida des floridas	Infusão: 1,5 g (1/2 col de sopa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá 4 x ao	Oral	A/I	Má digestão cólicas intestinais; como leve; e como antiinflamat o	----------	----------	----------	ALONSO, GUPTA et 1995 IPATINGA, 2000 SIMÕES et 1998
Aesculus hippocastan um	Castanha-da-índia	Sement es com casca	Decocção: 1,5 g (½ col sopa) em 150 mL (xíc	Utilizar 1 chá, 2 x logo após refeições	Oral	A	Fragilidade capilar, insuficiência venosa (hemorróida	Não utilizar gravidez, lactação, insuficiência hepática e	Altas doses podem causar irritação	Não utilizar junto com anticoagulan tes	BLUMENT , 2000 ALONSO, CARDOSO, 2009

			chá)				varizes)	renal, como também em casos de lesões da mucosa digestiva em	do trato digestivo, náusea e vômito		
Ageratum conyzoides	Mentrasto, Catinga de bode	Partes aéreas sem as flores	Infusão: 2-3 g (2-3 col chá) em 150 mL (xíc de chá)	Utilizar 1 xíc chá de 2 a 3 x ao dia	Oral	A	Dores articulares (Artrite, artrose) e reumatismo	Não deve ser utilizado por pessoas com problemas hepáticos	----------	Nunca usar por mais de três semanas consecutivas	DINIZ et al., 2006 MATOS et al, 2001 MATOS, 1997b MATOS, 1998 MELO-
Allium sativum	Alho	Bulbo	Maceração: 0,5 g (1 col café) em 30 mL (cálice)	Utilizar 1 cálice 2 x dia antes refeições	Oral	A/I	Hipercolesterolemia (colesterol elevado). como expectorant anti-séptico	Não deve utilizado por menores de três anos e pessoas gastrite e úlcera hipotensão (pressão e (concentraç de açúcar baixo no sangue). utilizar em caso de hemorragia em com anticoagulas	Doses acima da recomendada podem causar desconforto gastrointestinal	Descontinuar o uso 10 dias antes qualquer cirurgia. Deixar a droga seca rasurada por cerca de uma hora em maceração	WICHTL, MILLS & BONE, GRUENWA et al, 2000

Anacardium occidentale	Cajueiro	Entrecasca	Decocção: 4,5 g (1 ½ co sopa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc, 3 a 4 x dia	Oral	A	Diarréia não infecciosa	Não deve ser utilizado por período superior ao recomendado. Deverá ser utilizado com cautela na gravidez	----------	Não utilizar junto com anticoagulantes, corticóides e antiinflamatórios	LORENZI & MATOS, 2008
				Aplicar compressa na região afetada 3 a 4 x dia	Tópico		Lesões como anti-séptico e cicatrizante				
Arctium lappa	Bardana	Raízes	Decocção: 2,5 g (2,5 col chá) em 150 ml (xíc chá)	Utilizar 1 xíc chá 2 a 3 x ao dia	Oral	A	Dispepsia (Distúrbios digestivos). Como diurético e como antiinflamatóri o nas dores	----------	----------	----------	GARCIA et al, 1999 GRUENWALD, et al, 2000 WICHTL, 2003
				Aplicar compressas na pele lesada 3 x ao dia	Tópico	A	Dermatites (irritação da pele), como anti-séptico e antiinflamat				
Arnica montana	Arnica	Flores	Infusão: 3 g (1 col de sopa) em 150 mL (xíc chá)	Aplicar compressa área a ser tratada de x ao dia	Tópico	A/I	Traumas, contusões, torções, edemas a fraturas e torções. Hematomas	Não utilizar por via oral, pois pode causar gastrenterit distúrbios cardiovasculares, falta de morte. Não aplicar em feridas	Pode, em casos isolados, provocar reações alérgicas na pele como vesiculação e necrose. Não utilizar por um	Evitar o uso em concentrações às recomendadas.	PROPLAM, 2004 SIMÕES et 1998 WICHTL, MILLS & BONE, ESCOP, CARDOSO, 2009

									período superior a 7 dias pois o uso prolongad o pode provocar reações do tipo dermatite de contato (irritação da pele), formação de		
Baccharis trimera	Carqueja; Carqueja amarga	Partes aéreas	Infusão: 2,5 g (2,5 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc chá de 2 a 3 x ao dia	Oral	A	Dispepsia (Distúrbios da digestão)	Não utilizar em grávidas, pois pode promover contrações uterinas. Evitar o uso concomitante com medicamentos para	O uso pode causar hipotensã o (queda da pressão)	----------	ALONSO, 1998 GUPTA et al, 1995 PROPLAM, 2004 SIMÕES et al. 1998 ALONSO 2004
Bidens pilosa	Picão	Folhas	Infusão: 2 g (1 col sobremesa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc chá 4 x ao dia	Oral	I	Icterícia (coloração amarelada de pele e mucosas devido a uma acumulação	Não utilizar na gravidez	----------	----------	GUPTA et al, 1995 IPATINGA, 2000 SIMÕES et al
Calendula officinalis	Calêndula	Flores	Infusão: 1-2 g (1 a 2 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Aplicar compressa na região afetada 3 x ao dia	Tópico	A/I	Inflamações e lesões, contusões e queimaduras	----------	----------	----------	WICHTL, 2003 MILLS & BONE, 200

Caesalpinia ferrea	Jucá, Pau-ferro	Favas	Decocção 7,5 g (2,5 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Aplicar compressa região de 2 a 3 x dia	Tópico	A	Lesões, adstringente hemostático cicatrizante anti-séptico	----------	----------	----------	DINIZ et 2006 IEPA, 2005 MATOS, MELO-al., 1998
Casearia sylvestris	Guaçatonga, Erva-de-bugre, Erva-de-lagarto	Folha	Infusão 2 a 4 g (1 a 2 col de sobremesa) em 150 ml (xíc chá)	Utilizar 1 chá 3-4 dia	Tópico	A/I	Dor e como anti-séptico e cicatrizante tópico	Não utilizar gravidez lactação	----------	----------	LORENZI & MATOS,
					Interno	A/I	Dispepsia (distúrbios digestivos), gastrite e halitose hálito)				ITF, 2008
Cinnamomum verum	Canela, Canela-do-Ceilão	Casca	Decocção: 0,5-2 g (1 a 4 col café) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá de 2 a ao dia	Oral	A	Falta de apetite, perturbaçõe digestivas cólicas flatulência (gases) e sensação de plenitude gástrica	Não utilizar gravidez	Podem ocorrer reações alérgicas de pele e mucosas	----------	WICHTL, GRUENWA et al, 2000 GARCIA et 1999
Citrus aurantium	Laranja-amarga	Flores	Maceração: 1-2 g (1-2 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 a xíc chá, de dormir	Oral	A/I	Quadros de insônia, calmante suave	Não deve utilizado por pessoas portadoras distúrbios cardíacos	----------	Respeitar rigorosamte as recomendas. Deixar em maceraçã por 3 a 4 horas	WICHTL, GARCIA et 1999 LORENZI & MATOS,

Cordia verbenacea	Erva- baleeira	Folha	Infusão: 3 g (1 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc, 3 x dia Aplicar compressa na região afetada 3 x dia	Oral Tópico	A	Inflamação em contusões e dor	----------	----------	----------	LORENZI & MATOS, 2008
Curcuma longa	Curcuma, Açafroa, Açafrão da Terra	Rizomas	Decocção: 1,5g (3 col café) em 150 mL (1 xíc chá)	Utilizar 1 chá 1 a 2 x dia	Oral	A/I	Dispepsia (distúrbios digestivos). Como antiiinflamaio	Não deve utilizado por pessoas portadoras obstrução dutos em caso de úlcera gastroduode. Em caso de cálculos biliares na vesícula), utilizar somente avaliação médica.	----------	Não junto anticoagultes	WICHTL, GARCIA et 1999 ALONSO, OMS,
Cymbopogon citratus	Capim santo, Capim limão, Capim cidró, Capim cidreira, Cidreira	Folhas	Infusão: 1-3g (1 a 3 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá de 2 a ao dia	Oral	A/I	Cólicas intestinais e uterinas. Quadros de insônia, calmante suave	----------	----------	Pode aumentar efeito de medicamentos (calmant	BIESKI & MARI 2005 DINIZ et 2006 GILBERT 2005 GUPTA et 1995 IEPA, 2005 MATOS et 2001 MATOS, MATOS,

											MATOS, MATOS, MELO- al., 1998 PROPLAM, 2004 SIMÕES et 1998 VIANA et 1998 BARBOSA 2009 LUZ 1998
Cynara scolymus	Alcachofra	Folhas	Infusão: 2 g (1 col sobremesa) em 150mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá 3 x ao	Oral	A	Dispepsia (distúrbios digestão)	Não deve utilizado por pessoas doenças da vesícula Usar cuidadosame e em com grave, hepática e câncer hepático	O uso pode provocar flatulência (gases), fraqueza e sensação de fome	----------	GARCIA et 1999 MATOS, PROPLAM, 2004 WICHTL, MILLS & BONE, CARDOSO, 2009
Echinodorus macrophyllus	Chapéu de couro	Folhas	Infusão: 1 g (1 col chá) em 150 mL (xíc de chá)	Utilizar 1 chá 3 x ao	Oral	A	Edemas (inchaço) retenção de líquidos e processos inflamatório	Não deve utilizado por pessoas portadores insuficiência renal e cardíaca	Não utilizar doses acima da recomen ada pois pode causa diarréia	Pode interagir com medicame os anti- hipertensi s, queda da pressão	AMARAL 2005 PROPLAM, 2004 GILBERT 2005
Equisetum arvense	Cavalinha	Partes aéreas	Infusão: 3 g (1 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc chá 2 a 4 x ao dia	Oral	A	Edemas (inchaços) retenção de líquidos	Não deve utilizado por pessoas insuficiência renal e cardíaca	Uma alergia rara pode ocorrer em pacientes sensíveis à	----------	ALONSO, MARINGÁ, 2001 IPATINGA, 2000 MILLS & BONE,

									nicotina. O uso por período superior ao recomend ando pode provocar dor de cabeça e anorexia. Altas doses podem provocar irritação gástrica, reduzir os níveis de vitamina B1 e provocar irritação		
Erythrina verna	Mulungu	Casca	Decocção: 4 a 6 g (2 a 3 col de sobremesa) em 150 ml (xíc chá)	Utilizar 1 xíc chá de 2 a 3 x ao dia	Oral	A	Quadros leves de ansiedade e insônia, como calmante suave	----------	----------	Não usar por mais de 3 dias seguidos	LIMA et al, 2006 MATOS, 1997a MATOS, 1997b IRATINGA
Eucalyptus globulus	Eucalipto	Folhas	Infusão: 2 g (col sobremesa) em 150 mL (xíc chá)	Fazer de 2 a 3 x dia	Inalat ório	A	Gripes e resfriados desobstruçã das vias respiratórias como adjuvante tratamento bronquite e asma	Não deve utilizado por pessoas inflamação gastrointesti e biliar, doença hepática gravidez, lactação e menores de anos.	Em casos raros, pode provocar náusea, vômito e diarréia	Evitar o associado com sedativos anestésico analgésico pois pode potencializ suas Pode interferir com tratamen	ALONSO, MATOS, MATOS, PROPLAM, 2004 WICHTL, BLUMENT , 2000 GARCIA et 1999

										hipoglice antes. Colocar a infusão recipient aberto, cobrir a cabeça um pano junto ao recipient inalar	
Eugenia uniflora	Pitangueir a	Folhas	Infusão: 3 g (1 colher de sopa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 cálice (30 após a evacuação no x ao dia	Oral	A	Diarréia não infecciosa	----------	----------	----------	ALONSO,
Glycyrrhiza glabra	Alcaçuz	Raiz	Infusão: 4,5 g (1 ½ col sopa) em 150 ml (xíc chá)	Utilizar 1 de chá 3-4 dia	Oral	A	Tosses, e resfriados	Não deve utilizado gravidez pessoas hipertensão arterial, hiperestrog mo e	Possível quadro de pseudoald osteronis mo por ação mineraloc orticóide (caracteriz ado por retenção de sódio, cloro e	Deve cautela associar anticoagul tes, corticóides antiinflam órios	ALONSO, GARCIA,
									água, edema, hipertensã o arterial e ocasional mente mioglobin		

Hamamelis virginiana	Hamaméli s	Casca	Decocção: 3-6 g (1-2 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Aplicar em compress as na região afetada 2 a 3 x ao dia	Tópic o	A/I	Inflamaçõe s da pele e mucosas. Hemorróida s	----------	Não ingerir, pois pode, eventual m ente, provocar irritação gástrica e vômitos	Nunca usar continua men te por mais de 4 semanas	WICHTL, 2003 GRUENWA LD, et al, 2000 GARCIA et al, 1999
Harpagophy tum procumbens	Garra do diabo	Raiz	Infusão: 1 g (1 colher de chá) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc, 2 a 3 X dia	Oral	A	Dores articulare s (Artrite, artrose, artralgia)	Não utilizar em portadores de úlceras estomacais e	----------	----------	ITF, 2008
Illicium verum	Anis estrelado	Fruto	Infusão: 1,5 g (1 ½ col de chá) em 150 ml (xíc chá)	Utilizar 1 de chá 3-4 dia	Oral	A	Bronquite como expectorant	Não utilizar gravidez e hiperestrog mo	O uso pode ocasionar reações de hipersensi bilidade cutânea, respiratóri a e gastrintest inal	----------	ALONSO, MATOS,
Justicia pectoralis	Chambá, Chachamb á, Trevo-cumaru	Partes aéreas	Infusão: 5 g (5 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá de 2 a ao dia	Oral	A/I	Tosse, como expectorant broncodilata r	Pacientes problemas coagulação em uso de anticoagula s e	----------	----------	BIESKI & MARI 2005 DINIZ et 2006 GUPTA et

											1995 MATOS et al, 2001 MATOS, 1997a MATOS, 1998 MATOS
Lippia alba	Erva-cidreira, Falsa erva-cidreira, Falsa-melissa	Partes aéreas	Infusão: 1 a 3 g (1 a 3 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá de 3 a ao dia	Oral	A/I	Quadros de insônia, calmante suave. abdominais, distúrbios estomacais, flatulência (gases), digestivo, e expectorant	Uso cuidadosame em com hipotensão (pressão	Doses acima da recomen ada podem causar irritação gástrica, bradicardi a (diminuiç ão da freqüência cardíaca) e hipotensã o (queda da pressão)	----------	BIESKI & MARI 2005 DINIZ et 2006 GILBERT et 2005 GUPTA et 1995 IEPA, 2005 IPATINGA, 2000 MATOS et 2001 MATOS, MATOS, MATOS, MELO-al., 1998 PROPLAM, 2004 LUZ 1998
Lippia sidoides	Alecrim-pimenta	Folhas	Infusão: 2-3 g (2-3 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Aplicar de 3 x ao dia	Tópic o: Garga rejos, boche chos e lavag ens	A	Inflamações boca e garganta, como anti-séptico	----------	----------	Não deve usado em inalações devido à ação irritante vapores. Não o após o bochecho gargarejo	GILBERT et 2005 MATOS, MATOS, MATOS, VIANA et 1998

Malva sylvestris	Malva	Folhas e flores	Infusão: 2 g (1 col sobremesa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc chá 4 x ao dia	Oral	A	Afecções respiratórias como expectorante	----------	----------	----------	ALONSO, 1998 GARCIA et al, 1999 PROPLAM, 2004 SIMÕES et al. 1998 ALONSO, 2004
			Infusão: 6 g (2 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Aplicar de 3 a 4 x ao dia	Tópic o		Contusões e dos processos inflamatórios da boca				
Matricaria Recutita	Camomila	Flores	Infusão: 3 g (1 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá de 3 a ao dia	Oral	A/I	Cólicas intestinais. Quadros de como suave	----------	Podem ocorrer reações alérgicas ocasionais. Em caso de superdose, pode ocorrer o aparecimento de náuseas, excitação nervosa e insônia		MATOS, PROPLAM, 2004 WICHTL, MILLS & BONE, ALONSO, CARDOSO, 2009
			Infusão: 6-9g (2-3 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Aplicar de 4 x ao dia, forma de compressa bochechos gargarejos	Tópic o		Contusões e dos inflamatório da boca e gengiva			Não a infusão região próxima olhos	
Maytenus Ilicifolia	Espinheira santa	Folhas	Infusão: 1-2 g (1-2 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá de 3 a ao dia	Oral	A	Dispepsia (distúrbios digestão), e gastrite. Coadjuvante no episódico de prevenção úlcera em de antiinflamat	Não deve utilizado por crianças menores de anos. Não utilizar em grávidas até terceiro mês gestação e lactantes, promove a	O uso pode provocar secura, gosto estranho na boca e náuseas	----------	AMARAL 2005 GUPTA et 1995 IPATINGA, 2000 LIMA et al, MARINGÁ, 2001 PROPLAM, 2004

							os não esteroidais	redução do leite			SIMÕES et al. 1998
Melissa Officinalis	Melissa, Erva-cidreira	Sumidades floridas	Infusão: 2 a 4g (1-2 col sobremesa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá de 2 a ao dia	Oral	A	Cólicas abdominais. Quadros de ansiedade e insônia, calmante suave	Não deve utilizado por pessoas hipotiroidismo (redução da função da tireóide)	Utilizar cuidadosamente em pessoas com pressão baixa	----------	GARCIA et 1999 MATOS, PROPLAM, 2004 SIMÕES et 1998 WICHTL, MILLS & BONE, ALONSO,
Mentha x Piperita	Hortelã-pimenta	Folhas e sumidades floridas	Infusão: 1,5 g (3 col café) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá de 2 a ao dia	Oral	A/I	Cólicas, flatulência (gases), problemas hepáticos	Não deve utilizado em casos de obstruções biliares, hepáticos severos e durante a lactação. Na presença de cálculos biliares, consultar profissional saúde antes usar	----------	----------	WICHTL, MATOS, MILLS & BONE, GRUENWA et al, 2000 GARCIA et 1999
Mentha Pulegium	Poejo	Partes aéreas	Infusão: 1 g (1 col sobremesa) em 150	Utilizar 1 chá de 2 a ao dia ou após refeições	Oral	A	Afecções respiratórias como expectorant Estimulante apetite, perturbaçõe digestivas, espasmos gastrointestis, cálculos biliares e colecistite	Não deve utilizada na gravidez, lactação e crianças menores de anos. Contraindica se o uso prolongado inalação	A administração em doses e tempo de uso acima dos recomendados pode promover danos no fígado e ocasionar problemas na	----------	GARCIA et 1999 GRUENWA et al, 2000 IPATINGA, 2000 MATOS,

									gravidez		
Mikania glomerata	Guaco	Folhas	Infusão: 3 g (1 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá 3 x ao	Oral	A/I	Gripes e resfriados, bronquites alérgica e infecciosa, como expectorant	----------	A utilização pode interferir na coagulação sanguínea. Doses acima da recomendada podem provocar vômitos e diarréia;	Pode interagi com antiinflamatórios esteroi	BIESKI & MARI 2005 GILBERT et 2005 GUPTA et 1995 IPATINGA, 2000 MARINGÁ, 2001 MATOS et 2001 MATOS, MATOS, PROPLAM, 2004 VIANA et 1998 LUZ 1998
Momordica charantia	Melão-de-São-Caetano	Folhas, frutos e sementes	Decocção: 5 g em 1L	Aplicar locais 2 x dia ou banhar-se vez ao dia	Tópico	A	Dermatites (irritação da pele) e escabiose (sarna)	----------	----------	Pode interagi com hipoglicantes. utilizar via oral, pode coma hipoglicco (por diminui de sangue) convuls em proble hepátic dor de cabeça	ALONSO, GUPTA et 1995 IEPA, 2005 MATOS, MELO-al., 1998
Passiflora	Maracujá	Folhas	Infusão:	Utilizar 1	Oral	A/I	Quadros	----------	O uso	Não	DINIZ et

alata 			3 g (1 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	chá de 1 a ao dia			de insônia, calmante suave		pode causar sonolência	usado com medicamos e depress do nervos Nunca utilizar cronicame	2006 GUPTA et 1995 MATOS et 2001 MATOS, MATOS, MATOS, MATOS, MELO- al., 1998 SIMÕES et 1998 VIANA et 1998
Passiflora Edulis 	Maracujá-azedo	Folhas	Infusão: 3 g (1 col opa) em xíc chá)	Utilizar 1 chá de 1 a ao dia	Oral	A/I	Quadros de insônia, suave	----------	Seu uso pode causar	Não usado com os e depress do nervos Nunca utilizar cronicame	DINIZ et 2006 GUPTA et MATOS et 2001 MATOS, MATOS, MATOS, MATOS, MELO- al., 1998 SIMÕES et 1998 VIANA et 1998
incarnata 		aéreas	nfusão: 3 g (1 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá de 3 a ao dia	Oral	A	Quadros de insônia, calmante suave	----------	Seu uso pode causar sonolência	Não usado com medicamos e depress do nervos Nunca utilizar cronicame	MATOS, OMS, 2007 PROPLAM, 2004 MILLS & BONE,

Paullinia cupana	Guaraná	Sementes	0,5-2 g do pó (1 a 4 col café)	Utilizar ou diluído água	Oral	A	Fadiga como estimulante	Não deve ser utilizado por pessoas com ansiedade, hipertiroidismo, arritmias, problemas cardíacos, estomacais e intestinais, taquicardia paroxística, gastrite e irritável	Em altas doses pode causar insônia, nervosismos e ansiedad	Não com drogas bases xântica (café, cola, nem anti-hipertens	GARCIA et 1999 GRUENWA et al, 2000 MILLS & BONE, ALONSO,
Peumus Boldus	Boldo-do-chile	Folhas	Infusão 1 a 2 g (1 a 2 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá 2 x ao	Oral	A	Dispepsia (distúrbios digestão), como colagogo e colerético	Não deve ser utilizado por pessoas com obstrução das vias biliares, doenças severas no fígado e nos casos de gravidez. Usar cuidadosamente em pessoas com doença hepática aguda ou severa, séptica, espasmos do intestino e e câncer hepático	----------	Não exceder a dosagem recomendada	GUPTA et 1995 MATOS, MATOS, PROPLAM, 2004 SIMÕES et 1998 WICHTL, MILLS & BONE, CARDOSO, 2009 LUZ NETTO, 1998
Phyllanthus niruri	Quebra-pedra	Partes aéreas	Infusão: 3 g (1 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá de 2 a ao dia	Oral	A	Litíase renal (cálculos renais) por auxiliar na eliminação cálculos pequenos	Contra indicado na eliminação de cálculos grandes. Não utilizar na gravidez	Em concentrações acima da recomendada pode apresentar	Nunca utilizar mais de semana	BIESKI & MARI 2005 DINIZ et 2006 GILBERT et 2005

									diarréia e hipotensã o (pressão baixa)		GUPTA et al, 1995 IEPA, 2005 MATOS et 2001 MATOS, MATOS, MELO-DINIZ al., 1998 PROPLAM, 2004 SIMÕES et 1998 ALONSO,
Pimpinela anisum	Anis, Erva doce	Frutos	Decocção: 1,5 g (3 col café) em 150 mL água (xíc chá).	Utilizar 1 chá 3x ao	Oral	A/I	Dispepsia (distúrbios digestivos), cólicas gastrointesti s e como expectorant e	----------	----------	A droga vegetal ser amassa imediata te usar	WICHTL, GARCIA et 1999 ALONSO,
Plantago major	Tanchage m; Tansagem achage	Folhas	Infusão: 6-9 g (2-3 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Aplicar no local em e dia	Tópic o	A	Inflamações boca e	Hipotensão arterial (pressão baixa), obstrução intestinal e gravidez	----------	Não a após o bochec gargare Nunca utilizar casca sement	BIESKI & MARI 2005 GARCIA et 1999 GILBERT et 2005 GUPTA et al, 1995 MATOS, ALONSO,
Plectranthus Barbatus	Boldo-nacional, Hortelã-homem, Falso-boldo, Boldo-africano	Folhas	Infusão: 1-3 g (1-3 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 chá de 2 a ao dia	Oral	A	Dispepsia (distúrbios digestão) e hipotensão (pressão	Não deve ser utilizado em gestantes, lactantes, crianças, pessoas com hipertensão (pressão alta), hepatites e obstrução das	O uso pode diminuir a pressão arterial. Doses acima da recomen ada e utilizadas	Não junto metroni l ou dissulfir	BIESKI & MARI 2005 DINIZ et al., 2006 IEPA, 2005 MATOS, MATOS, MATOS, MELO-DINIZ

								vias biliares. Pessoas que	por um período de		al., 1998 PROPLAM,
								fazem uso de medicamentos para o sistema nervoso central devem evitar o	tempo maior que o recomendado podem causar irritaçã		2004 SIMÕES et al. 1998
Polygala senega	Polígala	Raiz	Infusão: 4,5 g (1 ½ colher de sopa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc chá, 3 a 4 X dia	Oral	A	Congestão respiratória, como expectorante	----------	Altas doses produzem efeito emetizant e (provoca vômito) e diarréia	----------	ALONSO, 2004
Polygonum punctatum	Erva-de-bicho, Pimenteira- dágua	Partes aéreas	Infusão: 3 g (1 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Aplicar na região afetada 3 X dia	Tópico	A	Varizes e úlceras varicosas	Gravidez	----------	----------	ITF, 2008
Psidium guajava	Goiabeira	Folhas jovens	Infusão: 2 g (col sobremesa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 cálice (30 ml) após a evacuação em no máximo 10 X ao dia	Oral	A	Diarréias não infecciosas	----------	---------	Não utilizar continuamente	GILBERT et al, 2005 DINIZ et al., 2006 MATOS et al, 2001 MATOS,
					Tópica	A/I	Pele e mucosas lesadas, como anti-séptico				

Punica granatum	Romã	Pericarp o (casca do fruto)	Decocção: 6 g (2 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Aplicar no local afetado, em bochechos e gargarejos 3x dia	Tópico	A	Inflamaçõe s e infecções da mucosa da boca e faringe	----------	Se ingerido, pode provocar zumbid	Não engolir a preparaçã o após o bochecho e	BIESKI & MARI GEMMA, 2005 DINIZ et al.,
							o e anti-		visuais, espasmna panturra e tremor		2001 MATOS, MATOS, MATOS, MATOS, MELO- al., 1998 PROPLA 2004 SIMÕES 1998 VIANA et 1998 OMS,
Rhamnus purshiana	Cáscara sagrada	Casca	Decocção: 0,5 g (col café) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar de ½ a 1 xíc chá, antes de dormir	Oral	A	Constipação intestinal eventual	Não deve utilizado por pessoas com obstrução intestinal, refluxo, inflamação intestinal aguda de Crohn), colite, apendicite dor de origem desconhecid pacientes histórico de polipose intestinal. utilizar lactação, gravidez e menores de anos	Pode ocorrer desconfo o no gastrinte inal, principa mente pacient com irritável além de mudanç de coloraç na	Não fazer uso (mais de semana). uso pode promove diarréia, perda de eletrólito dependên	WICHTL, OMS, ALONSO, CARDOS 2009
Rosmarinus	Alecrim	Folhas	Infusão:	Aplicar no	Tópic	A	Distúrbios	Não deve	Usado	----------	BIESKI &

officinalis			3-6 g (1-2 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	local afetado 2 x ao dia	o		circulatórios como anti-séptico e cicatrizante	utilizado por pessoas com doença prostática, gastroenteri	cronicamente, ou doses excessiva, pode		MARI 2005 IPATING 2000 MATOS,
				Utilizar de 1 a 2 xíc chá ao dia	Oral		Dispepsia (distúrbios digestivos)	dermatoses em geral e om histórico de convulsão	causar irritação renal e gastrointestinal		MATOS, 1998 MATOS, 2000 MELO-DINIZ et al., 1998 MELO-DINIZ et al.
Salix alba	Salgueiro	Casca	Infusão: 3	Utilizar 1 xíc, 2 a 3 X dia	Oral	A	Inflamação, dor e febre. Gripe e resfriados	Não utilizar junto com Maracujá e Noz moscada	----------	Usar cautelosamente junto a anticoagulantes, corticóides e antiinflam	LORENZI & MATOS, 2008 ESCOP, 1997
Salvia	Sálvia	Folhas	Infusão: 3,5 g (7 col café) em 150 mL (xíc chá)	Aplicar no local afetado, em bochechos e gargarejos 1 ou 2 x dia	Tópico	A/I	Inflamações boca e garganta, gengivites e aftas	Não gravidez e lactação, insuficiênc renal e tumores mamários estrógeno dependen	---------	Não a após o bochecho gargarejo pois pode causar náusea, vômitos, abdomin tonturas agitação. Pode a pressão pacientes hipertens Em altas doses ser neurotóxi (causar	WICHTL, MILLS & BONE, GRUEN et al,
			Infusão: 1,5-2 g (3-4 col café) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc chá de 2 a 3 x ao dia	Oral	A/I	Dispepsias (distúrbios digestivos) e transpiração excessiva				

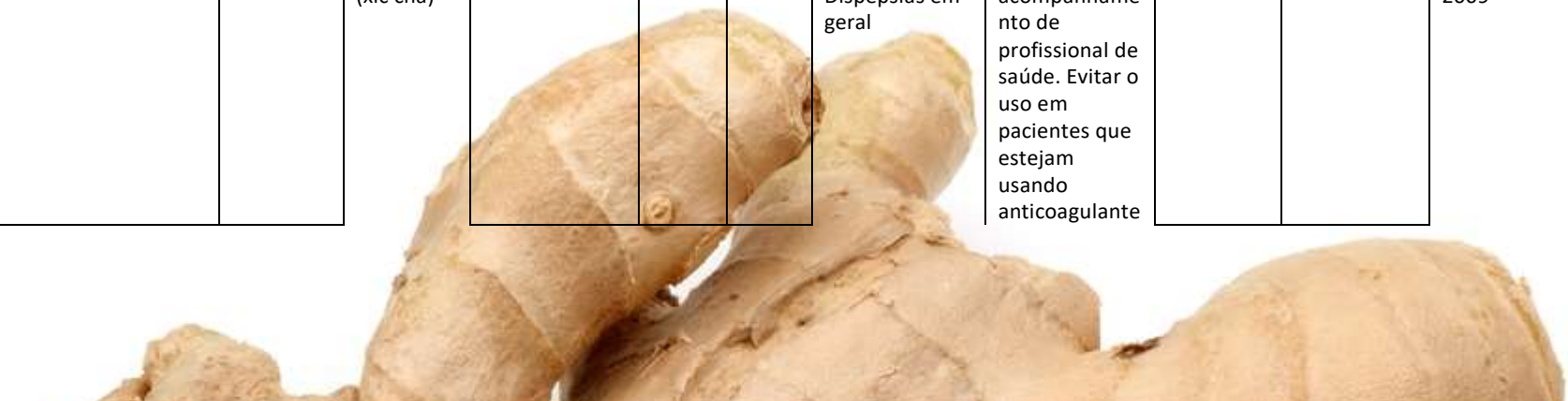
										convulsõ e hepatotóxica (causar	
										no fígado)	
Sambucus nigra	Sabugueiro	Flor	Infusão: 3 g (1 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc, 2 a 3 X dia	Oral	A	Gripe e resfriado	----------	O uso em quantidades maiores que o recomendado pode promover hipocalemia (diminuição da taxa de potássio no organismo)	Não folhas conterem glicosíde cianogênics que ser	NEWALL, ALONSO,
Schinus Terebinthifolio	Aroeira-da-praia	Casca do caule	Decocção: 1 g em 1L água	Aplicar na região afetada 2 x ao dia, em compressas, banhos de assento	Tópico	A	Inflamação vaginal, leucorréia (corrimento vaginal), hemostático adstringente cicatrizante	----------	----------	----------	MATOS, MELO-al., 1998 MELO-al., 2006 PROPLA 2004 SIMÕES 1998
Senna alexandrina	Sene	Fruto e folíolos	Decocção: 1 g (col café) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar de 1 xíc chá, antes de dormir	Oral	A	Constipação intestinal eventual	Não deve utilizado pessoas portadora obstrução intestinal, inflamaçã intestinal aguda de Crohn),	Desconforto do trato gastrintestinal, principalmente pacientes com cólon irritável, mudança	Não fazer uso (mais de semana). uso pode promove diarréia e perda de eletrólito	WICHTL, OMS, CARDOS 2009

								colite, apendicite dor de origem	na coloração da urina		
								diagnostica da, constipaçã o crônica. Não usar em crianças menores de 10 anos			
Solanum paniculatum	Jurubeba	Planta inteira	Infusão: 1 g (1 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc chá de 3 a 4 x ao dia	Oral	A	Dispepsia (distúrbios digestão)	----------	Doses acima da recomen ada e por período de tempo acima do recomen ado podem causar intoxicaçã o com náuseas, vômitos, diarréia, cólicas abdominai s, confusão mental, edema cerebral	----------	GUPTA 1995 IPATING 2000 MATOS, SIMÕES 1998 CEDAC ALONSO,

									morte		
Stryphnoden drom Adstrigens	Barbatimão	Casca	Decocção: 3 g (col sopa) em 1 L de água	Aplicar compressas no local afetado 2-3x ao dia	Tópico	A/I	Lesões cicatrizante anti-séptico tópico na e mucosas bucal e genital	Não deve utilizado lesões processo inflamatór intenso	----------	----------	RODRIG 2006 LIMA et GILBERT 2005
Taraxacum officinale	Dente de leão	Toda a planta	Decocção: 3-4 g (3-4 col chá) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc chá 3x ao dia	Oral	A	Dispepsia (distúrbios digestivos), estimulante apetite e diurético	Não deve utilizado pessoas portadora obstrução dutos biliares e	O uso pode provocar hiperacidez gástrica e	Não em de dois	WICHTL, OMS, ALONSO,

								do trato intestinal. Na ocorrência de cálculos biliares, consultar profissional de saúde antes do uso	hipotensão (queda da pressão)		
Uncaria tomentosa	Unha-de-gato	Entreca sca	Decocção: 0,5 g (1 col café) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc chá de 2 a 3 x ao dia	Oral	A	Dores articulares (artrite e artrose) e musculares agudas, como antiinflamatóri o	Não é recomendado o uso antes e depois de quimioterapia, nem em pacientes hemofílicos. Não utilizar em menores de 3 anos	O uso pode provocar cansaço, febre, diarréia, constipação. Altas doses podem causar sintomas pancreáticos e alterações do nervo óptico	Evitar o uso concomitant e com imunossupressores e em pacientes transplantados ou esperando transplantes	GILBERT et al, 2005 GUPTA et al, 1995 MILLS & BONE, 2004 ALONSO, 2004
Vernonia condensate	Boldo-baiano	Folha	Infusão: 3 g (1 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc, 3X dia, antes das	Oral	A	Dor e dispepsia	----------	----------	----------	LORENZI & MATOS, 2008

Vernonia polyanthes	Assa-peixe	Folha	Infusão: 3 g (1 col sopa) em 150 mL (xíc chá)	Gargarejar e, em seguida, ingerir 1 xícara (150	Oral	A	Bronquite e tosse persistente	Não deve ser utilizada durante a gravidez e lactação	----------	----------	LORENZI & MATOS, 2008
				Aplicar sobre a áre	Tópico	A	Dores musculares				
Zingiber officinale	Gengibre	Rizoma	Decocção: 0,5 – 1 g (1 a 2 col café) em 150 mL (xíc chá)	Utilizar 1 xíc chá de 2 a 4 x ao dia	Oral	A/I	Enjôo, náusea e vômito da gravidez, de movimento e pós-operatório. Dispepsias em geral	Em casos de cálculos biliares, utilizar apenas com acompanhamento de profissional de saúde. Evitar o uso em pacientes que estejam usando anticoagulante	---------	----------	OMS, 1999 WICHTL, 2003 MILLS & BONE, 2004 BARBOSA et al, 2009



								s, com desordens de coagulação, ou com cálculos biliares; irritação gástrica e hipertensão, especialmente em doses altas. Evitar o uso em menores seis anos			

Legenda utilizada na tabela do Anexo I:
A sigla disposta na tabela deve ser substituída pela palavra correspondente na embalagem e folheto informativo do produto.

A – Adulto I – Infantil
L – Litro
mg – miligrama g – grama
mL - mililitro col – colher xíc – xícara
x – vezes

1) **Atividades desenvolvidas no período de 2015 e 2016** – Projeto de Ervas Medicinais

De março de 2015 a março de 2016 foram realizadas as seguintes atividades:

- Março de 2015- Pesquisa de campo nos assentamentos para levantamentos das práticas agroecológicas- visita de lotes.
- Abril de 2015- organização dos dados do perfil agroecológicos dos assentados.
- Maio de 2015- escrita da pesquisa para relatório de conclusão de curso em Residência Agrária.
- Junho de 2015- primeiro contato com a COPAMA para proposta de projeto de ervas medicinais.
- Agosto 2015- Visita em lotes do Assentamento bela Vista do Chibarro para levantamento de saberes ligados ás praticas medicinais.
- Setembro 2015- Levantamento de parceiros comerciais para possível compra de ervas medicinais produzidas na região – foram levantadas 3 lojas parceiras (Empório São Francisco, Varejão Bela Vista e Fharmacia Homeopática).
- Outubro de 2015- Negociação de compra de equipamento e parceria de projeto do CNPq Casadinho/PROCAD.
- Novembro de 2015- Ida ao MAPA para levantamento de informações para efetivação do projeto de processamento de ervas.
- Dezembro de 2015- Visita aos lotes de mulheres assentadas
- Janeiro de 2016- Visita aos lotes de mulheres assentadas
- Fevereiro de 2016- Visita aos lotes de mulheres assentadas